

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP
Instituto de Biociências, Letras e Ciências exatas “Júlio de Mesquita Filho”
- Campus de São José do Rio Preto

FLÁVIA DO CARMO BERTASSO

**COMPLETIVAS COM O PREDICADO MATRIZ *SABER* NA HISTÓRIA DO
PORTUGUÊS: UMA ANÁLISE CONSTRUCIONAL**

São José Do Rio Preto

2026

FLÁVIA DO CARMO BERTASSO

**COMPLETIVAS COM O PREDICADO MATRIZ *SABER* NA HISTÓRIA DO
PORTUGUÊS: UMA ANÁLISE CONSTRUCIONAL**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Estudos Linguísticos.

Área de Concentração: Análise Linguística

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Gisele Cássia de Sousa

São José do Rio Preto

2026

D636c

do Carmo Bertasso, Flávia

Completivas com o predicado matriz saber na história do português: uma análise construcional / Flávia do Carmo Bertasso. -- São José do Rio Preto, 2026

183 p.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto

1. orações completivas com o verbo saber. 2. mudança construcional. 3. construcionalização. 4. história do português. I.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Dados fornecidos pelo autor(a).

IMPACTO POTENCIAL DESTA PESQUISA

Esta pesquisa contribui para os estudos sobre mudança linguística no português ao investigar, em perspectiva diacrônica, em que medida construções completivas com o verbo *saber* se envolvem em mudanças construcionais e em processos de construcionalização. Além disso, o trabalho propõe uma rede hierárquica de esquemas e subsquemas das construções identificadas com *saber*, organizada a partir de suas propriedades formais e funcionais. Desse modo, os resultados ampliam a compreensão sobre as relações entre forma, significado e uso ao longo do tempo, com especial relevância para os estudos baseados na Gramática de Construções.

POTENTIAL IMPACTS OF THIS RESEARCH

This research contributes to studies on linguistic change in Portuguese by investigating, from a diachronic perspective, the extent to which complete constructions with the verb *saber* are involved in constructional changes and processes of constructionalization. In addition, the study proposes a hierarchical network of schemas and subschemas for the constructions identified with *saber*, organized according to their formal and functional properties. In this way, the results broaden the understanding of the relationships between form, meaning, and use over time, with particular relevance to studies grounded in Construction Grammar.

FLÁVIA DO CARMO BERTASSO

Completivas com o predicado matriz *saber* na história do português: uma análise
construcional

Tese apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências,
Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, para obtenção do título de Doutora em
Estudos Linguísticos.

Área de Concentração: Análise Linguística

Data da defesa: 13/03/2026

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Gisele Cássia de Sousa
UNESP - Ibilce - Campus de São José do Rio Preto

Prof^a. Dr^a. Taísa Peres de Oliveira
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves
Universidade Estadual Paulista

Prof. Dr. Edson Francisco Rosa de Souza
Universidade Estadual Paulista

Prof^a. Dr^a. Caroline Carnielli Biazolli
Universidade Federal de São Carlos

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer especialmente:

a Deus, por ter me dado o presente de viver;

à Prof^a Dr^a Gisele Cássia de Sousa que, desde a iniciação científica até o último dia do doutorado, esteve me orientando sábia e carinhosamente;

a meus pais, Milton e Maria das Graças, e a meu marido, João Antonio, que me apoiaram em momentos difíceis e torcem, sempre, para o meu sucesso.

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é analisar, em perspectiva diacrônica, a trajetória histórica de construções com o verbo *saber* complementado por oração finita introduzida pelos conectivos *que* e *se*, a fim de investigar as relações de herança estabelecidas entre essas construções ao longo da história do português e verificar se tais relações se caracterizam como casos de mudança construcional ou de construcionalização, nos termos de Traugott e Trousdale (2021). Parte-se do pressuposto, no âmbito da Gramática de Construções (CROFT, 2001; GOLDBERG, 1995, 2006), de que as construções constituem pareamentos convencionais entre forma e significado, organizados em redes com diferentes nós, e que podem sofrer reconfigurações históricas motivadas por fatores semântico-funcionais e pragmático-discursivos. A pesquisa toma como objeto as construções do tipo [*saber* + *que*-complemento] e [*saber* + *se*-complemento], analisadas em textos representativos dos períodos moderno e contemporâneo do português brasileiro e europeu (séculos XVI a XX). Com base especialmente em Traugott e Trousdale (2021), parte-se da hipótese de que os padrões de construções com *saber* identificados se organizam hierarquicamente, em termos de maior e menor esquematicidade e composicionalidade, e de que há, entre esses padrões, relações de herança diacrônica resultante de processos de mudanças construcionais ou de construcionalização em português. Os dados foram extraídos de cartas pessoais e peças teatrais que integram o “*Corpus* do Português” (DAVIES; FERREIRA, 2006) e o “*Corpus* Histórico do Português *Tycho Brahe*” (GALVES; ANDRADE; FARIA, 2017). Os padrões construcionais identificados foram analisados de acordo com a aplicação de fatores formais e funcionais, com vistas a se averiguar a ocorrência, ou não, de alterações e de relações de derivação entre esses padrões ao longo dos períodos investigados e, em caso afirmativo, caracterizá-las como mudança construcional ou construcionalização. Os resultados evidenciam, de fato, relações de herança diacrônica entre os padrões construcionais com *saber*, caracterizadas majoritariamente como mudanças construcionais, por meio das quais os dois tipos de construção completiva ampliam sua atuação funcional, servindo à expressão de novos significados, com algumas restrições formais no tocante à forma de expressão do sujeito e do tempo-modo verbal, mas sem alteração na fronteira entre matriz e completiva e, com isso, sem modificação em seu grau de composicionalidade. Mudança mais radical se identifica apenas para um dos padrões de construção, aquele em que *saber* e *que* se amalgamam, formando um *chunking* (Bybee, 2010) que passa a operar como um marcador discursivo de organização tópica. Embora se identifique construcionalização para esse caso, os resultados revelam que a mudança não é acompanhada por aumento de esquematicidade da construção, conforme previsto por Traugott e Trousdale (2021) como próprio da construcionalização, comportamento que, conforme propomos, pode estar relacionado ao desenvolvimento bastante incipiente da construção no sistema gramatical do português.

Palavras-chave: orações completivas com o verbo *saber*; mudança construcional; construcionalização; história do português.

ABSTRACT

The aim of this research is to analyze, from a diachronic perspective, the historical trajectory of constructions with the verb *saber* complemented by a finite clause introduced by the complementizers *que* and *se*, in order to investigate the inheritance relations established among these constructions throughout the history of Portuguese and to determine whether such relations are characterized as cases of constructional change or constructionalization, in the sense of Traugott and Trousdale (2021). The study adopts, within the framework of Construction Grammar (Croft, 2001; Goldberg, 1995, 2006), the assumption that constructions are conventional pairings of form and meaning, organized in networks with different nodes, and that they may undergo historical reconfigurations motivated by semantic-functional and pragmatic-discursive factors. The research focuses on constructions of the type [*saber* + *que*-complement] and [*saber* + *se*-complement], analyzed in texts representative of the Modern and Contemporary periods of Brazilian and European Portuguese (16th to 20th centuries). Based especially on Traugott and Trousdale (2021), it is hypothesized that the identified patterns of *saber* constructions are hierarchically organized in terms of greater and lesser schematicity and compositionality, and that diachronic inheritance relations among these patterns result from processes of constructional change or constructionalization in Portuguese. The data were extracted from personal letters and theatrical plays included in the *Corpus do Português* (Davies; Ferreira, 2006) and the *Corpus Histórico do Português Tycho Brahe* (Galves; Andrade; Faria, 2017). The constructional patterns identified were analyzed through the application of formal and functional factors in order to verify the occurrence, or not, of alterations and derivational relations among these patterns across the investigated periods and, when applicable, to characterize them as constructional change or constructionalization. The results reveal diachronic inheritance relations among the constructional patterns with *saber*, predominantly characterized as constructional changes, through which the two types of complement constructions expand their functional scope, serving the expression of new meanings, with certain formal restrictions regarding subject expression and tense-mood marking, but without alteration in the boundary between matrix and complement clause and, consequently, without modification in their degree of compositionality. A more radical change is identified only in one constructional pattern, in which *saber* and *que* amalgamate, forming a chunk (Bybee, 2010) that comes to operate as a discourse marker of topic organization. Although constructionalization is identified in this case, the results show that the change is not accompanied by an increase in schematicity, as predicted by Traugott and Trousdale (2021) as characteristic of constructionalization, a behavior that, as proposed here, may be related to the still incipient development of the construction in the grammatical system of Portuguese.

Key-words: complement clauses; constructional approach; constructional change; constructionalization; history of Portuguese.

LISTA DE FIGURAS, QUADROS E TABELAS

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Representação de uma construção	19
Figura 2 - Exemplo de rede conceitual	21
Figura 3 - Representação de construção	100
Figura 4 - Subesquemas e microconstruções com <i>saber</i>	113
Figura 5 - Rede de esquemas e subesquemas de <i>saber</i> na diacronia	175

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Síntese dos fatores de análise.....	93
Quadro 2 - Padrões das construções com <i>saber</i>	112
Quadro 3 - Graus de esquematicidade e composicionalidade das construções cognitivas.....	148

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Pessoa gramatical nas construções com <i>saber</i>	95
Tabela 2 - Tempo-modo nas construções com <i>saber</i>	97
Tabela 3 - Produtividade dos subesquemas de <i>saber</i> ao longo dos séculos	116
Tabela 4 - Pessoa gramatical na CCog-1	121
Tabela 5 - Preenchimento da posição de sujeito na CCog-1	122
Tabela 6 - Pessoa gramatical escopada na CCog-1	123
Tabela 7 - Tempo-modo verbal na CCog-1	124
Tabela 8 - Referencialidade do sujeito na CCog-1	124
Tabela 9 - Força ilocucionária na CCog-1	125
Tabela 10 - Recursos Formais-Discursivos na CCog-1	126
Tabela 11 - Gênero discursivo na CCog-1	126
Tabela 12 - Variedade do português na CCog-1	127
Tabela 13 - Pessoa gramatical na CCog-2	128
Tabela 14 - Preenchimento do sujeito na CCog-2	128
Tabela 15 - Pessoa gramatical escopada pela CCog-2	129
Tabela 16 - Tempo-modo verbal na CCog-2	130
Tabela 17 - Correferencialidade do sujeito na CCog-2	130
Tabela 18 - Gênero discursivo na CCog-2	131
Tabela 19 - Variedade do português na CCog-2	131
Tabela 20 - Unidade funcional na CCog-3	132
Tabela 21 - Pessoa gramatical na CCog-3	133
Tabela 22 - Preenchimento do sujeito na CCog-3	133
Tabela 23 - Pessoa gramatical escopada na CCog-3	134
Tabela 24 - Tempo-modo verbal na CCog-3	134
Tabela 25 - Força ilocucionária na CCog-3	135
Tabela 26 - Recursos Formais-Discursivos na CCog-3	135
Tabela 27 - Gênero discursivo na CCog-3	135
Tabela 28 - Variedade do português na CCog-3	136
Tabela 29 - Unidade funcional na CCog-4	137
Tabela 30 - Pessoa gramatical escopada na CCog-4	137
Tabela 31 - Tempo-modo verbal na CCog-4	138
Tabela 32 - Correferencialidade do sujeito na CCog-4	138
Tabela 33 - Preenchimento do sujeito na CCog-4	139

Tabela 34 – Pessoa gramatical escopada na CCog-4.....	139
Tabela 35 – Recursos Formais-Discursivos na CCog-4.....	140
Tabela 36 – Gênero discursivo na CCog-4.....	140
Tabela 37 – Variedade do português na CCog-4.....	141
Tabela 38 – Pessoa gramatical na CCog-5.....	142
Tabela 39 – Preenchimento do sujeito na CCog.....	143
Tabela 40 – Pessoa gramatical escopada na CCog-5.....	143
Tabela 41 – Tempo-modo verbal na CCog-5.....	144
Tabela 42 – Correferencialidade dos sujeitos na CCog-5.....	145
Tabela 43 – Força ilocucionária na CCog-5.....	145
Tabela 44 – Recursos Formais-Discursivos na CCog-5.....	146
Tabela 45 – Gênero discursivo na CCog-5.....	147
Tabela 46 – Variedade do português na CCog-5.....	147
Tabela 47 – Pessoa gramatical na CMod-1.....	148
Tabela 48 – Preenchimento do sujeito na CMod-1.....	149
Tabela 49 – Pessoa gramatical escopada na CMod-1.....	150
Tabela 50 – Correferencialidade dos sujeitos na CMod-1.....	150
Tabela 51 – Recursos Formais-Discursivos na CMod-1.....	152
Tabela 52 – Gênero discursivo na CMod-1.....	152
Tabela 53 – Variedade do português na CMod-1.....	153
Tabela 54 – Pessoa gramatical escopada na CMod-2.....	154
Tabela 55 – Correferencialidade dos sujeitos na CMod-2.....	155
Tabela 56 – Gênero discursivo na CMod-2.....	155
Tabela 57 – Variedade do português na CMod-2.....	156
Tabela 58 – Unidade funcional na CMod-3.....	157
Tabela 59 – Pessoa gramatical escopada pela CMod-3.....	158
Tabela 60 – Correferencialidade dos sujeitos na CMod-3.....	158
Tabela 61 – Gênero discursivo na CMod-3.....	159
Tabela 62 – Variedade do português na CMod-3.....	159
Tabela 63 – Unidade funcional na CRep.....	161
Tabela 64 – Pessoa gramatical na CRep.....	163
Tabela 65 – Preenchimento do sujeito na CRep.....	164
Tabela 66 – Pessoa gramatical escopada na CRep.....	164
Tabela 67 – Tempo-modo verbal na CRep.....	165
Tabela 68 – Correferencialidade dos sujeitos na CRep.....	165
Tabela 69 – Gênero discursivo na CRep.....	166
Tabela 70 – Variedade do português na CRep.....	166
Tabela 71 – Preenchimento do sujeito na CMD.....	167
Tabela 72 – Pessoa gramatical escopada pela CMD.....	168
Tabela 73 – Correferencialidade dos sujeitos na CMD.....	168
Tabela 74 – Gênero discursivo na CMD.....	168

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	18
2.1 A Gramática de Construções	17
2.2 Estudos Anteriores sobre Construções com Saber	38
2.3 Origem do Verbo Saber	44
2.4 Factualidade da Construção com Saber	47
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	52
3.1 Corpus da Pesquisa.	51
3.2 Metodologia de Análise dos Dados	52
3.3 Fatores de Análise	53
3.3.1 Classificação Semântica de Saber	53
3.3.2 Função das Construções com Saber na Interação Verbal.....	61
3.3.3 Unidade Funcional da Porção que a Construção com Saber Escopa	71
3.3.4 Pessoa Gramatical Indicada na Construção com Saber..	77
3.3.5 Pessoa Indicada na Porção Escopada pela Construção com Saber	80
3.3.6 Preenchimento da Posição de Sujeito	83
3.3.7 Tempo e Modo	84
3.3.8 Correferencialidade do Sujeito	87
3.3.9 Recursos Formais-Discursivos Associados às Construções com Saber	88
3.3.10 Força Ilocucionária da Construção	90
3.3.11 Gênero Discursivo	91
3.3.12 Século	92
3.3.13 Períodos do Português	92
3.3.14 Variedade do Português	92
4. ANÁLISE GERAL DAS CONSTRUÇÕES COM SABER NOS PERÍODOS MODERNO E CONTEMPORÂNEO DO PORTUGUÊS	96
4.1 Pessoa Gramatical e Tempo-Modo Verbal nas Construções em Análise	95
4.2 Tempo-Modo nas Construções com Saber.	97
4.3 Padrões Construcionais Identificados.	100
5. ANÁLISE DIACRÔNICA DAS CONSTRUÇÕES COM SABER NOS PERÍODOS MODERNO E CONTEMPORÂNEO DO PORTUGUÊS	116
5.1 Produtividade Geral das Construções ao Longo dos Séculos.	115
5.2 Esquematicidade, Composicionalidade e Produtividade das Construções..	120
5.2.1 Construções de Cognição	121
5.2.2 Construções Modais	148
5.2.3 Construção Evidencial Reportativa	161
5.2.4 Construção de Marcador Discursivo	167
5.3 Mudanças Construcionais e Construcionalização das Formas em Estudo	169
6. CONCLUSÃO	181
REFERÊNCIAS	185

1.INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objeto de estudo construções com o verbo *saber* complementado por oração introduzida pelos conectivos *que* e *se*¹, como nas seguintes ocorrências do português, extraídas dos *corpora* desta pesquisa:

(1) a. Se Vossa Eminência tiver algum momento de rogar por mim a Sua Alteza Real, para que ordene que me deixem quieta, e que me despache a petição que ontem fui levar e de que remeto cópia a Vossa Eminência, ficarei sumamente obrigada a Vossa Eminência, e eu me acharei no Paço no dia em que fôr, para beijar a mão do Príncipe, por qualquer que seja a sua decisão. Neste instante, *sei que Vossa Eminência está de novo incomodado* e muito me aflige esta notícia. (Marquesa de Alorna, Cartas)

b. *Vossa Excelência sabe que muito e muito preciso ser empregado*, por tanto peço-lhe de me arrumar quanto antes, por que de um momento para outro podem as cousas mudarem-se, e presentemente a epoca não lhe póde ser mais favoravel do que é. (Tycho Brahe)

(2) a. A fulano, em Santo António dos Portugueses em Roma; mas já digo, isto é se o Doutor me não avisar, e peço-lhe que faça diligência para perder a preguiça neste ponto, que me importa muito sabê-lo. *Bem sei que estes negócios estavam melhores para serem tratados entre Bento Aranha e Bento de Campos de que entre nós*; mas muito podem os anos! (Antonio da Costa, Cartas)

b. Tu conheces-me - e *sabes, que, nem por todos os tesouros e bens do universo, eu consentiria a dar um passo, soltar uma sílaba ou rabiscar uma vírgula - para deslocar um homem que está tranquilamente colocado*. (Tycho Brahe)

(3) Escrevo hoje à [N] e ao meu pai a colocar a questão: não sei se podem vir, quando podem, etc.

Espero resposta. Mas, de qualquer modo, talvez a tua vinda pudesse coincidir, indo ao encontro dos termos exatos da tua sugestão e oferta.

Que pensas? Que dias poderás?

Diz-mo para que eu possa coordenar as coisas e dizer-te depois o que houver.

Releio a tua carta e fico aflito.

Não tenho já tempo para te escrever outra carta — e *não sei se o devia*.

Perturba-me muito a frustração, o cansaço, o desencanto que se presente nas palavras que tu própria te arrancaste, em toda a tua carta. (Cartas, *Corpus* Tycho Brahe, séc XX)

¹ Ainda que algumas teorias, como a Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), considerem os casos de semiauxiliares como complementação oracional, como em *Eu sei falar inglês*, nesta pesquisa selecionamos apenas os casos de complementação oracional introduzida pelas conjunções *que* ou *se*.

Nas ocorrências em (1), as construções com *saber* seguido de oração completiva iniciada por *que* são utilizadas para introduzir um conhecimento pertencente ao falante ou ao ouvinte². Em (1a), a construção é usada para introduzir uma afirmação baseada no conhecimento do falante sobre a situação do ouvinte, isto é, que o falante tem o conhecimento de que Vossa Eminência está de novo incomodado. Já em (1b), o trecho *Vossa Excelência sabe que...* mostra que o conhecimento apresentado pelo falante não pertence somente a ele, mas também ao seu ouvinte; na ocorrência apresentada, o falante subentende que o destinatário já tem conhecimento sobre a urgência e a importância de ser empregado e, portanto, usa a construção *sabe que* para enfatizar a necessidade de ação imediata para que um emprego lhe seja concedido.

Em (2), mais do que conhecimento, as construções parecem veicular uma nuance de certeza do referente do sujeito de *saber*, ou de factualidade do conteúdo na proposição completiva. Em (2a), *bem sei* indica que o falante tem conhecimento e também plena certeza, ou convicção, sobre a validade da informação contida na oração completiva, na ocorrência em questão, sobre o estado anterior dos negócios e a adequação das partes neles envolvidas. De modo semelhante, na ocorrência em (2b), o falante afirma, por meio da construção com *saber*, que o interlocutor detém um conhecimento (*sabes*), este veiculado na oração completiva, cuja factualidade é afirmada pelo falante e deve ser pressuposta pelo ouvinte. O trecho *tu conheces-me*, anterior ao enunciado com *saber*, reforça essa interpretação da construção em (2b).

Em (3), observam-se dois usos de *saber* na 1ª pessoa do singular, ambos negados, mas com valores semânticos distintos. O primeiro, em *não sei se podem vir, quando podem*, etc., expressa desconhecimento do falante quanto a informações externas — no caso, a possibilidade de [N] e o pai virem e, se vierem, o momento em que isso ocorreria. A construção introduz uma dúvida do falante, mostrando a ausência de conhecimento factual sobre a situação. A presença das interrogativas indiretas (*se podem vir, quando podem*) reforça o caráter não factual do conteúdo. Já o segundo uso, em *e não sei se o devia*, não possui mais relação com a ausência de um conhecimento factual, e, sim aproxima-se da modalidade epistêmica avaliativa. Aqui, o falante manifesta incerteza quanto à pertinência de uma ação (escrever outra carta).

Além das construções com *saber* em que há complementação oracional prototípica, isto é, casos em que o verbo seleciona uma oração introduzida por *que* ou *se*

² Usaremos os termos *falante* e *ouvinte* como macrocategorias para identificar os usuários da língua, sem relacioná-los estritamente à modalidade oral da língua.

como complemento, este estudo aborda também ocorrências nas quais há maior integração entre os elementos da construção, de modo tal que passam a funcionar como uma só unidade, uma só construção como a construção (*eu sei que* exemplificada pela ocorrência em (4):

(4) Otávio (brincalhão): Tu tá velha e burra!

Romana: Burra, sim... Agüentando o tranco aqui. Tu chega: feijão na mesa. Tu sai: café na caneca. Tu toma banho: camisa lavada. O ordenado não deu? A burra lavou roupa e arranjou a gaita...

Otávio (brincalhão): E vai me dizer que tu é a única?

Romana: Ah! Tu só tem é prosa! Porque leu nos livros. Porque o velho disse, porque o velho falou. *Eu sei que se não sou eu a dar murro, nós tava é fazendo o enterro das crianças*. Uma já foi!

Otávio (após breve pausa): Devia tá uma moçona!

Romana: Era bonita a danada... (Peça *Eles não usam black-tie*, Gianfrancesco Guarnieri)

Diferentemente das construções completivas apresentadas anteriormente, a construção *eu sei que* apresenta um alto grau de conexão entre o verbo e o conector, configurando um amálgama cristalizado que atua conjuntamente no discurso. Em (4), *eu sei que* organiza a interação, marcando o encerramento do tópico em andamento. A personagem Romana responde às provocações do personagem Otávio, mostrando que, se não fosse por sua força e determinação, as crianças estariam mortas, e utiliza a construção *sei que* para finalizar o tópico que Otávio havia começado. Observa-se que, nesse caso, a construção que sinaliza a finalização de um tópico é todo o segmento *eu sei que*, de modo que o verbo se acha abstratizado, a conjunção integrante se agrupa ao segmento e o que segue não tem, propriamente, a natureza de uma oração completiva, mas de um enunciado completo, uma estrutura que, conforme será demonstrado adiante, a teoria da Gramática Discursivo-Funcional (Hengeveld; Mackenzie, 2008) denomina de *Movimento*.

Em pesquisa anterior em nível de mestrado (Bertasso, 2021), sob perspectiva sincrônica e a partir de dados do português falado, também analisamos construções complexas com o predicado *saber*, com o objetivo de investigar os graus de construcionalidade (esquematicidade, composicionalidade e produtividade) das formas em estudo. Os resultados revelaram que as construções com *saber* em 1ª e 2ª pessoas são as que exibem maior esquematicidade e produtividade, e menor grau de composicionalidade. Além disso, essas construções são as que desempenham funções

discursivas, na organização das informações, ou no monitoramento da interação, como o marcador discursivo *sabe?*. Esses resultados, portanto, também motivam e justificam o desenvolvimento desta pesquisa, uma vez que se investiga, agora em perspectiva diacrônica, as trajetórias de mudança das construções em português. Desse modo, o presente trabalho representa uma continuidade do estudo realizado no mestrado, porém amplia significativamente seu escopo ao passar da análise sincrônica para a diacrônica e ao deslocar o foco do português falado contemporâneo para textos representativos de diferentes períodos da história do português, isto é, dos séculos XVI a XX.

Considerando o deslocamento para a perspectiva diacrônica mencionado no parágrafo anterior, formulam-se as questões centrais desta pesquisa de doutorado. Ao examinar, ao longo dos séculos XVI a XX, as construções dos tipos [*saber* + que-complemento] e [*saber* + se-complemento], o estudo investiga de que modo usos semântico-funcionais distintos — cognitivos, modais, evidenciais e discursivos — se constituem, se estabilizam e se (re)configuram historicamente.

Parte-se da hipótese de que as diferenças observadas nos valores semântico-funcionais das construções com *saber* — que incluem usos cognitivos, modais, evidenciais e discursivos, decorrem de relações sistemáticas entre construções formalmente aparentadas, organizadas em rede (Goldberg, 2006; Traugott e Trousdale, 2021), e ultrapassam a explicação centrada exclusivamente na polissemia do verbo *saber*. Assume-se, ainda, que tais relações podem ser descritas como derivações entre os padrões construcionais identificados, com base em propriedades formais e funcionais compartilhadas, sendo possível verificar, por meio da análise diacrônica, se essas relações encontram confirmação histórica. Sendo assim, o objetivo central da pesquisa consiste em analisar as relações de herança e investigar em que medida as trajetórias históricas das construções se configuram como casos de mudança construcional ou de construcionalização, nos termos de Traugott e Trousdale (2021).

Como objetivo mais específico, investiga-se a hipótese de que apenas as construções com *saber* que passam a desempenhar funções de organização discursiva, como introdução, retomada e finalização de tópicos, tenham passado por processos de construcionalização, considerando que, em estudo anterior (Bertasso, 2021), esses usos se mostraram os menos composicionais. As demais construções com *saber* apresentariam trajetórias caracterizadas por mudanças construcionais, sem a emergência de um novo pareamento forma-significado.

Para o desenvolvimento da pesquisa, adota-se o enquadramento teórico da Gramática de Construções, abordagem que concebe as construções como pareamentos convencionais entre forma e significado e possibilita a descrição integrada dos aspectos formais, semântico-funcionais e pragmático-discursivos envolvidos na evolução das construções com *saber* ao longo da história do português. A Gramática de Construções (Traugott; Trousdale, 2021) considera que relações de herança entre duas ou mais construções podem ser: i) resultado de mudanças construcionais, que afetam aspectos da forma ou do significado da construção sem que haja, no entanto, a criação de uma nova construção; ou ii) podem resultar de construcionalização, processo mais radical que envolve o surgimento de uma nova construção, isto é, de um novo pareamento entre forma e função no sistema gramatical em questão.

O texto desta tese encontra-se dividido em cinco capítulos. O primeiro é o da introdução, no qual apresentamos, de forma mais detalhada, os objetivos, hipóteses e objetos de estudo da pesquisa sobre as construções com *saber*.

No segundo, apresenta-se a fundamentação teórica da pesquisa, destinada a tratar das bases teóricas que sustentam nossa análise, em especial, a Gramática de Construções (Croft, 2007) e os conceitos de mudança construcional e de construcionalização, processos de mudança linguística definidos pelos fatores de esquematicidade, produtividade e composicionalidade (Traugott; Trousdale, 2021).

No terceiro capítulo, apresentam-se os aspectos metodológicos da pesquisa, isto é, os bancos de dados de onde foram extraídos os textos para a constituição do *corpus*, bem como os fatores analisados para a investigação dos processos de mudança das construções em estudo.

No quarto capítulo, discutem-se os resultados da análise diacrônica das construções com *saber* (cognitivas, modais, evidenciais e discursivas). De modo geral, os resultados confirmam a hipótese de que os diferentes tipos de construção investigados resultam de processos de mudança construcional de [*saber* + que-complemento] e [*saber* + se-complemento], em especial, de mudança de significado do predicado *saber*. A exceção a essa trajetória diz respeito à construção [*eu sei que*], que decorre de processo de construcionalização da completiva com *saber-que*, fixando-se como marcador de tópico discursivo.

A última parte do texto é reservada às considerações finais, em que sintetizamos os principais resultados encontrados a partir da análise diacrônica das construções com

saber, evidenciando tanto a permanência de padrões estáveis, quanto à ocorrência de especializações funcionais e inovações recentes no âmbito dessas construções.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES

A teoria da Gramática de Construções defende a existência de quatro princípios psicológicos fundamentais que explicariam o modo como as construções de uma língua se organizam na mente humana:

"I. O Princípio da Motivação Maximizada: Se a construção A está relacionada à construção B sintaticamente, então o sistema da construção A está motivado na medida em que se relaciona semanticamente à construção B.

II. O Princípio da Não-Sinonímia: Se duas construções são sintaticamente distintas, elas devem ser semanticamente ou pragmaticamente distintas [...]

Corolário A: Se duas construções são sintaticamente distintas e S(emânticamente) sinônimas, então elas não devem ser P(ragmaticamente) sinônimas.

Corolário B: Se duas construções são sintaticamente distintas e P-sinônimas, então elas não devem ser S-sinônimas.

III. O Princípio da Expressividade Maximizada: O inventário de construções é maximizado para fins comunicativos.

IV. O Princípio da Economia Maximizada: O número de construções distintas é maximizado tanto quanto possível, dado o Princípio III." (GOLDBERG, 1995, p. 67)

O Princípio da Motivação Maximizada trata de como construções formalmente semelhantes possuem valores semânticos relacionados, mantendo uma conexão entre forma e sentido. No caso das construções com *saber* analisadas aqui, não consideramos que o princípio em questão se aplica a nenhuma das construções, visto que não há construções relacionadas sintática e semanticamente.

O Princípio da Não-Sinonímia trata, especificamente, de construções sintaticamente distintas que também serão distintas no plano semântico ou pragmático. Quanto às construções com *saber*, podemos exemplificar a não-sinonímia com as construções *eu sei que* e *ele sabe que*. Apesar de compartilharem o esquema geral [S *saber* que-complemento], configuram-se como construções distintas do ponto de vista sintático pela codificação da pessoa gramatical e apresentam uma diferenciação funcional: *eu sei que* pode ser empregado para modalizar a certeza do falante, reforçando o comprometimento epistêmico com a proposição; já *ele sabe que* introduz

um conhecimento atribuído a terceira pessoa. Assim, a diferença pragmática/semântica acompanha a distinção sintática, como prevê o Princípio II.

O Princípio da Expressividade Maximizada explica a expansão do inventário linguístico quando surgem demandas comunicativas novas. No domínio das construções com *saber*, destacamos o uso de *eu sei que* como marcador discursivo voltado à organização tópica: a construção pode introduzir, retomar ou finalizar um tópico discursivo. Com esse uso, *eu sei que* não veicula mais um conhecimento como a construção cognitiva de *saber*, mas passa a estruturar a progressão do discurso.

Em contrapartida, o Princípio da Economia Maximizada limita a expansão de novas construções a casos relevantes para a comunidade de fala. Isso ajuda a explicar por que certas construções com *saber* se estabilizaram ao longo dos períodos investigados, enquanto outras passaram por processos de mudança linguística.

Além disso, contribuindo para a observação dos princípios de organização da linguagem, apresentamos a analogia entre língua e diagramas (mapas, partituras) proposta por Haiman (1985). O autor introduz as noções de isomorfismo e motivação, definindo o isomorfismo como a correspondência entre elementos do diagrama e elementos da realidade representada (cada ponto no mapa deveria corresponder a um local específico, assim como cada nota em uma partitura a um som definido) e a motivação como proporcionalidade entre relações (a distância entre pontos do mapa deveria refletir, ainda que de modo aproximado, sua distância real, e a altura gráfica das notas em uma partitura deveria refletir a altura relativa dos sons). Transpondo tal lógica para a linguagem, o pesquisador aponta que o isomorfismo manifesta-se quando: i) as diferenças formais correspondem às diferenças semânticas ou pragmáticas, conforme o Princípio da Não-Sinonímia; e ii) as alterações semânticas ou pragmáticas tendem a demandar uma diferenciação formal, o que se relaciona ao Princípio da Expressividade Maximizada.

O Corolário A do Princípio da Não-Sinonímia também reforça essa interpretação ao afirmar que construções semanticamente diferentes não podem ser pragmaticamente idênticas, visto que a coincidência no plano semântico necessariamente projeta diferenças no plano pragmático. Nesse sentido, é preciso reconhecer que tanto os aspectos semânticos, quanto os pragmáticos das construções são decisivos para a determinação da sinonímia.

Em conjunto, notamos que os princípios da Não-Sinonímia, da Expressividade Maximizada e da Economia Maximizada oferecem aparato descritivo para a análise das

construções com *saber* nesta pesquisa. A não-sinonímia assegura que construções sintaticamente distintas não sejam redundantes no plano semântico-pragmático; a expressividade maximizada justifica especializações como *eu sei que na* organização tópica; e a economia maximizada delimita quais inovações efetivamente se consolidam na rede.

Ademais, outra característica da Gramática de Construções é conceber o conhecimento linguístico como resultado de um processo ascendente (*bottom-up*), construído a partir de contatos recorrentes com a língua, dos quais se derivam representações esquemáticas que podem conter (sub)esquemas (Traugott; Trousdale, 2021). Um esquema é caracterizado, conforme Traugott e Trousdale (2021, p.13), como uma forma de “generalização taxonômica”, aplicável a diferentes categorias, linguísticas ou não, com *slots* (lacunas) a serem preenchidos por unidades simbólicas. Os autores caracterizam os esquemas linguísticos como agrupamentos abstratos e de caráter semântico mais geral, compostos por construções que emergem de abstrações.

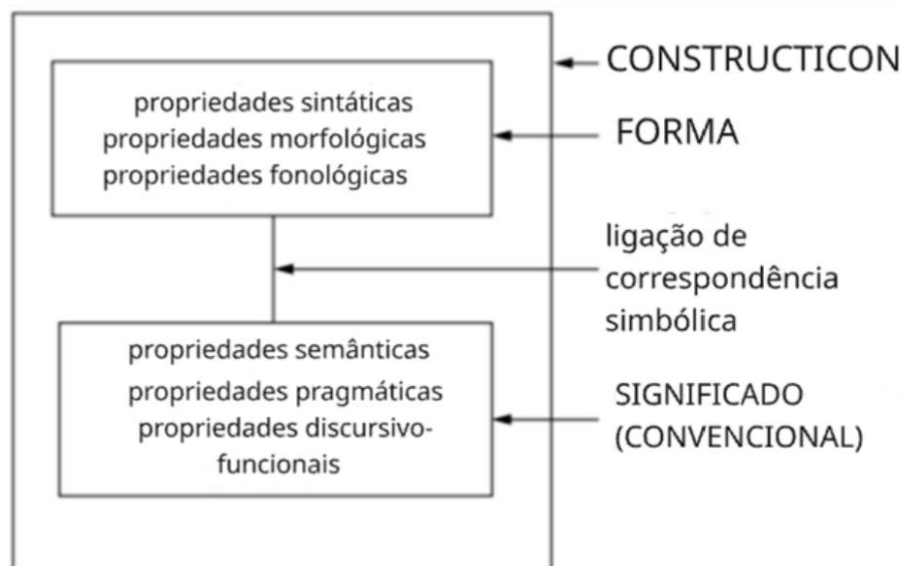
Além disso, Croft (2007) considera que o modelo da Gramática de Construções busca uma representação sintática para a Linguística Cognitiva, ao estabelecer que as construções são: (i) a forma básica de estruturas sintáticas; (ii) pareamentos entre forma e significado; e (iii) organizadas em redes na mente dos falantes.

Goldberg (1995), por sua vez, define uma construção como um pareamento entre forma e significado que contém, independentemente de seus elementos constituintes, um sentido próprio. Segundo a autora, “as estruturas semânticas particulares unidas à sua expressão formal devem ser consideradas construções independentemente dos itens lexicais que as instanciam” (Goldberg, 1995, p. 1, tradução nossa).³

Croft (2001) também concebe a construção como unidade simbólica, detalhando os componentes formais e funcionais que a constituem. A figura a seguir ilustra a concepção de construção do autor.

Figura 1: Representação de uma construção

³ Particular semantic structures together with their associated formal expression must be recognized as constructions independently of the lexical items which instantiate them (Goldberg, 1995, p. 1).



Fonte: adaptado de Croft (2001, p.18).

Nesse modelo, o polo formal abrange propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas, ao passo que o polo de significado envolve propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais. Conforme ilustra o esquema, a relação entre Forma e Significado é mediada por um vínculo de correspondência simbólica entre as propriedades convencionalizadas da construção.

Todas as construções de uma língua são, assim, consideradas unidades simbólicas convencionais (Langacker, 1987; Croft, 2005), visto que podem ser idiossincráticas, com usos singulares, e frequentes, a ponto de serem fixadas como pareamentos de forma e significado na mente dos falantes, constituídas por signos e compartilhadas por um grupo de falantes (Traugott; Trousdale, 2021).

Conforme apontam Traugott e Trousdale (2021), um modelo de gramática de construções cognitivamente orientado focaliza padrões não estritamente previsíveis a partir de seus componentes. Um exemplo dado pelos autores é o da expressão em inglês *sneeze off* (mover algo com a força de um espirro), como em *Frank sneezed the napkin off the table* (Frank moveu o guardanapo da mesa com seu espirro) (Traugott; Trousdale, 2013, p.5). Nesse caso, a conceitualização do movimento que o guardanapo faz causado pelo espirro se associa à construção do movimento causado mais geral do inglês ([X causa Y a mover Z]), e não ao predicado lexical de *sneeze* (espirrar). Desse modo, o padrão dessa construção pode ser caracterizado como independente do predicado lexical que a compõe.

Além disso, Traugott e Trousdale (2021, p. 40) afirmam que as construções podem ser caracterizadas conforme três dimensões principais: tamanho, grau de especificidade fonológica e tipo de conceito.

Quanto ao tamanho, uma construção pode ser atômica, quando formada por um único morfema — como *red* (vermelho) —, ou complexa, quando composta por *chunks*⁴, como a expressão *pull strings* (usar influência). Há ainda construções intermediárias, parcialmente analisáveis, como *bonfire* (fogueira), em que apenas parte da forma (*fire*) é semanticamente transparente.

No que se refere ao grau de especificidade fonológica, as construções podem ser substantivas, quando apresentam forma fonológica totalmente especificada (como *dropout* [desistente]), esquemáticas, quando são representações abstratas (como a inversão sujeito-auxiliar no inglês), ou intermediárias, reunindo partes fixas e variáveis. Um exemplo deste último tipo é a construção interrogativa *what is X doing Y* (o que X está fazendo Y), que combina um padrão fixo com elementos variáveis.

Por fim, em relação ao tipo de conceito, as construções podem ser classificadas como de conteúdo, quando possuem valor referencial (como a palavra *dados*), ou procedurais, quando expressam relações gramaticais ou discursivas, como o morfema *-s* indicador de plural.

Outra característica fundamental da teoria da Gramática de Construções é a sua perspectiva não-modular da linguagem, ou seja, a adoção, nas análises propostas, de uma visão integrada entre os níveis fonológico, morfossintático, semântico, pragmático e discursivo. Traugott e Trousdale (2021) afirmam que a função de uma construção não pode ser plenamente compreendida sem se considerar sua forma, e vice-versa. Embora a Linguística Funcional tradicional defenda a precedência da função sobre a forma, o modelo construcional sugere uma relação bidirecional entre esses domínios, enfatizando que a forma também contribui para a construção de sentido (Furtado da Cunha; Lacerda, 2017).

Essa concepção não-modular da gramática, própria dos modelos de Gramática de Construções, é adotada neste trabalho, uma vez que, nas análises das construções completivas com as construções com *saber* que realizamos, buscamos sempre associar a

⁴ Um *chunk* é uma unidade de organização da memória, formada ao reunir um conjunto de segmentos já formados na memória e fundi-los em uma unidade maior. (Newell, p. 7, 1990.)

forma da construção ao significado (semântico e pragmático-discursivo) que ela expressa, considerando as construções em estudo pares indissociáveis de forma/função.

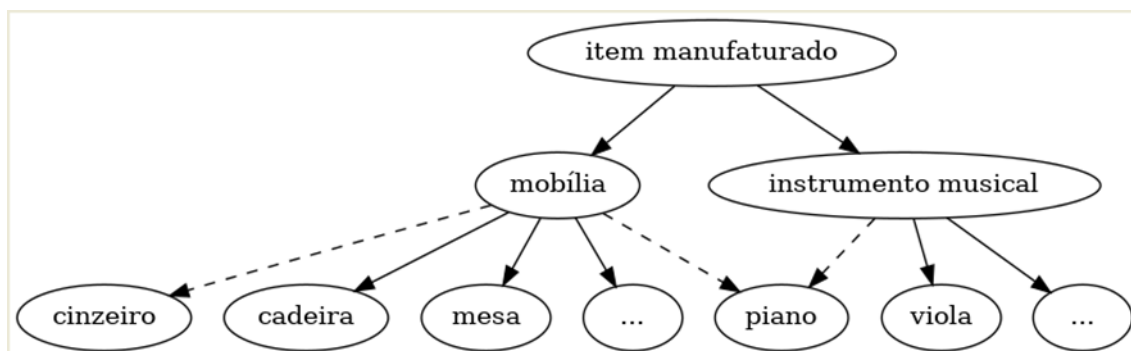
Em termos de organização cognitiva, a teoria da Gramática de Construções considera que as construções são armazenadas em redes construcionais na mente dos falantes. Goldberg (2021), por exemplo, afirma que o conhecimento linguístico dos falantes está contido em uma rede de construções, no interior da qual cada elemento linguístico (ou cada construção) é apreendido em relação a outros com os quais se conecta.

A organização em redes permite, assim, compreender como construções se agrupam em famílias e como novas construções podem se ligar a padrões existentes, o que se mostra importante para a análise das redes construcionais a serem propostas neste trabalho, a partir dos resultados obtidos com a pesquisa.

A perspectiva de que essas redes não são estáticas, mas sujeitas a transformações, é ressaltada por Barðdal e Gildea (2015), que apontam que a estrutura das redes construcionais é dinâmica e se reconfigura diacronicamente. Isso significa que tanto o inventário de construções quanto as conexões que as unem, podem sofrer modificações, resultantes de processos de separação ou de fusão de construções.

Traugott e Trousdale (2021) também ressaltam que as redes cognitivas de construções estão em constante transformação, com a formação de novos nós e elos em decorrência do uso. Para exemplificar essa consideração, os autores recorrem a uma rede conceitual que organiza relações de herança entre conceitos básicos e conceitos mais abstratos, conforme mostra o esquema abaixo.

Figura 2: Exemplo de rede conceitual



Fonte: adaptado de Traugott; Trousdale (2021, p.10).

Na representação proposta, as linhas que ligam os nós ilustram a força das associações: uma linha contínua, por exemplo, representa uma relação estreita entre a instância e a categoria mais geral. Sendo assim, *cadeira* aparece ligada por uma linha contínua a *mobília*, por ser um membro central dessa classe. Já *cinzeiro* não é considerado um exemplar típico de *mobília*, embora compartilhe algumas propriedades com os membros centrais: trata-se de um objeto móvel, que contribui para tornar um espaço habitável, mas não apresenta outras características comuns a móveis centrais, como o tamanho (de médio a grande), a fixação de suas bases no solo (e não sobre algum outro móvel), a composição (madeira ou metal), etc. O caso de *piano* ilustra, por sua vez, a noção de herança múltipla: pode ser classificado como *mobília*, já que, para alguns, cumpre apenas essa função, mas é reconhecido de forma mais central como instrumento musical.

Traugott e Trousdale também afirmam que a capacidade de produzir significado por meio da associação de traços distribuídos pela rede está diretamente ligada ao raciocínio analógico. Tal capacidade explica, por exemplo, como certas construções podem ocupar posições mais centrais ou mais periféricas, seja dentro de um mesmo esquema ou entre esquemas diferentes, o que favorece trajetórias diversas de inovação.

Ligado a essa associação analógica entre as construções, está um dos mecanismos de transformação das redes de construções proposto por Traugott e Trousdale (2021). Trata-se do princípio de *expansão da ativação*, pelo qual construções intimamente relacionadas são ativadas simultaneamente durante eventos de uso específicos. A expansão da ativação ocorre com mais facilidade quando as construções compartilham semelhanças formais, funcionais ou contextuais, o que as torna mais próximas no interior da rede. Segundo os autores, esse princípio está relacionado ao fenômeno do *priming*, em que a ativação prévia de uma construção influencia a produção ou interpretação de construções subsequentes. Como exemplo da atuação desse princípio, Traugott e Trousdale (2021, p. 110) consideram que, ao ser exposto à sentença *The construction worker was digging by the bulldozer* (O operário da construção estava cavando perto da escavadeira), o falante está propenso a ativar uma construção passiva como *The construction worker was hit by the bulldozer* (O operário da construção foi atingido pela escavadeira) devido à sobreposição de forma (uso do auxiliar *was*), de contexto léxico (*bulldozer*) e à estrutura de tópico do sujeito, aspectos que favorecem a ativação da construção passiva.

Ainda sobre o mecanismo da *expansão da ativação*, Traugott e Trousdale (2021) afirmam que a proximidade entre construções favorece a reativação e o fortalecimento de determinados nós na rede. As construções com uma relação mais próxima, que estão em maior proximidade na rede, tendem a motivar umas às outras mais rapidamente em comparação a construções mais distantes. Quando a motivação recíproca se repete com frequência, as relações entre essas construções se consolidam e passam a ser mais facilmente retomadas em usos posteriores, enquanto relações pouco recorrentes tendem a se enfraquecer com o tempo.

Por outro lado, a falta de ativação de um nó construcional pode causar a sua não fixação; quanto menos uma relação entre nós for ativada, menor a chance de ela ser ativada no futuro, tornando-se cada vez mais obsoleta, o que pode levar ao não uso e ao desaparecimento de uma construção. Os autores exemplificam esse tipo de trajetória com o caso do sufixo *-dom* (como em *freedom* (liberdade)) do inglês. Historicamente, o sufixo foi produtivo na formação de substantivos a partir de adjetivos, mas hoje sobrevive de forma restrita e com tendência à indicação de significado pejorativo, como em *gangdom* (território de gangue) (Traugott; Trousdale, 2021, p.133).

Além de mecanismos de transformação, Traugott e Trousdale (2021) distinguem dois tipos principais de elos nas redes: os elos de herança, que dizem respeito às relações taxonômicas entre as construções, e os elos relacionais, que capturam os tipos de relação estabelecidos entre as construções no interior da rede.

Dentro dos elos relacionais, os autores identificam quatro modalidades: elos de polissemia, de extensão metafórica, de subparte e de instância. Os elos de polissemia descrevem os elos semânticos entre o sentido prototípico de uma construção e suas extensões de sentido. Embora as especificações sintáticas permaneçam as mesmas, as semânticas se alteram. Traugott e Trousdale (2021, p. 118) citam como exemplo desse tipo de elo a construção bitransitiva com a estrutura [SUJ V OBJ1 OBJ2] e o significado central [X CAUSA Y RECEBER Z], investigada por Goldberg (1995). A sentença *Max gave Edward the robot* (Max deu o robô a Edward) representa o caso prototípico. Extensões polissêmicas ocorrem com mudanças no tipo de recepção, como em *Max refused Edward the robot* (Max recusou o robô a Edward) — em que há negação da recepção — ou *Max made Edward a robot* (Max fez um robô para Edward), que envolve criação, em vez de transferência direta.

Os elos de extensão metafórica, por sua vez, envolvem um mapeamento metafórico entre domínios conceituais distintos, geralmente conectando experiências

físicas a estados internos, como no exemplo dado por Traugott e Trousdale (2021, p. 119), a partir da sentença *The chocolate went from liquid to solid* (O chocolate passou de líquido para sólido), que representa a construção de mudança de estado como uma metáfora de mudança de lugar (marcada por *went*). Também se observam elos de extensão metafórica, segundo os autores, em frases como *She went mad* (Ela enlouqueceu), em que um estado mental é mapeado metaforicamente como deslocamento espacial (*went*). Sintaticamente, as construções compartilham padrões de movimento causativo (*Lisa sent him home* – Lisa o mandou para casa) e resultativo (*Lisa sent him wild* – Lisa o deixou enlouquecido), com o mesmo esquema sintático [SUBJ V OBJ X], mas com diferenciação semântica entre mudança literal (de espaço) e metafórica (de estado).

Já os elos de subparte indicam a relação entre uma construção e outra mais abrangente da qual a primeira faz parte, embora a construção maior também exista de forma independente. Traugott e Trousdale (2021, p. 119) apresentam como exemplo a construção intransitiva de movimento *The toddler walked to the door* (O bebê andou até a porta), que constitui uma subparte da construção de movimento causativo *She walked the toddler to the door* (Ela levou o bebê até a porta). A estrutura da primeira sentença apresenta um sujeito, um verbo e um complemento preposicionado que indica direção (até a porta). Já a segunda inclui, além desses elementos, um objeto direto (o bebê), acrescentando a ideia de agente e causação. Assim, a construção maior (de movimento causativo) contém a menor (intransitiva de movimento), mas também conta com uma camada adicional de estrutura e significado (objeto direto, agente e causação).

Os elos de instância, por outro lado, ocorrem quando uma construção representa um caso específico dentro de um esquema mais geral. Um exemplo citado por Traugott e Trousdale (2021, p. 120) é a construção resultativa *Drive someone X*, como em *drive someone crazy* (deixar alguém louco), *drive someone nuts* (deixar alguém pirado), ou *drive someone up the wall* (enlouquecer alguém). Nesses casos, o argumento X é restrito a adjetivos ou expressões com semântica, ou valor idiomático negativos. Por outro lado, combinações como *drive someone happy* (deixar alguém feliz), em que X tem valor positivo, normalmente não são aceitáveis. Esse padrão indica que *drive someone X* é uma instância especializada de uma construção resultativa mais ampla, limitada por restrições semânticas e convencionais de uso. Desse modo, pode-se considerar que, na rede construcional, esse tipo de elo se manifesta como um nó subordinado a uma construção mais geral, mas com especificações formais e semânticas

próprias. A construção *drive someone crazy*, por exemplo, herda parte da estrutura da construção geral [S V OBJ ADJ], mas está a ela conectada por um elo de instância, pois representa uma realização altamente convencionalizada e restrita desse esquema. Essa relação permite visualizar como construções mais específicas são organizadas em torno de construções mais abstratas, formando camadas hierárquicas na rede, em que o nó mais especializado mantém dependência formal e funcional com o nó mais geral.

Por último, os elos de herança representam, segundo Traugott e Trousdale (2021), uma parte central das redes construcionais, pois constituem o principal mecanismo pelo qual propriedades formais e semânticas são transmitidas de construções mais gerais para construções mais específicas dentro da rede. Por meio deles, cada nó na rede herda propriedades de seus nós dominantes, o que permite capturar generalizações entre construções, ao mesmo tempo em que se preservam irregularidades ou especificidades locais. Tal relação é assimétrica, porque os níveis mais gerais delimitam os mais específicos: a construção B herda as propriedades formais e/ou semânticas de A, mas as especificidades de B não voltam para A. Por exemplo, a construção *John runs* (John corre) é uma instância da construção intransitiva em inglês, a qual, por sua vez, pertence ao esquema mais abstrato da construção *sujeito-predicado* (Traugott; Trousdale, 2021, p. 121). Isso mostra que propriedades como a possibilidade de um sujeito nominal e a presença de um verbo (construção intransitiva) são herdadas da construção mais geral (construção sujeito-predicado), enquanto aspectos mais específicos (como a semântica de movimento em *run*) pertencem ao nível da microconstrução e não retornam para alterar os níveis superiores.

Goldberg (1995) destaca que as relações que se efetivam por elos de herança são parcialmente previsíveis e parcialmente arbitrárias, pois a construção que herda pode manter uma estrutura semelhante a do esquema superior, mas com modificações específicas. Tal fato permite, por exemplo, que a maioria dos verbos do inglês forme o passado com o sufixo *-ed*, como em *walk/walked* (andar/andou), mas também que certos verbos bloqueiem essa herança regular e adotem formas irregulares, como *ride/rode* (cavalgar/cavalgou) ou *run/ran* (correr/correu) (Goldberg, 1995, p. 158).

Goldberg (2003) também introduz o conceito de herança múltipla, que ocorre quando uma construção herda simultaneamente de mais de um esquema. Um exemplo é a sentença *Hasn't the cat been fed yet?* (O gato ainda não foi alimentado?), que herda de diversas construções: interrogativa com inversão sujeito-auxiliar, negativa, passiva, *present perfect* e construção transitiva (Traugott; Trousdale, 2021, p. 121). Assim, uma

única construção pode integrar traços estruturais e funcionais de múltiplas fontes, formando nós complexos na rede.

A criação e manutenção de construções na rede dependem, sobretudo, de fatores relacionados ao uso e à frequência de ocorrência. Traugott e Trousdale (2021) argumentam que, quando há exposição repetida a padrões semelhantes, uma construção pode emergir como uma generalização a partir de ocorrências específicas. Em contrapartida, construções de baixa frequência tendem a se enfraquecer na rede, sendo reinterpretadas ou não sancionadas por outras construções mais produtivas, o que pode levar ao fenômeno de realocação, em que uma construção é transferida para um nicho mais restrito. Segundo os autores, um caso representativo desse tipo de enfraquecimento pode ser observado na perda de produtividade da formação de substantivos com o sufixo *-th*, como em *warmth* (calor) e *truth* (verdade). Conforme apontam Traugott e Trousdale (2021, p.132-134), esse padrão, que já foi relativamente comum na formação de substantivos a partir de adjetivos, foi progressivamente suplantado por esquemas mais produtivos, como *-ness* (em *kindness*, gentileza) e *-ity* (em *curiosity*, curiosidade). Com o tempo, o esquema [ADJ + th] deixou de ser reconhecido como um modelo ativo pelos falantes, e suas ocorrências passaram a ser interpretadas não como formações regulares, mas como unidades lexicais fixas. Assim, palavras como *depth* (profundidade) e *wealth* (riqueza) deixaram de ser percebidas como parte de um padrão morfológico produtivo e passaram a ser armazenadas na rede como formas isoladas, não associadas de modo evidente a um processo derivacional. O deslocamento da forma ilustra como certos subsistemas morfológicos podem se desarticular dos padrões mais produtivos, enfraquecendo-se até se restringirem a casos remanescentes na língua (Traugott; Trousdale, 2021, p.132-134).

De acordo com Traugott e Trousdale (2021), o fator determinante para a permanência de uma construção em uma rede não está relacionado ao esquema da construção em si, mas à convencionalização de tal construção por uma comunidade de falantes. Assim, a estabilidade e a mudança nas redes construcionais resultam não apenas da estrutura linguística em si, mas da prática e da convenção de uso entre os falantes, o que determinará quais construções se mantêm ou caem em desuso.

Por fim, a concepção de rede proposta por Traugott e Trousdale (2021) também permite explicar por que a mudança linguística não segue, necessariamente, um percurso linear. As redes são constituídas tanto por nós isolados (microconstruções) quanto por agrupamentos de nós, como esquemas e subesquemas, que organizam as

construções em níveis superiores. Assim, esse modelo possibilita tratar, de forma sistemática e unificada, as transformações internas de um signo, bem como a criação de novos signos em um sistema linguístico.

No que diz respeito ao processo geral de mudança linguística em si, Traugott e Trousdale (2021) apresentam os pressupostos fundamentais de que: a) a mudança ocorre no uso, isto é, o *locus* da mudança é o construto (uma instância de uso); e b) para que uma inovação tenha valor de mudança, ela precisa ser convencionalizada, ou seja, reproduzida pelos falantes de determinada comunidade linguística.

Em sua proposta de mudança linguística tratada sob o arcabouço da Gramática de Construções, os autores distinguem a mudança em dois tipos: a construcionalização — quando ocorre o surgimento de uma nova construção, ou seja, é criado um novo pareamento de forma e significado — e a mudança construcional, a qual não leva, necessariamente, à criação de uma nova construção.

As mudanças construcionais são caracterizadas como micropassos de mudanças internas e graduais em uma construção, sem que isso implique o surgimento de um novo nó na rede linguística. De acordo com Goldberg (2021), a rede linguística é compreendida como a representação do conhecimento linguístico de um falante, estruturada por meio de conexões entre construções. Nesse sentido, as mudanças construcionais ocorrem dentro da própria rede, alterando propriedades internas de uma construção existente. Também se considera que, na mudança construcional, ocorre “expansão da pragmática, semanticização dessa pragmática, incompatibilidade entre forma e significado e algumas pequenas mudanças distribucionais” (Traugott; Trousdale, 2021, p.66).

Ao contrário das mudanças construcionais, a construcionalização, como mencionado, envolve a criação de um pareamento entre forma e significado, ou seja, a criação de um novo signo, ou um novo nó na rede de construções. Durante o processo de construcionalização, a construção fonte tende a continuar sendo empregada nos mesmos contextos, de modo que a construção mais usada e mais fixada seria também a mais antiga.

De acordo com Traugott e Trousdale (2021), no processo de construcionalização observam-se alterações nas construções relacionadas a três fatores: produtividade, esquematicidade e composicionalidade. A produtividade refere-se à capacidade de gerar novas instâncias ou novos usos; a esquematicidade associa-se ao grau de abstração e

generalização da construção; e a composicionalidade diz respeito ao grau de transparência entre a forma e o significado das partes que compõem a construção.

As abordagens baseadas no uso, entre elas a Gramática de Construções, sustentam que as construções emergem e se difundem gradualmente, acompanhadas pelo aumento de sua frequência de uso ao longo do tempo (Bybee; McClelland, 2005, apud Traugott; Trousdale, 2013, p. 203). Traugott e Trousdale afirmam que a construcionalização possibilita tanto o surgimento de novas construções quanto a criação de novos usos para padrões já existentes na língua. A produtividade relaciona-se diretamente a essas dinâmicas de expansão e associa-se à frequência *type*, vinculada aos padrões construcionais, e à frequência *token*, referente às ocorrências individuais das formas (Traugott; Trousdale, 2021).

Bybee (2010) define a produtividade como a possibilidade de uma construção estender-se a novos contextos de uso, dando surgimento a itens ainda não atestados na língua. O grau de produtividade envolve a presença de espaços esquemáticos da construção e fatores relacionados à frequência de uso. A frequência *token*, observada em itens de alta recorrência, e a frequência *type*, associada à diversidade de elementos que podem preencher um mesmo espaço da construção, atuam de forma conjunta na determinação do potencial expansivo de uma construção. A repetição intensiva de exemplares específicos fortalece cognitivamente a representação da construção, enquanto a variedade de tipos assegura sua capacidade de generalização.

No que diz respeito à frequência *type*, Traugott e Trousdale (2021) atribuem a esse fator papel central na explicação da produtividade construcional. Para os autores, a expansão dos recursos disponíveis em um esquema decorre da diversidade de tipos licenciados pela construção, o que possibilita a criação de novos usos e instâncias a partir de padrões já existentes. Corroborando com essa perspectiva, Goldberg (1995) demonstra, a partir da análise da construção *way*, que a produtividade pode ser elevada em contextos de baixa frequência de ocorrência quando há alta diversidade de tipos. O caso analisado evidencia o papel decisivo da frequência *type* na capacidade de generalização dos padrões construcionais. Bybee (2010) reforça essa concepção ao afirmar que espaços esquemáticos associados a alta frequência *type* acumulam maior número de exemplares armazenados na memória linguística, ampliando a base para analogias e para a formação de novos enunciados. Em construções caracterizadas por baixa diversidade de tipos, a escassez de candidatos à analogização restringe a produtividade.

No que se refere à frequência *token*, Sommerer (2015) adota uma perspectiva que contrasta com a ênfase conferida pelos autores anteriormente mencionados à frequência *type*. A autora concebe a frequência como fator primário e ativador do processo de mudança linguística, atribuindo papel central à recorrência de ocorrências individuais. Segundo Sommerer, quanto maior a frequência *token*, mais fortemente uma construção será mentalmente representada, tornando-se mais acessível para uso recorrente na comunidade de fala e, conseqüentemente, mais disponível como padrão construcional (*type*) passível de originar novos padrões. Tal abordagem desloca o foco explicativo da diversidade de tipos para a força representacional derivada da repetição, destacando a frequência *token* como elemento central no desencadeamento da mudança.

Bybee (2010) aprofunda a discussão sobre a frequência *token* ao mostrar que esse tipo de frequência apresenta efeitos complexos. O fortalecimento cognitivo das construções pode coexistir com um aumento de autonomia em relação ao esquema geral, o que acarreta perda de analisabilidade e de composicionalidade, favorece a cristalização de expressões formulaicas pouco produtivas e limita a generalização nos domínios morfológico e morfossintático.

Sob essa ótica, Bybee (2003) observa que, à medida que determinadas expressões se autonomizam e sua estrutura interna se torna progressivamente opaca, elas se tornam suscetíveis à atribuição de novas funções pragmáticas, derivadas dos contextos em que são recorrente e frequentemente empregadas. Ao mesmo tempo, a autora destaca que a alta frequência de uso exerce papel fundamental na preservação de formas conservadoras, mesmo diante da pressão exercida por padrões mais produtivos. De modo semelhante, construções altamente recorrentes tendem a conservar propriedades morfossintáticas tradicionais, resistindo à analogia com padrões emergentes. Conforme argumentam Bybee e Thompson (1997), até mesmo construções morfossintáticas podem manter-se fixadas na memória em razão da força representacional da construção.

Esses efeitos tornam-se particularmente visíveis na análise diacrônica apresentada por Bybee (2010). A autora mostra que verbos altamente frequentes no inglês, como os modais, o *Perfect have* e o copular *be*, preservaram por mais tempo padrões antigos de formação de negativas e interrogativas. Em contraste, verbos de menor frequência *token*, como *dare*, *need* e o *have* possessivo, mostraram-se mais suscetíveis à inovação estrutural. Esse contraste evidencia que a alta frequência *token*

contribui para a estabilidade histórica de construções antigas, retardando processos de mudança.

A interação entre frequência *type* e frequência *token* também é ilustrada por Traugott e Trousdale (2021) no caso do sufixo *-ed* no inglês. Embora existam formas irregulares altamente frequentes, como *go – went*, o padrão regular (*look – looked*) apresenta maior produtividade e tende a ser estendido a novos verbos, como em *google – googled*. Esse exemplo mostra que construções de alta frequência de uso têm maiores chances de se consolidar como modelos, ao passo que a frequência *type* associada ao padrão regular sustenta sua expansão no sistema linguístico.

A partir das contribuições de Traugott e Trousdale (2021), Goldberg (1995), Bybee (2003, 2010) e Sommerer (2015), este trabalho adota a posição de que os dois tipos de frequência desempenham papéis distintos e complementares na mudança linguística diacrônica. A frequência *type* é entendida como decisiva para a expansão formal e funcional dos esquemas construcionais, enquanto a frequência *token* atua principalmente na consolidação cognitiva, na fixação histórica e na estabilidade das construções ao longo do tempo. Neste trabalho, entendemos que a produtividade das construções com *saber* decorre da interação entre frequência *type* e frequência *token* nos textos representativos do português moderno e contemporâneo.

Com relação à esquematicidade, empregamos, nesta pesquisa, a definição de Traugott e Trousdale (2021), segundo a qual a esquematicidade é uma “propriedade de categorização que crucialmente envolve abstratização” (p. 44). Os autores destacam dois modos pelos quais a esquematicidade pode operar no processo de mudança.

Em primeiro lugar, trata-se da possibilidade de microconstruções se tornarem mais abstratas à medida que se integram a esquemas mais gerais, tornando-se membros mais regulares e compatíveis com as demais construções do esquema. Um exemplo mencionado pelos autores é o do item lexical *bit*, originalmente um substantivo com significado de pedaço, que passa a funcionar como partitivo em construções como *a bit of coffee* (um pouco de café) e, mais adiante, como modificador de advérbios, como em *a bit better* (um pouco melhor), apresentando maior abstração e integração esquemática.

Em segundo lugar, a esquematicidade também pode atuar por meio da expansão dos próprios esquemas, que passam a abrigar um número maior de construções. Se uma categoria já contém construções tipo suficientes, ela pode ser reinterpretada como um padrão abstrato atrativo, incentivando a adesão de novas microconstruções. Um exemplo citado pelos autores é a construção *way*, que forma dois subesquemas distintos

na rede construcional do inglês — um com verbos de movimento, como em *She made her way through the crowd* (Ela abriu caminho pela multidão), e outro com movimento acompanhado de som ou atividade, como *He whistled his way* (Ele foi assobiando). Nesse caso, não é necessária a criação de esquemas separados, mas apenas de subesquemas, já que a semelhança estrutural sustenta sua coexistência em um mesmo esquema mais geral.

Assim, o comportamento da esquematicidade reforça a ideia de que a mudança linguística não segue um único trajeto, sendo possível que microconstruções sejam atraídas por diferentes esquemas, adotando ou não todas as propriedades desses novos contextos.

Por sua vez, Bybee (2010) afirma que a esquematicidade corresponde ao grau de variação permitido entre os membros de uma classe construcional. Classes altamente esquemáticas abrangem um amplo conjunto de instanciações, enquanto, no extremo oposto, há casos em que determinadas posições são completamente fixas, sem possibilidade de alternância. A autora observa que, quando a alta esquematicidade se combina à elevada frequência *type*, obtém-se o nível máximo de produtividade de uma construção. Já a baixa esquematicidade tende a restringir esse potencial, uma vez que reduz o número de candidatos aptos a preencher os slots disponíveis. Apesar disso, Bybee ressalta que, em situações de baixa esquematicidade, a presença de uma frequência *type* relativamente alta ainda pode assegurar certo grau de produtividade.

Para ilustrar o conceito, Bybee (2010, p. 76) apresenta construções que mesclam elementos fixos e esquemáticos. No enunciado *Mr. Bantam corkscrewed his way through the crowd* (“O Sr. Bantam abriu caminho em meio à multidão”), o termo *way* constitui um elemento invariável, ao passo que a construção admite variação em outros pontos. De forma semelhante, em *What’s that box doing up there?* (“O que aquela caixa está fazendo lá em cima?”), os itens *what* e *do* no progressivo permanecem fixos. Em ambos os exemplos, coexistem partes determinadas (como *way* ou as formas de *what* e *do*) e slots gramaticalmente definidos que admitem flexões (como o pronome possessivo em *his way* e as diferentes formas do verbo *be*). Assim, segundo a autora, a esquematicidade pode manifestar-se em graus distintos dentro de uma mesma construção.

Além disso, Bybee (2010) destaca que as classes mais esquemáticas da língua são as categorias gramaticais amplas, como substantivo e verbo. Um exemplo citado pela autora é a construção *drive someone X* (“deixar alguém X”), que admite

virtualmente qualquer sintagma nominal na posição de sujeito. Do mesmo modo, padrões altamente gramaticalizados, como *np be going to verb* (“SN estar indo + verbo”, equivalente a SN vai + verbo em português), permitem que qualquer verbo ocupe a posição verbal, o que evidencia o grau elevado de esquematicidade dessas estruturas.

Neste trabalho, seguimos a concepção de esquematicidade tal como formulada por Traugott e Trousdale (2021), isto é, uma propriedade gradual e dinâmica das construções. Nesse modelo, a esquematicidade está relacionada à capacidade de uma construção representar um padrão mais abstrato que possa abrigar microconstruções mais específicas, permitindo sua integração em esquemas mais gerais. Tal abordagem enfatiza a função da esquematicidade na estruturação da rede construcional da língua e em sua reorganização ao longo do tempo.

Em relação ao papel da composicionalidade no processo de construcionalização, Traugott e Trousdale (2021) consideram que ela opera pela redução da transparência entre o significado e a forma das partes de um signo. Nessa perspectiva, a diminuição da composicionalidade ocorre quando a construção passa a apresentar incompatibilidade entre a morfossintaxe antiga e o significado recém-adquirido, como no caso de *a lot of* do inglês, que anteriormente possuía o valor lexical de unidade ou grupo e, posteriormente, tornou-se uma construção partitiva com o sentido de “um monte de” ou “muito de”.

De forma semelhante, Smirnova (2015) observa que, nas novas construções, a composicionalidade tende a ser reduzida. Embora as construções anteriores possam servir como fonte, o conhecimento dessas formas e de suas combinações não é suficiente para a interpretação da nova construção. A semântica da construção inovadora, em geral, mostra-se mais específica do que a das construções-fonte, pois incorpora características adicionais de significado.

Por sua vez, Bybee (2010) entende a composicionalidade como um parâmetro semântico que mede o grau de previsibilidade do significado de uma unidade complexa a partir do significado de suas partes constitutivas. Assim, há casos em que a relação entre base e afixo resulta em maior transparência, como ocorre em *hopeful* (esperançoso), *careful* (cuidadoso) e *watchful* (atento), em que a contribuição semântica da base e do sufixo é facilmente recuperada. Em contrapartida, palavras como *awful* (terrível) e *wonderful* (maravilhoso) apresentam menor previsibilidade, já que

introduzem avaliações positivas ou negativas não diretamente associadas às formas *awe* (temor, reverência) ou *wonder* (admiração, maravilha).

Nesse mesmo sentido, a autora destaca que a perda de composicionalidade pode servir como indício de construções inovadoras em relação às formas das quais se originaram. Para ilustrar, menciona a célebre pergunta *What's that fly doing in my soup?* (O que essa mosca está fazendo na minha sopa?), que pode receber uma leitura composicional — à qual se poderia responder *I believe that's the backstroke* (Acredito que seja o nado de costas) — ou ser interpretada como um caso da construção *WXDY?* (Fillmore; Kay, 1999), funcionando como uma expressão retórica de surpresa ou desaprovação. A segunda leitura é menos composicional, pois não decorre da soma direta dos significados das partes.

Além disso, Bybee (2010) observa que a composicionalidade tende a ser preservada em contextos nos quais a base lexical é cognitivamente ativada, mas se enfraquece quando esse vínculo não é recuperado. Mudanças semânticas e pragmáticas que reduzem a transparência do significado são favorecidas pela repetição e pelo uso frequente, ainda que tenham origem nos próprios contextos de emprego das unidades complexas.

A autora acrescenta que a recorrência de determinadas combinações de morfemas ou palavras faz com que essas sequências se consolidem como unidades independentes, enfraquecendo a associação com suas partes constitutivas. Esse processo conduz ao aumento da autonomia, entendida como o afastamento progressivo da estrutura interna e da transparência semântica (Bybee; Brewer, 1980, apud Bybee, 2010). Em especial, em contextos de uso extremamente frequente, unidades complexas podem tornar-se autônomas em relação às suas fontes, passando a ser processadas como blocos únicos. Assim, a perda de composicionalidade e a conseqüente elevação da autonomia não são fenômenos excepcionais, mas resultados naturais do modo como a linguagem é processada, fornecendo inclusive uma das bases para a formação da gramática.

Nesse quadro, Bybee (2010) retoma a previsão de Hay (2001), segundo a qual esse tipo de perda ocorre de maneira mais evidente quando a forma complexa ultrapassa em frequência a forma simples da qual deriva. O exemplo citado é o de *spite* (desprezo, rancor), que perde força de uso em comparação à expressão *in spite of* (apesar de). Inicialmente, a transparência poderia ser preservada em contextos em que o sentido das partes fosse enfatizado; entretanto, à medida que *spite* deixa de ser interpretado

literalmente, o vínculo com sua origem nominal enfraquece, e o termo, dentro da locução, passa a atuar como elemento fixo, sem as propriedades nominais que possuía originalmente.

Ainda quanto à construcionalização, duas distinções importantes são propostas por Traugott e Trousdale (2021): a construcionalização gramatical (como a mudança de *lot* representando, em inglês, um pedaço de madeira, para *lot* como um marcador quantitativo) e a construcionalização lexical (como o caso de *cupboard/armário* - junção de dois itens lexicais *cup/xícara* e *board/tábua*). Um exemplo de construção híbrida, que combina a construcionalização gramatical e a lexical, é o da construção complexa *give someone a kicking* (dar um chute em alguém), a qual, segundo Trousdale (2008a), é parcialmente bitransitiva, e, portanto, em parte, gramatical/procedural, e, em parte, lexical/de conteúdo, já que pode também ser usada para referir a agressões verbais, ao invés de físicas.

Nesse sentido, convém destacar também que, de acordo com Traugott e Trousdale (2021), no processo de construcionalização gramatical, a nova construção é sempre mais esquemática e geral em comparação às construções fonte, e uma construção mais esquemática surge enquanto novas polissemias se desenvolvem por meio da abstratização dos falantes em instâncias de uso da língua. Além disso, há, segundo esses mesmos autores, duas formas de se interpretar o aumento da esquematicidade das construções: (a) uma diminuição no detalhamento semântico associado à nova construção e (b) um aumento na capacidade de uma construção mais abstrata (e genérica) sancionar construções novas e mais específicas. Conforme a nova construção se consolida, os falantes prestam menos atenção às partes específicas e mais atenção ao novo significado mais esquemático, como um todo (Traugott; Trousdale, 2021). Consideramos que a construcionalização gramatical interessa mais diretamente a esta pesquisa, porque as construções com *saber* veiculam significados procedurais, como factualidade, reportatividade e certeza/incerteza.

Considera-se ainda, nessa perspectiva teórica, que, no processo de mudança linguística, operam mecanismos que envolvem tanto a reestruturação sutil da organização interna das construções, quanto o alinhamento dessas novas formas a padrões linguísticos existentes, permitindo que mudanças se consolidem e se tornem convencionais na rede gramatical da língua. Entre esses mecanismos, os principais são: a neoanálise (ou reanálise) e a analogização.

O processo de neoanálise pode ser definido como uma “mudança na estrutura de uma expressão ou classe de expressões que não envolvem modificação imediata de sua manifestação superficial” (Langacker, 1977, p.58, apud Traugott; Trousdale, 2021). Traugott e Trousdale (2021) apontam que a neoanálise não é visível imediatamente na superfície, mas se torna evidente em exemplares nos quais novas distribuições se formam, indicando que houve uma mudança subjacente.

O conceito de neoanálise tem sido aplicado em pesquisas sobre o português brasileiro que seguem a mesma perspectiva teórica aqui adotada, como o estudo de Oliveira e Sambrana (2020). As autoras analisam a trajetória do marcador discursivo *olha* no português e o classificam como resultado de um processo de neoanálise. De acordo com as autoras, o uso de *olha* teria evoluído de verbo pleno com sentido visual para marcador discursivo intersubjetivo, como em “ Olha lá... Não se engraça comigo, seu Crapiúna... -observou ele. -Vamos e muito direitinho... Comigo não se brinca, vocês sabem...” (p. 39), o que configura uma mudança funcional subjacente identificável por novas distribuições de uso, sem alteração formal imediata na superfície.

Traugott e Trousdale (2021) afirmam que, no contexto da abordagem construcional, a neoanálise é vista como um micropasso em uma mudança construcional mais ampla. Uma série de micromudanças pode culminar em uma construcionalização, ou seja, a criação de um novo nó na rede construcional, que relaciona forma e significado de maneira inovadora. As mudanças, mesmo que sutis, podem modificar os nós já existentes, ou gerar novos nós na rede, como resultado do surgimento de uma nova forma com um novo significado.

Já a analogização, conforme discutido por Traugott e Trousdale (2021), refere-se ao processo pelo qual construções neoanalisadas encontram novos padrões de correspondência de significado e forma dentro do sistema linguístico. A analogização, segundo os autores, ocorre quando essas representações exemplares se alinham a esquemas ou subesquemas compartilhados, o que facilita a propagação de mudanças em uma língua, originadas das interações entre falante e ouvinte. As mudanças, que ocorrem em pequenos passos, se tornam convencionais e se estabilizam por meio do compartilhamento por uma comunidade de falantes, sendo, portanto, uma extensão natural do processo de neoanálise.

Bybee (2010) também discute a analogia como um mecanismo central na formação e transformação das construções linguísticas. Segundo a autora, a analogia

não deve ser vista apenas como um processo de comparação entre formas isoladas, mas como um princípio fundamental que possibilita a expansão e adaptação das construções existentes. Nesse contexto, a produtividade linguística se baseia mais na similaridade entre novas expressões e padrões previamente armazenados na memória dos falantes do que em regras abstratas. Assim, a analogia opera de maneira dinâmica e gradativa, permitindo que a aceitação de novas formas ocorra conforme sua proximidade com estruturas já consolidadas na língua.

Ademais, Bybee argumenta que as construções linguísticas emergem da repetição e do uso contínuo de padrões estabelecidos. O processo de analogia permite que novas palavras, frases ou expressões sejam incorporadas à linguagem sem a necessidade de um modelo rígido e formal. Por exemplo, a mudança da forma verbal *leapt* para *leaped* é um caso de nivelamento analógico, em que uma forma irregular é substituída por uma forma mais previsível e regular. Já a extensão analógica acontece quando um padrão existente se expande para novos elementos, como no caso da adoção da forma *snuck* como o passado de *sneak*, seguindo o modelo de verbos irregulares como *stick/stuck* (Bybee, 2010, p. 66-68).

A interação entre analogia e frequência é outro ponto importante discutido por Bybee (2010). Construções altamente frequentes tendem a se tornar mais resistentes à mudança, pois seu uso contínuo fortalece sua representação mental, bloqueando processos analógicos. Por outro lado, formas menos frequentes são mais suscetíveis à regularização, com os falantes tendendo a reformulá-las analogicamente, com base em padrões mais produtivos. Isso explica, segundo a autora, por que certas irregularidades linguísticas persistem ao longo do tempo, enquanto outras desaparecem à medida que são substituídas por construções mais regulares.

Por fim, Bybee (2010) propõe que a analogia não deve ser vista como um processo isolado, mas como um mecanismo essencial que opera em diferentes níveis da gramática, da morfologia à sintaxe. Sua influência pode ser observada na forma como as palavras são combinadas, na criação de novas construções e até mesmo na mudança fonológica. A autora sugere uma abordagem baseada no uso da linguagem, na qual as regularidades emergem da repetição e da reorganização contínua das experiências linguísticas dos falantes, reforçando a ideia de que a linguagem é governada por redes dinâmicas de associações, e não por regras fixas.

Em síntese, pode-se dizer que, enquanto a neoanálise refere-se à mudança que pode resultar em um novo nó construcional ou em uma nova relação na rede da língua, a

analogização é o processo que possibilita a ampliação dessas mudanças para outras construções, ancorando-as em esquemas já existentes da gramática. Compreender esses mecanismos é fundamental para interpretar o percurso de transformação das construções com *saber* e situá-las no quadro mais amplo das mudanças construcionais.

Na seção a seguir, alguns estudos anteriores sobre construções completivas com o verbo *saber*, com o propósito de delimitar o objeto de estudo desta pesquisa, bem como indicar seus avanços e possíveis contribuições para o estudo dessas construções, especialmente no âmbito da mudança linguística.

2.2 ESTUDOS ANTERIORES SOBRE CONSTRUÇÕES COM *SABER*

No âmbito dos estudos sobre a gramática do português brasileiro, várias pesquisas já foram desenvolvidas com o propósito de descrever as orações completivas, particularmente sob o paradigma teórico do funcionalismo linguístico.

No grupo dos estudos que tratam das orações completivas do português em geral, situam-se pesquisas como Braga (1999a, b) e Neves (2002), que destacam, entre outros fatores, os diferentes graus de integração semântica e morfossintática de orações encaixadas em relação às suas matrizes, e Gonçalves, Sousa e Casseb-Galvão (2008), que descrevem o funcionamento das orações completivas no português falado culto.

Quanto aos que focalizam algum tipo especial de completiva ou de predicado que ocorre como matriz de oração completiva, encontram-se, por exemplo, os trabalhos de Sousa (2010, 2012, 2013, 2015) a respeito da gramaticalização de construções com complemento oracional (introduzidos por *se*, *que* e *como*), o de Casseb-Galvão (1999), sobre a gramaticalização do verbo *achar*, o de Gonçalves (2003), sobre a gramaticalização de *parecer*, o de Carvalho (2004), que investiga, também do ponto de vista da gramaticalização, o comportamento sintático e semântico de orações complexas encaixadas em verbos causativos e perceptivos (*ver*, *ouvir* e *sentir*), e o de Cezário (2001), sobre os graus de integração de orações completivas com verbos cognitivos (*achar*, *ver* e *saber*) e volitivos (*mandar*, *querer* e *deixar*).

A respeito do verbo *saber*, que interessa mais diretamente a esta pesquisa, Gonçalves, Sousa e Casseb-Galvão (2007), ao investigarem as construções completivas e o tipo semântico dos verbos encaixadores de complemento oracional no português falado, classificam-no como verbo de cognição, que veicula “conhecimento por parte do referente do sujeito da sentença principal” (p. 10). Os autores ilustram essa classificação

com ocorrências como: “por exemplo... no setor odontológico... *sabemos... que... existe uma demanda... muito grande... atualmente... das pessoas... em relação... aos... respectivos sindicatos...*” (p. 10), em que *sabemos* expressa, de acordo com os autores, a posse de um conhecimento por parte do sujeito. Outro exemplo é “...nem cheguei a tentar...acrescido do fato que que aí depois *soube que para mulher era muito difícil que eles quase não admitiam era difícilimo...*” (p. 10), em que o verbo *soube* introduz uma oração completiva que veicula um conteúdo assumido como verdadeiro e já incorporado ao conhecimento do falante, indicando mais precisamente, de acordo com Gonçalves, Sousa e Casseb-Galvão, a aquisição de conhecimento por parte do referente do sujeito.

Além desses estudos, o trabalho de Costa (2017) investiga os valores semânticos expressos por *saber*, incluindo conhecimento (“... *sabia que ele tinha esse disquete ...*” (p. 96)), compreensão (“... *eu sei que você tá querendo dizer ...*” (p. 101)), habilidade (“... *a pessoa saber dirigir ...*” (p. 127)), previsão (“... *amanhã a gente num sabe ... se a gente vai tá aqui ...*” (p. 128)), memória (“... *sei que o assassino foi o diretor da escola ...*” (p. 92)) e crença (“... *e a gente sabe que a solução no caso ... era Jesus ...*” (p. 134)). A autora demonstra que *saber* se combina com diferentes tipos de complementos, como orações introduzidas por *que*, orações infinitivas e sintagmas nominais.

Em comparação à pesquisa aqui desenvolvida, o estudo de Costa (2017) diverge no sentido de que focaliza a diversidade de significados e de estrutura argumental do verbo *saber* em perspectiva sincrônica, enquanto propomos uma análise diacrônica das construções com *saber* junto de orações completivas desenvolvidas, iniciadas tanto pela conjunção *que* quanto por *se*.

Um outro estudo a respeito de construções com o verbo *saber* é o de Kapp-Barboza (2017), no qual a autora analisa os diferentes usos de construções com *saber* no português a partir da perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional (Hengeveld; Mackenzie, 2008). A autora considera que o contexto exerce papel central na definição dos significados do verbo e parte da hipótese de que *saber* apresenta comportamentos distintos, tanto na expressão de conhecimento, quanto na marcação da origem da informação veiculada, variando de acordo com o grau de envolvimento do falante e com o enquadramento morfossintático das formas.

Segundo Kapp-Barboza, observa-se em português uma expansão semântica do verbo *saber*, que pode ser classificada nos seguintes tipos:

(i) cognitivo, quando expressa um conhecimento do falante, como em *eu sei que você vive em São Paulo*. Nesse caso, há maior subjetividade, com ocorrência em diferentes tempos verbais e pessoas gramaticais;

(ii) informativo, ao veicular uma informação externa ao falante, não construída a partir de suas experiências ou raciocínio, como em *eu sei que eles são divorciados*. Apresenta menor subjetividade, também com variação de tempos verbais e pessoas gramaticais;

(iii) modal facultativo, relacionado a uma habilidade do falante, como em *eu sei falar italiano*. Nessa categoria, aparecem diferentes tempos verbais e pessoas do plural;

(iv) modal epistêmico, quando há avaliação do comprometimento do falante quanto à veracidade da proposição apresentada, como em *eu sei que fiz um bom trabalho*. Ocorre no presente e no pretérito do indicativo, restrito à 1ª pessoa do singular, com maior subjetividade;

(v) evidencial reportativo, quando o falante não é a fonte da informação expressa na oração completiva, como em *eu soube que ela viajou para São Paulo*. Também ocorre no presente e no pretérito do indicativo, na 1ª pessoa do singular;

(vi) evidencial inferencial, quando a informação é formulada a partir de um raciocínio do falante, como em *Joana estuda muito, sei que será aprovada no concurso*. Também se manifesta no presente e no pretérito do indicativo, na 1ª pessoa do singular, com maior subjetividade;

(vii) evidencial dedutivo, quando a observação de um resultado permite a formulação de uma informação, como em *eu sempre sei quando Felipe está em casa, pois ele fala muito alto*. Assim como casos em (iv) a (vi), a construção com o verbo *saber* ocorre no presente e no pretérito do indicativo, na 1ª pessoa do singular.

Diferentemente de Kapp-Barboza, optamos por reunir os usos classificados como cognitivo e informativo sob a categoria de saber *cognitivo*, uma vez que, nos dados examinados, essas construções manifestam invariavelmente “um conhecimento por parte do referente do sujeito da sentença principal” (Gonçalves, Sousa, Casseb-Galvão, 2008, p. 1033). Por outro lado, os tipos inferencial, epistêmico e evidencial dedutivo foram agrupados sob a categoria de saber *modal epistêmico*, pois, em todos os casos observados, as construções expressam uma avaliação realizada pelo falante, no momento da interação, sobre o conteúdo proposicional. Por fim, não incluímos na análise os usos em que *saber* apresenta valor facultativo, já que o foco do estudo recai

sobre construções subordinadas com orações completivas introduzidas pelas conjunções *que* ou *se*.

Garcia e Gonçalves (2021), em estudo sincrônico conduzido sob a perspectiva teórica da Gramática Textual-Interativa, analisam a construção *(eu só) sei que*, caracterizada como a mais avançada no processo de mudança linguística. No estudo, os autores demonstram que o uso de *(eu só) sei que* se expande de um predicado cognitivo, indicativo de conhecimento proposicional, para um marcador discursivo. Os dados de fala analisados no trabalho provêm da Amostra Censo (AC) do Banco de Dados Iboruna, representativo da fala do noroeste paulista.

Conforme demonstram Garcia e Gonçalves, em um processo de mudança linguística, *(eu só) sei que* passa a desempenhar funções textuais e interacionais, organizando a estrutura discursiva e articulando segmentos do enunciado. Os autores identificam para a construção cinco funções textual-interativas principais: fechamento de tópico, sequenciamento intratópico, sequenciamento de tópico, abertura de tópico e sequenciador tópico com valor secundariamente modal, conforme exemplificadas pelas ocorrências a seguir, extraídas do estudo de Garcia e Gonçalves (2021).

- Fechamento de tópico: indica a finalização de um segmento discursivo, geralmente agregando uma avaliação sobre o conteúdo enunciado (p.151)

Tópico discursivo: Entrada de um rapaz armado em programa de televisão
 tem o(u)tro programa [...] entraram armado naquela Márcia Goldschmitt [...] que [...] ela [...] formam casais:: depois faz ela paga pra tê(r) casamen::to lá [...]
 e esses tempos atrás o:: um::... um rapaz pediu pra reatá(r) um casamento [...] e a produção procurô(u) a:: ex-esposa e ela num aceitô(u) participá(r) do programa...
 então ele foi na/ nesse programa a/ é:: ao vivo... e ele foi lá arma::do querendo obrigá::(r) a:: a:: o programa a fazê(r) alguma coisa... e prometeu atirá(r) [...]
só sei que a Márcia conseguiu um tempo... mantê(r) né? o programa no ar e depois acabaram rendendo o cara...

[AC-118; RO: L. 559-567]

- Sequenciamento intratópico: organiza diferentes partes dentro de um mesmo tópico discursivo (p.152)

Tópico discursivo: Ida a cemitério para realizar procedimento místico

então... um dia foi marcado lá pra fazê(r) um trabalho num... no cemitério... e que cemitério?... tinha que ser d'um::... d'uma:: cidade da região... né?...

e JUStamente no dia que foi marcado[...] eu num podia í(r)... nossa [...] onde já se viu eu perdê(r) um negócio desse qué(r) dizê(r) cheguei até aqui... e aquilo que eu quero vê(r) eu num vô(u) vê(r)?... eu fiquei curiosa né?... **eu sei que** eu peguei e falei pa minha irmã então vai você... né?... e a minha irmã foi...

aí foram acho que no cemitério de Cedral Uchoa [...] foi num daqueles dois cemitério...

[AC-100; NR: L. 129-136]

- Sequenciamento de tópico: a construção introduz uma nova avaliação e dá continuidade ao discurso (p.152)

Tópico discursivo: Trabalho com a mãe depois do nascimento do filho

e::... depois óh... quando a gente se casô(u)... né? [...] nasceu o nosso filho... [...] e... minha mãe sempre me dava muito trabalho né::? [...]

pra começá(r) a gente comprava brinquedo pra ele ela escondia os brinquedo do do meu filho... [...] então é/ era praticamente como uma criança também...

e... **eu sei que** num foi fácil a gente convivê(r) esse tempo todo::... que a gente tinha que cuidá(r) dela porque e/ ela num tinha mais parente num tinha mais filho né?...

na... [...] na época de parquinho... [...] ela tocava as criança embora ela tomava os brinquedo dele e escondia... né?... [...]

[...] ela num de(i)xa/ ele ia brincá(r) na casa de [...] algum coleguinha [...] se vinha os coleguinha dele... (entrava) em casa brincá(r)... ela escondia os brinquedo [...]

[AC – 133; NE: L. 12-28]

- Abertura de tópico: transição para um novo segmento discursivo (p.154)

Tópico discursivo 1: Criação de uma boneca de vodu

[*aí ele tinha uma boneca [...] que fazia aquele:: vodu... sabe? [Doc.: hum] então cê chegava lá... tinha uma tesô(u)ra espetada na boneca... e a boneca... chamava M.J. que era o nome da... fulana... então cada vez que ele chegava perto da boneca ele... ((bate com uma revista na mesa)) na boneca c'a tesô(u)ra... [Doc.: ham] quando não... alfinete no pescoço... só que a mulher tá forte até hoje [...]*]

Tópico discursivo 2: Decisão do tio de fazer macumba para matar a amante

aí minha filha... **eu sei que::**... – “vamo(s) fazê(r) uma macumba?... nós temo(s) que fazê(r) uma macumba pa matá(r) essa mulher” [...] ele... [Doc.: ham] queria fazê(r) uma macumba pa matá(r) a mulher... [...]

falei – “bom... tá queren(d)ô um macumbe(i)ro... aonde a gente tem que í(r)... nos arrebalde da cidade” – ((risos)) e fomo(s) Eldorado::... acima... [...] encontramo(s) um lá... sabe?... coitado do homem super desnutrido sabe? era o bruxo...

e::... eu sei que cada dia que nós ia lá tinha que dá(r) maçã pos... pos... espíritos... [...] e tinha que dá(r) num sei mais o que e era só dinhe(i)ro que ele de(i)xava lá [...]

[AC – 100; NR: L. 108-128]

- Sequenciador tópico com valor secundariamente modal: introduz um novo segmento discursivo e expressa um valor epistêmico associado à certeza da proposição (p.155)

Tópico discursivo: Grande ciúme por parte da namorada depois do início do trabalho do informante em um cursinho

Doc.: ela é muito ciumen::ta?

Inf.: muito principalmente depois do cursinho eu num sabia que ela era assim [...]

a/ aTÉ antes [...] de eu começá(r) trabaLHÁ(r) no cursinho... era normal que eu num tinha muita amizade com os de fora [...]

então... quando eu comecei a trabalhá(r) no cursinho... [...] daí você começa pegá(r) amizade com o pessoal... e geralmente com meninas tam(b)ém... porque são MUITas meninas que estudam lá... e [...] nossa eu falo [...] que eu conversei com alguém ela já... fecha a cara na ho::ra... MUITo ciumenta que ela tá

então... hoje em dia **eu sei que ela é muito ciumenta** [se fosse] [Doc.: e você?] há seis meses atrás eu falava que não

[AC-047; DE: L. 137-151]

Enquanto o estudo de Garcia e Gonçalves (2021) privilegia a descrição das funções textuais e interativas da construção *eu (só) sei que* em entrevistas orais do século XXI, a presente pesquisa evidencia que, em textos escritos dos séculos XVI a XX, essa construção aparece de forma mais restrita, desempenhando essencialmente a função de finalização de tópico. A comparação entre os resultados revela, portanto, que, ao passo que no *corpus* oral contemporâneo a construção se diversifica, atuando também como recurso de sequenciamento intratópico, abertura de tópico e sequenciamento tópico com valor secundariamente modal, no *corpus* histórico o uso se mostra mais limitado e estabilizado. Essa diferença sugere que, ao longo do tempo, a construção pode ter passado por mudanças linguísticas que ampliaram sua versatilidade funcional, o que se articula ao nosso objetivo central de compreender como construções com *saber* se reconfiguram em diferentes períodos, envolvendo-se em processos de mudança construcional e de construcionalização. Os resultados de Garcia e Gonçalves (2021), portanto, contribuem para reforçar nossa hipótese de que construções complexas com o predicado *saber* tenham adquirido novas funções discursivas ao longo da história do português, tendo se consolidado sob a forma de construções mais abstratas, menos esquemáticas e menos composicionais na rede linguística do português.

Com relação aos estudos mencionados sobre o verbo *saber* (Gonçalves; Sousa; Casseb-Galvão, 2007; Costa, 2017; Kapp-Barboza, 2017; Garcia; Gonçalves, 2021), a presente pesquisa avança ao propor uma análise diacrônica das construções [saber +

que-complemento] e [saber + se-complemento], investigando suas trajetórias de mudança ao longo de diferentes sincronias do português. Diferentemente dos trabalhos anteriores, que se concentram na diversidade semântica do verbo ou em usos específicos em perspectiva sincrônica, nosso estudo aplica os pressupostos da Gramática de Construções (Goldberg, 1995; Traugott; Trousdale, 2021) para examinar como as construções com *saber*, formalmente semelhantes, evoluem de modo distinto, estabelecendo relações de herança entre subesquemas. Também, a pesquisa integra, em sua metodologia, a análise quantitativa (produtividade das construções por século) e qualitativa (funções discursivas e valores semânticos), propondo, assim, um modelo de análise que articula os níveis semântico-funcionais e formais.

A partir dessas considerações, trataremos, na seção seguinte, de aspectos relacionados à etimologia de *saber*, que constituem a base dos sentidos e funções que o predicado assume em construções do português atual.

2.3 ORIGEM DO VERBO SABER

Ao analisar *saber* do português em dicionários latinos e etimológicos, verifica-se que o verbo teve sua origem no latim vulgar, *sapere*, com sentidos ligados a experiências físicas, como o paladar, com o significado de *ter sabor*. Termos derivados de *sapere* também seguem tal significação, como atestam Cretella e Cintra (1953): *sapientia*, que significa *sabedoria, prudência*, tinha, como segunda acepção, *sentido do gosto*; o termo *sapio*, sábio, alguém prudente, também podia significar *ter sabor*, como em *Sapit ei palatus* (tem um gosto delicado).

Em português, ainda se encontra o significado relacionado ao paladar⁵ em dicionários contemporâneos, como na nona acepção do verbo presente em Caldas Aulete (2018):

1. Ter conhecimento, informação ou notícia de, estar informado sobre [td. : *Sabe o que aconteceu?: Eu sei tudo sobre o caso.*] [tr. de, sobre : *Só ontem soube da viagem do amigo.: O que você sabe sobre ele?*] [int. : *Noivaram em segredo, ninguém sabia.*]

2. Conhecer especificamente uma técnica, uma matéria, uma ciência etc. [td. : *Ela sabe matemática como poucos.*]

3. Ter certeza ou convicção de; pressentir [td. : *Você pode ter dúvidas, mas eu sei que agimos certo.: Eu sabia que ele ia chegar atrasado...*]

⁵ Com esse sentido, o verbo não é empregado no português brasileiro, apenas no português europeu.

4. Ter a capacidade, a habilidade ou os meios de (fazer, realizar algo) [td. : *Ele sabe jogar bilhar como ninguém.: Não soube realizar a tarefa a contento.*]

5. Ter condição ou capacidade de compreender ou de explicar algo [td. : *Não sei o que deu nela, é inexplicável.*]

6. Ter na memória, de cor [td. : *Ela sabe toda a Bíblia, capítulo por capítulo, versículo a versículo.*]

7. Obter ou tentar obter informação, indagar [td. : *Telefonou para agência para saber o horário do voo.*] [tr. de, sobre : *Vou até a clínica, quero saber do estado de saúde da titia.*]

8. Ter como, considerar [tdp.]

9. Ter sabor; ter sabor de ou parecido com o sabor de [int. : *Experimente este vinho, veja como ele sabe!*] [tr. a : *Seus beijos sabiam a mel e canela.*]

sm.

10. Conjunto de conhecimento que se adquire; CULTURA; ERUDIÇÃO; SABEDORIA

11. Discernimento e prudência nas ações, no comportamento

12. Capacidade que se adquire com a experiência

13. O anel de grau das professoras primárias (Aulete, 2018)

O dicionário Aurélio também registra acepções relacionadas ao uso sensorial de *saber*, como os usos como verbo transitivo indireto (acepção 15) e verbo intransitivo (acepção 18):

15. ter sabor ou gosto: “O licor tinha a mais bela cor de topázio, fina e transparente. E sabia gostosamente a frutos e a doce.” (Maria Archer, Fauno Sovino, p. 98); “Era uma infusão descorada que sabia a malva e a formiga.” (Eça de Queirós, A Cidade e as Serras, p. 162).

18. Ter sabor, ser sávido: “Livros como vinhos: quanto mais velhos mais sabem.” (Guilherme Figueiredo, Despropósitos, p. 37) (Aurélio, 2005).

Em todos os dicionários consultados, também se encontra para *saber* em português a acepção de *ter conhecimento*, significado que, no latim, era expresso por outro verbo: *scire*, em vez de *sapere*.

Vários latinistas consultados atestam que *scire* funcionava como núcleo de orações completivas, de forma semelhante a de *saber* do português contemporâneo. Segundo Almendra e Figueiredo, em seu *Compêndio de Gramática Latina* (1967), *scire* é um verbo de atividade intelectual, que expressa conhecimento. De acordo com Ravizza (1958), ele equivale ao verbo *saber* em português.

O verbo *scire* do latim também era utilizado em orações interrogativas indiretas, com flexões de subjuntivo, como no exemplo dado por Freire (1998, p. 253): *Scire sane velim numquid necesse sit* (Gostaria de *saber se era preciso*). Maurer Junior (1959) aponta que, apesar de, no latim clássico, os falantes utilizarem o subjuntivo para formar

as construções interrogativas indiretas, no latim vulgar, não havia tal necessidade e, utilizava-se, então, o indicativo na maioria dos casos. Segundo o autor, as línguas românicas seguem o latim vulgar e também empregam o indicativo nas interrogativas indiretas, como nas traduções dos exemplos de Almendra e Figueiredo (1967, p.193): *Nescio cur uêneris* (Não sei por que vieste) e *Nesciebam cur uenisses* (Não sabia por que tinhas vindo).

Diante desse panorama, propomos aqui que o verbo *saber* do português tenha passado por processos de mudança semântica. Primeiramente, a acepção de *ter conhecimento* pode ter emergido como resultado de uma extensão metafórica pelo qual um domínio conceitual é compreendido e estruturado a partir de outro (Grady, 2007). Nesse caso, o domínio concreto do paladar (ter sabor) teria sido projetado sobre o domínio abstrato do conhecimento, estabelecendo um paralelo experiencial entre *experimentar algo pelo gosto* e “experimentar”, ter contato com algo mentalmente e, assim, *compreender* ou *discernir* um conhecimento.

Além disso, o uso de *saber* com valor modal epistêmico — indicando certeza ou incerteza sobre uma proposição — pode ter se desenvolvido por meio de uma extensão metonímica. A metonímia, entendida como um processo cognitivo pelo qual um conceito (a fonte) fornece acesso mental a outro conceito relacionado (o alvo) dentro de um mesmo domínio experiencial ou cognitivo (Panther; Thornburg, 2007), permite que o significado de *saber*, associado ao conhecimento, funcione como ponto de partida para a indicação de atitude avaliativa do falante. Nesse caso, a noção de *saber* (fonte) dá acesso ao grau de certeza ou incerteza (alvo), com base em uma relação de proximidade conceitual, como ocorre entre causa e efeito, entre estado mental e atitude modal. Esse funcionamento pode ser observado na ocorrência (5) extraída da peça *Esopaida, Ou Vida De Esopo*, de Antônio José da Silva, que integra o *corpus* desta pesquisa.

(5) Esopo: Senhor, eu sou Esopo, que peço perdão a Vossa Majestade da minha descortesia.

Rei: Velhaco insolente, tantas me tens feito, que agora te mandarei enforcar.

Esopo: Olhe, senhor, que eu sou nobre, e não posso morrer enforcado.

Rei: Ou possas, ou não possas, hei de te matar; e só o deixarei de fazer se me fabricares uma torre no ar.

Esopo: Aceito. Dê-me a sua palavra e, juntamente, me há de dar os materiais.

Rei: Prometo tudo. Pois vejo que tu não hás de fazer a torre no ar, e assim sempre te venho a matar.

Rei: Vamo-nos, e levem-no preso para que não fuja.

Esopo: Ai, amada Atenas, que *não sei se te verei mais!* Adeus, Filena, adeus. (Sai.) (Peça *Esopaida, Ou Vida De Esopo*, Antônio José Da Silva, séc XVIII)

No trecho acima, a construção *não sei se te verei mais* introduz uma oração interrogativa indireta que expressa incerteza sobre a ocorrência futura de um evento. A construção com *saber*, nesse contexto, codifica a atitude epistêmica do falante, marcada pela dúvida quanto à realização da ação de ver novamente a interlocutora. A leitura avaliativa decorre da relação metonímica entre o domínio do (des)conhecimento e o domínio da certeza/incerteza, em que o primeiro serve de ponto de acesso para a ativação do segundo.

Os possíveis desdobramentos semânticos — do sabor ao conhecimento (via metáfora), e do conhecimento à (in)certeza (via metonímia) — podem estar associados a alterações no comportamento construcional do verbo *saber*, o que sugere que tais mudanças semânticas podem ter estado atreladas a mudanças construcionais, tema investigado ao longo deste trabalho.

A compreensão dos processos de mudança pelos quais as construções passam requer ainda que se considere o papel da factualidade presente no significado de *saber*, aspecto central para explicar o funcionamento das construções com esse predicado matriz ao longo da história do português. Neste trabalho, a análise da factualidade, a ser abordada na próxima seção, permite avaliar em que medida o conteúdo veiculado pela oração completiva é, ou não, pressuposto como verdadeiro e de que modo essa propriedade se articula com as funções discursivas desempenhadas pelas construções em estudo.

2.4 FACTUALIDADE DA CONSTRUÇÃO COM *SABER*

Em vários estudos que tratam de aspectos semânticos de predicados encaixadores de oração completiva, o verbo *saber* é descrito como um predicado *factivo*, ou seja, um verbo que pressupõe a veracidade da proposição expressa na oração subordinada (Kiparsky & Kiparsky, 1970; Neves, 2000). A classificação como predicado factivo decorre de uma propriedade semântico-pragmática central: a pressuposição de verdade do conteúdo veiculado pelo complemento.

Considera-se que, ao empregar a construção completiva com *saber*, com oração iniciada pela conjunção *que*, o falante, além de declarar o conhecimento do referente do

sujeito em relação a uma determinada proposição, também indica que tal proposição é tomada como verdadeira e é assim compartilhada com o interlocutor.

Kiparsky & Kiparsky (1970) afirmam que um dos traços distintivos dos predicados factivos é justamente a manutenção da pressuposição de verdade, independentemente da força ilocucionária da sentença. Por meio de exemplos afirmativos, negativos e interrogativos, os autores demonstram que a factualidade do complemento desses predicados permanece constante.

Se o falante diz, por exemplo, *Eu sei que João viajou*, presume-se que a proposição *João viajou* seja verdadeira. Essa propriedade distingue *saber* de predicados não factivos, como *achar* ou *acreditar*, que não carregam a mesma pressuposição e admitem a possibilidade de falsidade do conteúdo no complemento oracional sem gerar contradições lógicas. Um exemplo apresentado por Kiparsky & Kiparsky é *I suppose that it is raining* (Suponho que esteja chovendo), em que a proposição subordinada *it is raining* (esteja chovendo) não é tomada como verdadeira pelo falante, mas apenas considerada possível (1970, p. 348).

A pressuposição em predicados factivos também se evidencia a partir da negação. Em *Eu não sabia que João tinha viajado*, o conteúdo da oração subordinada (João tinha viajado) não é colocado em dúvida; apenas se nega o conhecimento prévio a respeito desse fato por parte do falante. O mesmo se observa em contextos interrogativos: ao perguntar *Você sabia que João tinha viajado?*, o falante não questiona a veracidade da proposição, mas busca confirmar apenas se o interlocutor tinha ciência dela.

A manutenção da pressuposição de verdade observada em contextos de negação com construções do tipo *não saber que* não se estende, contudo, às construções completivas introduzidas pela conjunção *se*. Quando a construção com o verbo *saber* seleciona uma oração completiva iniciada por *se*, o conteúdo da oração subordinada não assume estatuto factual, independentemente da presença ou ausência de negação na oração matriz. Isso se deve às propriedades semânticas específicas desse tipo de completiva, que se distingue das completivas introduzidas por *que*.

Conforme argumenta Souza (2009), a oração completiva introduzida por *se* não representa eventos e, assim, nunca equivale a uma predicação, uma vez que a expressão de um evento implica que uma “realidade” se instaure, ainda que apenas no plano cognitivo dos interlocutores, e a conjunção *se* não é capaz de instaurar realidades. Em termos semânticos, a característica que tem uma completiva introduzida por *se* de nunca

ser equivalente a uma realidade instaurada e, desse modo, de nunca representar eventos corresponde à principal diferença entre uma oração completiva introduzida por *se* e uma introduzida por *que*. Conforme afirma a autora:

“a oração completiva iniciada por *se* representa apenas atos de fala interrogativos, que não são declarativos (sim) ou negativos (não), e proposições, referentes a fatos possíveis que não são nem verdadeiros nem falsos. O conteúdo de uma oração introduzida por *se* é, assim, sempre do tipo que pode ser, mas que nunca é, verdadeiro ou falso, afirmativo ou negativo. Essa particularidade que a conjunção integrante *se* possui de introduzir orações que se referem a possibilidades, e nunca a realidades” (Sousa, 2009, p. 85).

Tal distinção explica por que construções como *não sei se João viajou* não preservam a factualidade da proposição subordinada. Diferentemente do que ocorre em *não sabia que João tinha viajado*, em que a proposição encaixada permanece pressuposta como verdadeira, em *não sei se João viajou* o conteúdo da completiva permanece no domínio da possibilidade, sem compromisso com sua veracidade. Assim, o efeito da negação sobre a factualidade da proposição mostra-se sensível ao tipo de conjunção que introduz a oração completiva, sendo a factualidade uma propriedade associada às construções com *que*, e não às construções com *se*.

Já do ponto de vista sintático, a estrutura [s *saber* + que-complemento] pode ser associada ao que Kiparsky & Kiparsky (1970) denominam *forma factiva*. O complemento, nesse caso, apresenta-se como uma proposição factual, vinculada ao conceito de *fato*. Isso se confirma pela possibilidade de substituição da oração subordinada por construções nominais equivalentes, como em *Eu sei o fato de João ter viajado* ou *Eu sei sobre a viagem de João*. As transformações, típicas de predicados factivos, contrastam com os predicados não factivos, como *acreditar*, que não aceitam essas reformulações sem perda de sentido ou alteração do compromisso epistêmico do falante (*Eu acredito no fato de João ter viajado*, ou *Eu acredito na viagem de João* não implicam que a viagem ocorreu de fato).

Dessa forma, o uso de *saber* como predicado matriz está diretamente ligado à pressuposição da verdade do complemento, e seu emprego não se limita à veiculação de um conhecimento, mas também a factualidade da proposição encaixada. Nesse sentido, *saber* expressa a crença do falante na veracidade da proposição e influencia a forma como o enunciado é interpretado pelo interlocutor.

Ao utilizar a construção com *saber* seguida de oração completiva com *que*, o falante sinaliza que a proposição é para ser aceita como verdadeira e pode, ainda, utilizar a construção com determinadas funções organizacionais, atuando na articulação do que Pinheiro (2006) denomina *enunciados metadiscursivos*. O autor afirma que tais enunciados desempenham um papel fundamental na organização textual e interacional, diferenciando-se dos enunciados informacionais por sua função autorreflexiva, que referencia a própria atividade enunciativa enquanto relaciona o significado informacional no discurso. O autor também afirma que enunciados metadiscursivos articulam segmentos tópicos, conectando temas já abordados a novos tópicos e direcionando a atenção do ouvinte.

Consideramos que a construção organizadora de tópicos (*eu sei que*) pode ser compreendida como um enunciado metadiscursivo por sua função de organização tópica, visto que ela organiza o discurso ao orientar o interlocutor sobre o tema em andamento. Quando usada na introdução de um tópico, (*eu sei que*) prepara o ouvinte para o que será tratado em seguida. Com a função de retomar um tópico, atua como um mecanismo de articulação de enunciados, conectando partes anteriores do discurso ao tópico em desenvolvimento e reafirmando a continuidade do assunto em desenvolvimento. Por fim, ao finalizar um tópico, (*eu sei que*) serve como um marcador de transição para um novo tópico ou indica o encerramento de um tópico/assunto.

Na seção a seguir, são descritos os procedimentos metodológicos empregados na pesquisa, especificamente, os *corpora* e a metodologia de análise utilizados.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 CORPUS DA PESQUISA

Considerando os objetivos desta pesquisa, optou-se pela investigação das construções com *saber* em textos com menor grau de formalidade⁶, por supor que eles favoreçam o uso de formas que se acredita que sejam mais inovadoras da construção, como o uso de *eu sei que* com função de marcador de tópico discursivo.

Desse modo, os textos selecionados para a análise neste trabalho foram extraídos de peças teatrais e cartas pessoais. As peças teatrais, enquanto gênero literário, simulam a oralidade por meio da reprodução da fala das personagens, o que favorece o uso de construções típicas da oralidade, em contextos de menor grau de formalidade. Já as cartas pessoais são caracterizadas pela comunicação direta entre remetente e destinatário, recorrendo, geralmente, a uma linguagem informal e subjetiva. Em nossos *corpora*, esse Gênero discursivo inclui expressões coloquiais e tem como principais objetivos a atualização sobre acontecimentos recentes, a manifestação de sentimentos, o compartilhamento de histórias e a formulação de convites para encontros.

Os *corpora* da pesquisa foram constituídos a partir de bancos de dados disponíveis em plataformas digitais, a saber, o *Corpus* do Português, de Mark Davies e Michael Ferreira, composto por cerca de 45 milhões de palavras em 57.000 textos do português dos séculos XIV ao XX, e o *Corpus* Histórico do Português Tycho Brahe, formado por textos em português datados entre 1380 e 1978.

Quanto à coleta das ocorrências, esta foi realizada por meio de buscas manuais no *Corpus* do Português (na seção do *corpus* histórico) e no *Corpus* Tycho Brahe. Foram pesquisadas, de forma sistemática, todas as construções possíveis com o verbo *saber*, contemplando suas variações de pessoa e tempo, e construções com complemento introduzido por *que*, bem como por *se*.

Analisamos sincronias representativas do português compreendidas entre os séculos XVI e XX. Escolhemos iniciar a investigação somente a partir do século XVI em razão de o objeto de estudo envolver construções com funções mais discursivas, de organização textual e, como se sabe, quanto mais remotos são os textos que servem

⁶ Os textos usados na pesquisa são considerados como menos formais dada a proximidade que mantêm com a conversação em modalidade oral, se comparados a outros textos comuns em *corpora* históricos, como cartas cartoriais ou cartas de viagem.

como fonte de observação, menos segura se torna a análise de aspectos pragmático-discursivos, o que poderia comprometer o desenvolvimento da pesquisa e a confiabilidade de seus resultados. Os dados analisados foram, portanto, extraídos de textos pertencentes aos séculos XVI e XVII, que compreendem o período do Português Moderno, e aos séculos XVIII, XIX e XX, representativos do período do Português Contemporâneo.

Após reunir textos a serem utilizados na pesquisa junto aos bancos de dados mencionados, procedemos a um recorte de amostragem de 150 páginas de peças teatrais e 150 páginas de cartas pessoais por século, a fim de que todos os séculos investigados contassem com a mesma quantidade de texto, evitando-se, assim, desequilíbrio entre as amostras que pudesse interferir na frequência de ocorrência dos dados.

A coleta dos dados foi realizada por meio da busca manual de cada forma verbal da construção *saber + que/se*. Assim, por meio da ferramenta de busca dos *corpora*, localizamos cada ocorrência de *saber*, flexionado em todas as pessoas e tempos verbais, do indicativo e do Subjuntivo.

3.2 METODOLOGIA DE ANÁLISE DOS DADOS

As ocorrências foram analisadas com base em grupos de fatores detalhados na próxima seção, relacionados a propriedades gramaticais e a funções semânticas das construções estudadas. Desse modo, além da análise quantitativa, esta pesquisa também emprega a abordagem qualitativa, voltada à investigação de diferentes fatores nos dados analisados. O uso de ambas as metodologias caracteriza a pesquisa como mista, o que se revela especialmente produtivo dentro de uma perspectiva construcional da mudança. Por meio dessa abordagem, pode-se identificar, conjuntamente, padrões recorrentes e tendências de frequência de uso das construções, que auxiliam na identificação e análise dos mecanismos de mudança das construções em estudo. Conforme apontam autores como Cunha-Lacerda (2016), a adoção de métodos mistos permite fortalecer empiricamente proposições teóricas sobre esquematicidade e produtividade, aspectos centrais para o entendimento da mudança linguística no âmbito da Gramática de Construções.

Quando aliamos os dois métodos de análise na abordagem construcional da mudança, podemos, de modo mais geral, contribuir para a compreensão de como as inovações que emergem no fluxo da interação se regularizam na

língua e, de modo mais restrito, comprovar a extensibilidade das propriedades da esquematicidade e da produtividade. (CUNHA-LACERDA, 2016, p.99).

Após a codificação das ocorrências conforme os fatores de análise, os dados foram processados pelo Goldvarb (SANKOFF, SMITH; TAGLIAMONTE, 2005), software estatístico utilizado em estudos sociolinguísticos para análises de variação linguística. Neste estudo, porém, a utilização do pacote estatístico é restrita, voltada apenas à identificação números absolutos e percentuais de ocorrência, possibilitando a caracterização das propriedades típicas de cada construção ao longo de sua evolução diacrônica.

3.3 FATORES DE ANÁLISE

As ocorrências foram analisadas com base tanto em fatores previamente definidos, quanto em fatores que, ao longo da análise, mostraram-se relevantes para a caracterização das construções. Esses fatores envolvem aspectos sintáticos, semânticos e contextuais das construções em estudo. A seguir, cada um dos fatores investigados é apresentado e exemplificado com ocorrências extraídas dos *corpora* da pesquisa.

3.3.1 CLASSIFICAÇÃO SEMÂNTICA DE *SABER*

Nos dados da pesquisa, a classificação semântica das construções com *saber* é realizada com base nos estudos de Kapp-Barboza (2017), Bertasso (2021) e Gonçalves, Sousa e Casseb-Galvão (2007). Considera-se aqui que as construções com *saber* podem assumir significados cognitivo, informativo, de modalizador epistêmico e evidencial (reportativo ou de fato compartilhado).

Cognitivo

O emprego de *saber* na acepção cognitiva indica que o sujeito da oração principal detém um (des)conhecimento sobre o conteúdo proposicional expresso na

oração subordinada completiva (GONÇALVES; SOUSA; CASSEB-GALVÃO, 2008, p. 10), conforme mostram os exemplos em (6) e (7).

(6) Filena: Quem está aqui?

Periandro: Quem há de ser, senão quem adora não só o ídolo de tua formosura, mas até as paredes do templo onde te elevas deidade?

Filena: Se *soubesse que estava aqui*, não passaria por esta sala.

Periandro: A tanto chega o teu ódio, que nem ver-me desejas?

Filena: Não posso responder, porque minha mãe já veio para casa, e vou falar com ela. (Peça *Esopaida, Ou Vida De Esopo*, Antônio José Da Silva, séc. XVIII)

(7) Esopo: Quem é Geringonça?

Xanto: É esta criada de casa.

Esopo: Olhe, vossa mercê, agora sei que tem bom gosto. Pois só o nome de Geringonça lhe basta para se querer. O certo é que todo amor é geringonça.

Xanto: Dizes bem. Porém, como minha mulher Eurípedes tem terrível condição e *não sei se* já presume alguma coisa, é-me preciso tratar isto com mais cautela.

E assim, tu há de ser o meu remédio.

Esopo: Purgativo ou vomitório?

Xanto: Purgativo não; há de ser vomitório. Porque lhe há de dizer que à noite me fale no jardim, e entretanto tu ficarás divertindo a tua senhora. (Peça *Esopaida, Ou Vida De Esopo*, Antônio José Da Silva, séc. XVIII)

Em (6), a construção *se soubesse que estava aqui* exemplifica o sentido cognitivo da construção com *saber*, pois remete à ausência de conhecimento no passado, que teria levado a um desdobramento diferente na ação da personagem. A forma verbal no pretérito imperfeito do subjuntivo (*soubesse*) caracteriza a construção como hipotética e irreal. Nesse contexto, *saber* expressa que o conhecimento não foi adquirido, mas que, caso tivesse sido, teria resultado em uma mudança no comportamento da personagem.

Em (7), o trecho *não sei se já presume alguma coisa* expressa o desconhecimento do personagem Xanto em relação a um possível estado mental de sua esposa. A construção com o verbo *saber*, na primeira pessoa do singular e no presente do Indicativo, marca a ausência do conhecimento no momento da interação, evidenciando que Xanto não dispõe da informação necessária sobre a suspeita de Eurípedes.

Modal epistêmico

Quando empregado com sentido modal epistêmico, *saber* evidencia a (in)certeza do falante em relação ao conteúdo da oração completiva. A modalidade epistêmica diz respeito ao grau de confiança atribuído pelo falante à validade da proposição, expressando uma avaliação sobre sua veracidade. *Saber* assume a função de predicado modal, inserindo-se no domínio da “modalidade epistêmica, que se refere ao grau de certeza e avaliação do falante sobre o conteúdo proposicional da completiva, em um posicionamento subjetivo [...]” (GONÇALVES; SOUSA; CASSEB-GALVÃO, 2008, p. 43).

(8) Quando escrevo a Vossa Alteza, vou copiando o que penso; *não sei se digo bem ou mal, mas sei que digo a verdade*. Desde o princípio desta Monarquia acharam os nossos Reis muita gente de grandes famílias que serviram gloriosamente o Estado, mas já é velho também que o favor da Côrte recaiu menos nos serviços que nos servidos, e quando uma família tem alcançado muito, alcança muito mais, enquanto outros, servindo sempre e tôda a vida, nada alcançam, e às vezes parece que o merecimento é quem exclui dos prémios. (Marquesa de Alorna, Cartas, séc. XVIII)

(9) Quero pedir-lhe um favor um favor de amizade, e que não posso pedir a ninguém mais. Peço-lhe a Vossa Excelência porque *sei que é capaz de me compreender e de tomar no sentido que o valem, as minhas palavras*. Responda-me com franqueza que lho mereço. Tem dúvida, ou outra alguma objecção em lembrar o meu nome para ser contemplado na reunião que haverá um dia destes à noite em Bemfica? (Almeida Garret, Cartas, séc. XIX)

Na ocorrência (8), a construção *não sei se digo bem ou mal* introduz, por meio da construção com o verbo *saber*, uma oração completiva interrogativa indireta (se digo bem ou mal). Nesse contexto, o verbo expressa incerteza quanto à adequação ou inadequação do que é dito, funcionando como um marcador de avaliação subjetiva do próprio enunciador em relação à forma ou ao conteúdo de sua fala. De modo semelhante, em *sei que digo a verdade*, *saber* opera no campo da modalidade epistêmica, pois não indica conhecimento adquirido por observação, dedução ou experiência, mas uma certeza do falante sobre o que afirma. A construção ressalta a confiança absoluta do falante na veracidade da proposição, evidenciando um posicionamento subjetivo. Aqui, o sentido modal de *saber* não deixa espaço para dúvida sobre a veracidade do conteúdo da oração encaixada.

Na construção *sei que é capaz de me compreender e de tomar sentido que o valem, as minhas palavras*, da ocorrência em (9), o falante também expressa, por meio de *saber*, convicção sobre a capacidade do interlocutor de compreender e valorizar o

que ele lhe diz. Essa certeza decorre de uma avaliação pessoal do falante, que expressa sua crença indubitável na factualidade do conteúdo na oração completiva.

Evidencial Reportativo

A evidencialidade diz respeito à forma como o falante indica de onde vem a informação que enuncia. Hengeveld e Mackenzie (2008) distinguem três tipos principais: a) o reportativo, que ocorre quando o enunciador transmite algo que ouviu de outra pessoa, ou recebeu a informação por meio indireto; b) o inferencial, em que a afirmação se apoia em conclusões tiradas a partir de conhecimentos prévios ou de informações culturais, históricas ou sociofísicas que o falante domina; e c) o de percepção de evento, que se caracteriza por informações obtidas diretamente por meio dos sentidos, como indicam os verbos *ver*, *ouvir*, *sentir o cheiro* ou o *sabor de algo*.

A construção com o verbo *saber* na oração matriz indica que a informação expressa não foi adquirida diretamente pelo falante, mas repassada por terceiros. Conforme explica Kapp-Barboza (2017), a construção “indica que o falante está passando uma informação que lhe foi passada por outros” (p. 126), o que implica um distanciamento em relação à veracidade do conteúdo reportado. Assim, embora o falante não tenha acesso direto ao evento, a informação ainda carrega um vínculo com uma fonte específica, mesmo que esta não seja explicitamente nomeada. Esse tipo de evidencialidade estabelece uma separação entre quem recebe a informação e quem a vivenciou, sem que o falante necessariamente se comprometa com sua veracidade.

(10) Esteves: Muito gosto tenho em conhecer sua mercê e desejo que Deus o ajude em todas as suas obras.

Camões: Sou seu criado. Os senhores pretendem alguma coisa de mim?

Lourenço: Não, senhor. *Soubemos que sua mercê estava em Almagem e viemos fazer-lhe os nossos cumprimentos.*

Camões: Muito obrigado. O senhor, pelo que vejo, é da tropa...?

Lourenço: Sou capitão de ordenanças, à falta de outros, para servir a sua mercê. (O Camões De O Rocio, Almeida Garrett, séc. XVIII)

(11) Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor.

Soube que Vossa Excelência chegara do Rio de Janeiro muito enfermo; mas que já se acha melhor, o que muito estimo, e que consiga o seu restabelecimento, e por se achar na sua Fazenda da Lagoa não posso ter a satisfação de dar-lhe um abraço. (Carta, *Corpus Tycho Brahe*, séc. XIX)

(12) GIL - Como você sabe disso?

BETO - Porquê foi aí que eu entrei na história: (começa a narrar) Naquele dia eu estava puto com ele, tinha ficado sabendo que tava afim da Lucinha, minha colega da loja, contei prá ela que nós éramos caso... depois *fiquei sabendo que ele foi lá na hora do almoço e que a Lucinha já tinha contado prá todo mundo e que ele passou o maior vexame...* (Crocodilo também chora, Aziz Bajur, séc. XX)⁷

No trecho *soubemos que sua mercê estava em Almargem* em (10), fica evidente que os falantes não estavam presentes no local e nem viram diretamente a pessoa mencionada em Almargem, mas tomaram conhecimento do fato por meio de outra fonte. A informação não é fruto da experiência pessoal, mas do relato de terceiros.

Da mesma forma, na ocorrência (11) *soube que Vossa Excelência chegara do Rio de Janeiro muito enfermo*, a construção deixa claro que o enunciador não presenciou a chegada, nem teve contato direto com a condição de saúde do interlocutor, apenas recebeu a notícia desses fatos.

O distanciamento entre quem presencia e quem reporta o evento que lhe fora repassado se revela também por paráfrases com verbos *dicendi*, como em: *alguém me contou que Vossa Excelência chegou enfermo*; e *disseram-me que sua mercê estava em Almargem*. Nesse mesmo sentido, pode-se verificar que construções como *Soube que parti* ou *Soube que eu viajei* soam estranhas, porque o falante não pode adquirir indiretamente uma informação sobre sua própria ação. Se ele foi o agente da viagem ou da partida, ele a vivenciou diretamente, e não depende do relato de terceiros para ter essa informação. Esse contraste reforça o papel evidencial da construção com *saber* no uso reportativo: seu uso é adequado apenas quando há uma separação entre quem informa e quem vivenciou o evento e o repassou como informação.

Nas ocorrências analisadas, não foram encontrados casos de *saber se* com função evidencial reportativa. Hipotetizamos que, como o uso reportativo se relaciona a um conteúdo factual ainda que a fonte da informação não seja clara, a conjunção *se* não torna possível a interpretação de um acontecimento real. Embora o falante possa dizer *não sei se João viajou*, não é possível fazer uma paráfrase como *alguém me contou se João viajou*, diferentemente da paráfrase possível com a conjunção *que* em *alguém me contou que João viajou*.

⁷ Em termos funcionais, a construção *ficar sabendo que...* parece indicar que a fonte da informação relatada é ainda mais indefinida, o que pode apontar para a possibilidade de ser esta uma construção distinta no domínio reportativo. Neste estudo, contudo, as construções reportativas foram analisadas em conjunto, em razão da baixa quantidade de dados disponível para sustentar uma distinção mais refinada entre elas.

Factual compartilhado

Denominamos de *saber factual compartilhado* o uso de *saber* que apresenta um conteúdo como pertencente ao domínio coletivo, sem que o falante assuma a autoria da informação. Trata-se de construções que expressam fatos atribuídos a terceiros ou a uma coletividade, na qual a origem da informação não está diretamente associada ao enunciador. Esses usos podem assumir diferentes funções, que variam conforme a forma da construção e a natureza da fonte, indicada apenas implicitamente (Kapp-Barboza, 2017).

O falante busca veicular um fato apresentado como conhecido por todos, em que a fonte se dilui na coletividade. Construções como *sabe-se⁸ que* ou *é sabido que* realizam esse uso⁹. Dall’Aglio-Hattner (2001, 2007) e Vendrame (2005, 2009), citadas por Kapp-Barboza (2017, p. 83), descrevem esse valor como a indicação de um conteúdo de domínio comum, apresentado como informação já partilhada entre falante e ouvinte. Trata-se de um tipo de conhecimento que circula socialmente e é assumido como verdadeiro, como em: “É sabido que, quando uma criança nasce, o conteúdo do olho dentro da órbita é que faz desenvolver a parte óssea em volta” (KAPP-BARBOZA, 2017, p. 83). A ocorrência a seguir exemplifica esse comportamento.

(13) Rei da Cidade: Dir-vos-ei: todos somos relógios, e sabemos que não há coisa que não tenha sua hora no mundo. O rir, o chorar, o trabalho, o descanso, a fome e a fartura, tudo tem sua hora. Por isso, não é fora de razão que os homens tratem, às vezes, de seu conforto, e outras vezes, de seu aproveitamento. Pois é certo que, para se regerem e se dirigirem a bons fins e termos úteis, Deus lhes deu entendimento, o qual negou às alimárias, a quem deu menos, porque delas não quis receber tanto. Mas, com tudo, já *se sabe que é demasiada fanfarrice o ditoso não querer*, alguma hora, ser mofino, persuadido de que as boas andanças são morgado que há de permanecer em sua família para sempre, sem que se possa perder ou alhear. Por isso se diz vulgarmente que tudo tem sua hora.
Rei da Aldeia: Não quisera eu ser tal relógio que desse uma hora dessas. (Peça *Auto e colóquio do nascimento do menino Jesus*, Francisco Lopes, séc. XVII)

⁸ Formas como *sabe-se que* e *soube-se que* não configuram construções impessoais, mas sim construções de sujeito oracional, em que o elemento *se* desempenha a função de partícula apassivadora. Embora esse uso não seja contemplado pela gramática normativa, pode ser interpretado como um caso de indeterminação do sujeito, mesmo tratando-se de um verbo transitivo direto seguido de *se*. Nessa configuração, a oração completiva exerce a função de sujeito, de modo que, por sua natureza proposicional, não pode ser considerada a fonte original da informação veiculada.

⁹ Nos dados da pesquisa, não foram encontradas as construções *sabe-se + se* ou *é sabido + se*, apenas com a conjunção *que*.

No trecho *se sabe que é demasiada fanfarrice o ditoso não querer, alguma hora, ser mofino, persuadido de que as boas andanças são morgado que há de permanecer em sua família para sempre, sem que se possa perder ou alhear*, a construção *se sabe* introduz uma proposição apresentada como de conhecimento coletivo, cuja veracidade é presumida e partilhada pelo grupo social. Nesse caso, a fonte não é individualizada, mas atribuída à coletividade, o que reforça seu estatuto de conhecimento socialmente aceito. A paráfrase para esse uso poderia ser *todo mundo sabe que é demasiada fanfarrice o ditoso não querer, alguma hora, ser mofino...* ou *é sabido por/de conhecimento de todos que é demasiada fanfarrice o ditoso não querer, alguma hora, ser mofino...*, o que deixa clara a leitura que se propõe para a ocorrência.

Nos dados desta pesquisa, as construções com *sabe-se* ou *soube-se* apresentam um padrão comum: todas veiculam informação de caráter genérico, porém factual, distintas, portanto, de construções que expressam evidencialidade de boato (*hearsay*) — marcada por confiabilidade incerta — descrita por Casseb-Galvão (2001), em relação a expressões formulaicas em português com o verbo dizer, como em *diz que, dizem que*. Nas construções com *saber*, o falante transmite um conteúdo apresentado como válido, factual, de forma ampla, realçando-se sua natureza de conhecimento partilhado pela coletividade.

(14) O mano, que tinha trazido a sua flauta, tocou, e nós alternamos com música alguns instantes da secatura que l'ennui tem cuidado de pôr em tudo quanto há neste mundo. Porém, tudo foi conduzido com uma tal moderação, que nem lá dentro mesmo *se soube que havia mais gente na grade que meu irmão*. ¿Mas que havia excogitar o nosso fado para dissaborear-nos? Não quis minha Mãe divertir-se tão levemente, e a memória de Vossa Excelência, triste, que a todo o instante atrai as suas lágrimas, foi o que minha Mãe quis por companhia, nos instantes em que de alguma sorte nós aliviávamos a penosa situação em que nos vemos. (Antonio Da Costa, Cartas, séc XVIII)

Em (14), a construção *nem lá dentro mesmo se soube que havia mais gente na grade que meu irmão* aponta para uma percepção coletiva — ou a ausência dela, no exemplo dado — em torno de um fato pressuposto como verdadeiro (*havia mais gente na grade que meu irmão*). A construção com *saber* é usada, nesses casos, como veículo de conteúdos assumidos como fatos consolidados e cuja verdade não está em questão. O falante, aqui, apenas reproduz um dado tido como sendo de conhecimento geral, sem se colocar como testemunha ou transmissor indireto de um fato.

Marcador discursivo

Conforme mencionado anteriormente, a construção (*eu sei que*) pode atuar como um marcador discursivo (doravante, MD). Os marcadores discursivos (MDs) desempenham um papel essencial na organização e interpretação dos discursos e se ligam diretamente a aspectos pragmáticos e interacionais da linguagem. Por meio dessas funções, os MDs auxiliam na construção de discursos coerentes, facilitando a organização de informações, a realização de ações e a negociação de relações sociais. Na perspectiva de Schiffrin (1987), os MDs são elementos frequentemente opcionais em termos de estrutura oracional, posicionados em sua maioria no início das sentenças, e responsáveis por conectar unidades discursivas, operando em níveis distintos, como o da ação (relacionando atividades comunicativas) e o ideacional (organizando ideias ou eventos narrativos).

Com base em Fraser (1990), notamos aspectos que identificam a construção (*eu sei que*) como um marcador discursivo: sua origem como expressão verbal permite que atue como um MD sem desempenhar outra função gramatical na sentença e o fato de a construção aparecer frequentemente em posição inicial, funcionando como um organizador discursivo que orienta a interpretação do ouvinte sobre a relação entre os segmentos discursivos. Além disso, podemos classificar (*eu sei que*) como um marcador *Relacionador de tópico* visto que é utilizado para gerir a estrutura tópica do discurso, sem relacionar diretamente o conteúdo proposicional dos segmentos, somente os tópicos tratados por eles (Fraser 1990).

Sob uma perspectiva construcional, a mesma adotada nesta pesquisa, Oliveira (2022) observa que os marcadores discursivos emergem a partir de expressões linguísticas que, em sua origem, possuíam um significado sintático e composicional mais transparente, mas que, ao longo do tempo, passaram por mudanças construcionais e construcionalização, tornando-se unidades especializadas na organização da comunicação. Um exemplo citado pela autora é a formação do esquema [VLoc]MD em português, que reúne expressões como *olha lá, espera aí, vem cá*, entre outras. Oliveira demonstra que, inicialmente, essas construções estavam associadas a deslocamento espacial ou direcionamento da atenção, mas foram gradualmente reanalisadas para atuar na regulação do discurso, funcionando como sinalizadores de mudança de tópico, introdução de novas informações ou ênfase em um argumento. A autora destaca que

esse fenômeno ocorre porque, à medida que os falantes passam a utilizar essas expressões em contextos discursivos específicos, elas perdem sua composicionalidade original e ganham autonomia sintática, tornando-se mais abstratas e intersubjetivas.

Na mesma perspectiva, consideramos que, assim como nos casos analisados por Oliveira (2022), a construção *(eu) sei que* também tem origem mais composicional (relacionada à expressão de conhecimento), porém passou a desempenhar funções discursivas em determinados contextos de uso, atuando na organização do discurso. Em nossos dados, *(eu) sei que* é empregado somente para finalizar um tópico, como mostra a ocorrência a seguir.

Tópico discursivo: problema no colégio

(15) Outro dia, o diretor do colégio viu uma carteira tôda escrita com vários nomes de entorpecedentes, e como o responsável não se apresentou, êle resolveu suspender a sala tôda, porém estávamos em provas e êle não podia fazer isso. No 1o. dia ouvimos um tremendo "sermão" e ficamos de castigo. Agora, para não nos suspender, êle resolveu que os meninos paguem tôdas as carteiras. O dinheiro deveria ser levado até 3a. feira, coisa que não aconteceu, e então mandou-os para casa. *Só sei que os professôres deram aula sòmente para as meninas, que são apenas 4.* Foi o máximo!!!

A garôta que recebe as cartas para mim, vai ficar de férias dia 13 e sòmente voltará a trabalhar lá para o dia 4 ou 5 de junho, portanto, caso você escreva depois do dia 13, eu só vou receber a carta em junho. Avisei-o, porque se você me escrevesse, podia estranhar a demora da resposta (Carta, *Corpus Tycho Brahe*, séc XX)

Na ocorrência em (15), no enunciado *só sei que os professôres deram aula sòmente para as meninas*, a construção *só sei que* serve para concluir a narrativa, destacando um elemento final e relevante dentro do relato. Além disso, o emprego de *só* auxilia a restringir o foco do enunciado, indicando que o falante seleciona apenas um ponto central, orientando o interlocutor para a informação que realmente importa naquele contexto.

3.3.2 FUNÇÃO DAS CONSTRUÇÕES COM *SABER* NA INTERAÇÃO VERBAL

A análise do efeito de sentido das construções com *saber*, em nossos dados, tem o propósito de permitir identificar com que funções pragmáticas cada tipo de construção definida anteriormente pelo valor semântico do verbo *saber* pode atuar nos contextos de interação investigados. Assim, analisa-se a contribuição da construção para a

introdução, desenvolvimento ou encerramento de tópicos, para a focalização de uma informação, ou a ativação de um fato previamente sabido pelo interlocutor, etc. A ideia é, assim, a de melhor caracterizar a faceta do *significado*, que envolve semântica e pragmática, das construções em estudo. A seguir, descreve-se e se exemplifica cada um dos efeitos de sentido das construções com *saber* identificados na pesquisa.

Transmitir um conhecimento como informação pertinente à interação

Em exemplos como os de (16) e (17), a construção com *saber* veicula um (des)conhecimento, que pertence ao referente do sujeito na oração matriz e que se apresenta como uma informação adequada no momento da interação.

(16) Dom Lancerote — Sobrinho, não estranhais este excesso de minha sobrinha; porque haveis de saber, que há nesta terra dois ranchos. Um do Alecrim, outro da Manjerona, e fazem tais excessos por estas duas plantas, que se matarão umas às outras.

Dom Tibúrcio — E vossa mercê consente, que minhas primas sigam essas parcialidades?

Dom Lancerote — Não vede que é moda, e como não custa dinheiro, bem se pode permitir?

Dom Tibúrcio — *Bem sei que isso são verduras da mocidade*, mas contudo não aprovo.

Dom Lancerote — E a razão?

Dom Tibúrcio — Não sei. (Peça *Guerras do Alecrim e da Manjerona*, Antônio José Da Silva, séc XVIII)

(17) Como convém acautelar na captura das religiosas toda a indecência, e poderia suceder alguma se fossem a buscar-se pelas celas e por outros esconderijos, o que talvez seria necessário se elas antecipadamente *soubessem que se tem determinado prendê-las*, fazem-se as ditas prevenções, divulgando que se manda pôr cerco ao Convento, e esta fama deve Vossa Mercê confirmar, sem soltar palavra por onde possa alguém conjecturar que se trata de prisão. (Carta, *Corpus Tycho Brahe*, séc XVIII)

Em (16), *Bem sei que isso são verduras da mocidade, mas contudo não aprovo*, a construção com *saber* introduz um conhecimento do falante sobre um fato que ele admite como verdadeiro, mas que não determina sua postura em relação ao tema em discussão. O uso de *bem sei* indica que o personagem Dom Tibúrcio reconhece que os comportamentos dos jovens são característicos da idade, evidenciando que essa informação já faz parte de seu repertório cognitivo, e, em seguida, se coloca em desacordo a esses comportamentos.

Do mesmo modo, em *se elas antecipadamente soubessem que se tem determinado prendê-las*, na ocorrência em (17), a construção com *saber* também veicula um conhecimento que é anunciado como uma informação pertinente ao contexto interacional: caso as religiosas tivessem acesso antecipado à informação sobre sua prisão, a situação poderia se desenrolar de maneira problemática.

(18) A dez de Janeiro deste ano escrevi a Vossa Mercê uma carta por via do tesoureiro de Espanha que reside aqui; remeteu-ma a Madrid, a um seu irmão, criado da Rainha, se bem me lembro, e até agora não chega resposta; *não sei se seria por se descuidar o tal irmão de a mandar a Vossa Mercê ou por outro qualquer descaminho*; esteja Vossa Mercê bem, o mais importa pouco. Nela lhe repetia a Vossa Mercê o impertinente ponto das dimissórias, sobre que monsenhor de Almada, que se empenhou para alcançar-mas, não teve ainda resposta nenhuma; e isto atribuo eu a quem ele lá desse essa incumbência, e não a descuido seu.

Já em (18), a construção *não sei se* evidencia o desconhecimento do falante quanto ao possível motivo de não ter obtido a resposta de sua carta. Ao empregar *não sei se seria por se descuidar o tal irmão de a mandar a Vossa Mercê ou por outro qualquer descaminho*, o falante introduz hipóteses para o ocorrido, porém sem assumir nenhuma delas como verdadeira, sendo apenas um desconhecimento seu.

Focalizar uma informação

Em nossos dados, a construção com *saber + que*¹⁰ aparece introduzindo uma informação, veiculada na oração completiva, que é marcada como essencial para integrar a informação pragmática do interlocutor¹¹. Essa informação torna-se, assim, focal, no sentido de que é expressa como altamente relevante naquele momento da interação, como mostram as ocorrências em (19) e (20).

¹⁰ Com função focalizadora, não foram encontradas ocorrências com *saber + se*.

¹¹ “A informação pragmática é o conjunto completo de conhecimentos, crenças, preconceitos, sentimentos etc., que, juntos, constituem o conteúdo da mente de um indivíduo em um determinado momento” (DIK, 1989, p. 5, tradução nossa).

(19) Esopo: Pior, eu não quero senão uma espada nova; e vem cá o senhor à feira com uma espada velha!
 Homem: Vá-se daí, que não entende de espadas. Aí tem rocas, vá comprá-las.
 Esopo: O homem não tem siso. (À parte) Pois fia você de mim que não entendo de espadas? Pois *saiba que meu pai foi um ferro velho, e, quando me gerou na bainha de minha mãe, nasci eu tão espadaúdo que cuidou a comadre que era eu um peixe-espada*. E, por final, com poucos dias de nascido, me punham à cabeceira uma espada nua por amor das bruxas. (Peça *Esopaida, Ou Vida De Esopo*, Antônio José Da Silva, séc XVIII)

(20) INÁCIA (A Justino): Afinal, já jantaste ou não?
 JUSTINO: Jantei na cidade. Imaginem vocês com quem.
 VIRGÍNIA: Com quem jantou, papai?
 RITINHA: Com o seu Cazuza?
 JUSTINO: Qual Cazuza! Adivinhem com quem?
 INÁCIA (Impaciente): Deixemos de adivinhações!
 JUSTINO: Pois *fiquem sabendo que jantei com o Elvídio*. Pegou-me na rua e não me deixou mais. (Nair presta atenção. Levanta-se)
 VIRGÍNIA: Ele não quis vir mais aqui.
 RITINHA: Desde o dia em que fugiu o sabiá. (Peça *Código Penal, Artigo****, André Brun, séc XIX)

Em (19), *Pois saiba que meu pai foi um ferro velho*, o personagem Esopo emprega *saiba* para introduzir uma informação, que se encontra na completiva, considerada essencial à interação em andamento e que ele deseja que integre a informação pragmática do interlocutor. Com a construção *saiba*, a informação transmitida se destaca no contexto interacional, conforme se observa a partir do contraste com a informação sem a construção focalizadora com *saber*.

(19') ... Esopo: O homem não tem siso. (À parte) Pois fia você de mim que não entendo de espadas? Pois *meu pai foi um ferro velho*, e, quando me gerou na bainha de minha mãe, nasci eu tão espadaúdo que cuidou a comadre que era eu um peixe-espada.

Em (20), a construção *fiquem sabendo* também marca uma informação considerada pelo falante como essencial no contexto da interação. Ao empregar tal construção, Justino enfatiza que seu jantar com Elvídio não é um dado trivial, mas algo que ele quer que os interlocutores processem como um novo conhecimento significativo dentro da conversa. O uso da construção *fiquem sabendo* destaca, assim, a relevância da informação veiculada na oração completiva e sinaliza ao interlocutor que essa informação é crucial para sua base de conhecimento naquele momento da interação.

A comparação com uma versão sem a construção evidencia a função argumentativa e focalizadora dessas construções com *saber*:

(20') ... VIRGÍNIA: Com quem jantou, papai?
 RITINHA: Com o seu Cazuzá?
 JUSTINO: Qual Cazuzá! Adivinhem com quem?
 INÁCIA (Impaciente): Deixemos de adivinhações!
 JUSTINO: *Jantei com o Elvídio*. Pegou-me na rua e não me deixou mais...

Sem a construção *fiquem sabendo*, a sentença mantém o mesmo conteúdo proposicional, mas se perdem o tom enfático e de reação argumentativa do enunciado, funções cumpridas pela construção com *saber*.

Ativar um conhecimento prévio do interlocutor

A construção com *saber* também atua, em nossos dados, introduzindo um conhecimento que é afirmado como já pertencente ao interlocutor e que o falante solicita que ele o ative no momento da interação como mostram as ocorrências em (21) e (22).

(21) Nunca toques no assunto à mãe, pois ela não tem qualquer vantagem em saber disso, como deves compreender. Depois, há tempo para ela saber que fui "passar férias" ao Norte. Confio em ti, pois, já em relação ao teu irmão, quando estava na Guiné, se passaram coisas semelhantes e vocês não contaram à vossa mãe. O.K., meu amor?
 Agradeces-me, [N], a ajuda que te dei, etc. *Já sabes que entre nós não há agradecimentos*. A obrigação de ajudar está implícita no nosso amor e é uma obrigação mútua. (Carta, *Corpus Tycho Brahe*, séc XX)

(22) Filena: Meu Esopo, tenho um favor, que te pedir; se o fazes, terás de mim quanto quiseres.
 Esopo: Diga, diga, não gaste tempo, que pode vir seu pai. Eu assim tolamente lhe vou querendo bem. À parte.
 Filena: Bem sabes, Esopo, que não há peito tão isento, que não sinta as violências do amor.
 Esopo: Que mais?
 Filena: Isto suposto, saberás, que quero bem... não sei como to diga.
 Esopo: Eu estou vendo, que ela se namorou de mim, e tem pejo de mo dizer. À parte.
 Filena: Porque *bem sabes*, Esopo, que o amor é cego, e em nada repara.
 Esopo: Que mais claro mo há de dizer? A pobrezinha não sabe como se explique; ora eu a ajudarei a dizer: Senhora, bem sei, que o amor é cego, e é monstro, e que para cativar as almas, como cego, não repara em qualidades, e

como monstro , não se lhe dá de perfeições. Que apenas me viu , logo se rendeu , e que estala de amor por mim ; se é isso , esteja descansada , que lhe quero também muito, muito. (Peça *Esopaida ou Vida de Ésopo*, Antonio José da Silva, séc XVIII)

Nessas ocorrências, a construção com *saber* introduz uma informação que é considerada como já conhecida do interlocutor, sendo apenas ativada no momento da interação. O conteúdo da oração completiva é, assim, afirmado como altamente factual, o que atribui um caráter persuasivo à construção.

Na ocorrência em (21), *já sabes que entre nós não há agradecimentos*, a presença do advérbio *já* reforça que a informação não é nova para o interlocutor, mas sim algo previamente dado, conhecido. O falante não apenas lembra o interlocutor de um fato, mas também usa esse conhecimento como suporte para sua posição de que não há necessidade de agradecimentos. A construção atua, assim, como uma estratégia argumentativa, pois diminui a possibilidade de haver contestação acerca da factualidade da proposição, já sabida como tal pelo interlocutor.

Em (22), os enunciados *bem sabes, Ésopo, que não há peito tão isento, que não sinta as violências do amor e porque bem sabes, Ésopo, que o amor é cego, e em nada repara* também são marcados como altamente factuais e previamente conhecidos pelo personagem Ésopo. O advérbio *bem*, ao lado de *saber*, enfatiza que o fato a ser veiculado na completiva já é de conhecimento do interlocutor. O conteúdo também serve como argumento, praticamente incontestável, para convencer Ésopo da inevitabilidade do amor, revelando-se, assim, o valor persuasivo da construção.

Não encontramos casos de *saber se* com função de ativar um conhecimento prévio no ouvinte, possivelmente pelo fato de que, para ativar um conhecimento prévio, é preciso que o conhecimento seja factual e, como mencionado anteriormente, somente as construções com *que* presumem factualidade.

Indicar a fonte (em geral, indefinida, universal) do conteúdo proposicional

Conforme mostrado anteriormente, nos usos como evidencial reportativo, *saber* + *que*¹² pode atuar na indicação de que a fonte do conhecimento expresso na proposição

¹² Assim como na classificação semântica de *saber* evidencial reportativo, a função de indicar a fonte (indefinida) da proposição também não apresenta construções com a conjunção *se*, pois a função pressupõe factualidade do conteúdo da oração completiva, o que só é possível com a conjunção *que*.

encaixada é externa ao falante e ao referente do sujeito, ou seja, que esse conhecimento provém de terceiros, como revelam os exemplos a seguir.

(23) Já temos, pastor, chegado
 Ao fim do nosso desejo.
Ó lugar santo e sagrado,
 É possível que vos vejo,
 Lugar bem-aventurado?
 Vós, portal, sois de mais porte
 Que os paços reais que há,
Porque bem se sabe já
Que aquele lugar é corte
Onde qualquer rei está.
 Pois que corte será aquela
 Onde assiste o Rei do céu,
 Em companhia daquela
 Mãe e Virgem, pura e bela,
 Onde um Rei, que é Deus, nasceu?
 (Peça *Contra si faz quem mal cuida*, Dom Leonardo Saraiva, séc XVII)

(24) Conforme mandei dizer em meus telegramas, encontrei, desta vez, as maiores resistências sob o protesto de que a Bahia havia cumprido os seus compromissos com os bancos estrangeiros. *Soube no Banco Rural que o ministro da Fazenda havia estado na véspera no dito banco e mais que havia lido o seu telegrama.* (Cartas, *Corpus Tycho Brahe*, séc XIX)

Na ocorrência (23), a construção *bem se sabe* assume forma impessoal e apresenta um conhecimento tido como compartilhado entre os falantes. A ausência de um responsável pela afirmação permite que o falante se posicione apenas como transmissor da informação. O uso impessoal contribui para sinalizar que a fonte do conhecimento não é o próprio falante, mas outros, não especificados, e que ele também não se compromete com a veracidade da proposição.

Em *soube no Banco Rural que o ministro da Fazenda havia estado na véspera no dito banco e mais que havia lido o seu telegrama*, no exemplo em (24), a fonte da informação não é explicitamente mencionada, tornando claro que o falante apenas repassa um dado recebido. A formulação reforça o caráter reportativo, pois a construção apresenta um conhecimento obtido indiretamente, sem sua origem, somente com indicação do local onde esse conhecimento foi obtido (*no Banco Rural*).

Indicar comprometimento do falante com a veracidade da proposição

As ocorrências a seguir exemplificam a função que, nos dados da pesquisa, a construção com *saber* pode desempenhar ao veicular o conhecimento de um fato com cuja veracidade o falante se compromete (completivas com *que*), ou não se compromete (completivas com *se*), no momento da interação.

(25) Creio que lhes não chegará a tempo para esta obra de iniquidade, e tantos outros que fizeram bradar justiça a tempo. Ora, meu rico amigo, *eu sei que o enfado em carregá-lo de peditórios*; mas parece-me que tendo tanta justiça, não acho quem a faça valer, quem me dê a mão, que resolvo importuná-lo. Eu escrevo ao Marquez de Loulé: coopere com elle, e mova-o a que faça o que (se em tais coisas há direito) tanto direito tenho a obter: uma enviatura seja a de Paris, de Madrid ou de Londres ou de Berlim. (Cartas, *Corpus Tycho Brahe*, séc XVIII)

(26) Não te posso arguir de me faltares com as tuas letras e notícias que sempre festejo tanto que por que mais culpas tenho eu. E *bem sei que nem é falta de vontade ou de lembrança*: em mim é muito que fazer com vida atrapalhada sempre porque me não chega o tempo para nada. Dou-te os parabéns do nascimento de teu filho, a quem Deus faça como sua avó e sua mãe. Não me disseste nada desse filho; mas eu não tomo as coisas nesse ponto com os meus. (Almeida Garrett, Cartas, séc XIX)

Em (25), *eu sei que o enfado em carregá-lo de peditórios*, a construção *eu sei* sinaliza que o falante não tem dúvidas sobre o incômodo que está causando ao interlocutor ao insistir em seus pedidos. O comprometimento com a verdade da afirmação fortalece o caráter argumentativo da construção, uma vez que o enunciador não apenas apresenta o fato, mas também se coloca de maneira assertiva sobre ele.

No caso do enunciado *bem sei que nem é falta de vontade ou de lembrança*, em (26), a presença de *bem* antes de *sei* enfatiza ainda mais a certeza do falante. Aqui, o enunciador reconhece que o interlocutor não deixou de escrever por descaso, mas por outras circunstâncias, reafirmando essa interpretação como algo que ele não questiona. Mais do que simplesmente transmitir uma informação, o falante manifesta, por meio desse tipo de construção, uma avaliação mental sobre o conteúdo enunciado, demonstrando (in)certeza ou convicção/dúvida quanto à sua veracidade.

(27) Salasar: No entanto, há um tempo a esta parte, comecei a sentir que me faltava uma coisa.
Dona Isaura: Uma coisa?

Salasar: Sim. Uma mulher.

Salasar: É bem certo que as mulheres, onde não estão, faltam; onde estão, sobejam.

Salasar: Quando vivia a minha, não a podia aturar; agora que a não tenho...

Dona isaura: Gostava de a ter?

Salasar: Não. Gostava de ter outra.

Dona isaura: Ora! O que para aí falta são mulheres.

Salasar: Bem sei. Tenho visto que há bastantes.

Salasar: Mas compreende Vosselência que um homem da minha idade já não é para aventuras.

Salasar: Sinto a necessidade de uma mulher que me ature, que me trate bem, uma senhora que, enfim... como o outro que diz, não desfazendo, me retenha sem me prender.

Salasar: *Não sei se me faço compreender.*

Dona isaura: Muito bem.

Salasar: A pessoa a quem eu me ligasse não lhe havia de faltar nada.

No trecho *não sei se me faço compreender*, em (27), Salasar sinaliza incerteza sobre a compreensão de Dona Isaura a respeito de sua fala. A construção com *saber* apresenta uma oração completiva introduzida por *se*, por meio da qual o falante expressa sua dúvida quanto à forma como suas palavras estão sendo recebidas e não se compromete com a veracidade da proposição.

Introduzir tópico

De acordo com Jubran (2006), o tópico discursivo equivale a uma unidade textual que concentra a atenção em torno de um tema central, organizando o discurso em segmentos. Ele organiza a hierarquia e a sequência textual e pode contar com marcadores gramaticais que sinalizam sua organização em uma interação. Nesse mesmo sentido, van Dijk (1980) ressalta que o tópico ultrapassa os limites da frase, projetando-se sobre extensões textuais mais amplas, com a função de condensar, organizar e hierarquizar a informação semântica distribuída ao longo do discurso.

Com base nesses autores, adotamos, nesta pesquisa, o conceito de tópico discursivo como o assunto ou tema central em torno do qual se organizam as sequências textuais

Em nossos dados, a construção com *saber que* aparece empregada para indicar ao interlocutor a introdução de um tópico, atuando, assim, na organização discursiva, como mostram os exemplos a seguir.

Tópico discursivo: desventura amorosa de Carrasco

(28) Dom Quixote: Segundo a letra e o afeto, mostra estar namorado. Valha-te Deus, amor, que até nos peitos de bronze introduzes corações de cera! Senhor cavaleiro, como a sociedade nos homens é significativa do racional, por isso não estranhe vossa mercê o meu atrevimento em interromper as sonoras cláusulas do seu sentimento. Porém, como as penas comunicadas são menos sensíveis, diga-me vossa mercê o que sente, que, se o alívio de suas mágoas consistir na ponta desta lança e no fio desta espada, tenha por certo que o hei de fazer.

Carrasco: Honrado cavaleiro, bem parece que tendes generoso ânimo, e assim vos agradeço essa oferta. Mas *sabereis que a mim, por ora, me não ofendem inimigos, senão uma inimiga, cujo rigor me tem morto e me faz andar renovando a cavalaria andante, só por ver se posso aplacar o seu desdém, oferecendo-lhe a cabeça de um gigante.*

Dom Quixote: Com que vossa mercê é cavaleiro andante? Ora ajunte-se comigo, e falemos na matéria, que como professor dela, estimo muito estas práticas.

Criada: Enquanto nossos amos lá praticam sobre os seus amores, e valentias, vamos dando à taramela, e fazendo pela vida.

Sancho: Meu amigo, agora fico mais consolado nos meus infortúnios; pois mal de muitos consolo é: até aqui cuidava, que só eu era desgraçado, em ser escudeiro de cavaleiro andante; mas já vejo que vossa mercê nasceu debaixo da minha estrela. (Peça *Vida do grande Dom Quixote De La Mancha, e do gordo Sancho Pança*, Antônio José Da Silva, séc XVIII)

Tópico discursivo: ascensão de Sancho ao poder, ainda se correspondendo com Teresa

(29) Escrivão: Senhor, para que é a alâmpada?

Sancho: Sois asno? Donde vistes vós cruz sem alâmpada?

Escrivão: Está posta.

Sancho (ditando ao escrivão): Minha Teresa, já *sabereis* que vos diria o diabo, que estou feito Governador em corpo e alma. Mas, com me ver levantado do chão um côvado, não é razão que o meu amor conjugal vos falte com o débito de minhas letras. Porque vós bem sabeis que, quando no tabuleiro do gosto escolho o trigo do vosso carinho, lanço fora a esvilhaca da ingratidão. Pois, joeirando as finezas, fica crivado o peito da correspondência. (Peça *Vida do grande Dom Quixote De La Mancha, e do gordo Sancho Pança*, Antônio José Da Silva, séc XVIII)

A construção com *saber*, nesses contextos, atua introduzindo um novo tópico e organizando, desse modo, a progressão discursiva. A construção orienta o interlocutor para a informação que será apresentada em seguida na interação, daí o uso do verbo, em geral, em tempos do futuro.

Em (28), no enunciado *Mas sabereis que a mim, por ora, me não ofendem inimigos, senão uma inimiga*, Carrasco usa *sabereis* para preparar o interlocutor para uma informação central: sua aflição não vem de adversários tradicionais, mas do desdém de uma mulher. Essa construção insere um novo tópico, ao mesmo tempo em

que orienta a recepção do discurso, sinalizando que a informação introduzida por *saber* é fundamental para a continuidade da interação.

Em (29), *já sabereis que vos diria o diabo, que estou feito Governador em corpo e alma*, a construção com *saber* desempenha a mesma função. Ao empregar (já) *sabereis*, Sancho antecipa a revelação de sua nova posição de poder, destacando esse dado dentro da conversa e indicando que um novo tópico será iniciado. Desse modo, a construção com *saber* é empregada para guiar o interlocutor rumo à nova informação.

Quanto à conjunção *se*, não encontramos a construção *saber se* com função de introdução de tópico, provavelmente devido ao fato de que as completivas introduzidas por *se* veiculam incerteza ou desconhecimento e não apresentam um conteúdo factual que seria utilizado pelo falante para iniciar um tópico. O mesmo acontece com as construções finalizadoras de tópico apresentadas a seguir.

Finalizar tópico

Segundo Jubran (2006), a progressão textual deve manter coesão, conectando informações de maneira linear ou hierárquica. Desse modo, o encerramento ordenado de um tema facilita a fluidez textual e a conexão entre segmentos do discurso. Nos dados analisados, a construção (*eu*) *sei que* pode também indicar a conclusão/encerramento de um tópico, como na ocorrência em (15) retomada a seguir.

Tópico discursivo: confusão no colégio

(15) Outro dia. o diretor do colégio viu uma carteira tôda escrita com vários nomes de entorpecedentes, e como o responsável não se apresentou, êle resolveu suspender a sala tôda, porém estávamos em provas e êle não podia fazer isso. No 1o. dia ouvimos um tremendo "sermão" e ficamos de castigo. Agora, para não nos suspender, êle resolveu que os meninos paguem tôdas as carteiras. O dinheiro deveria ser levado até 3a. feira, coisa que não aconteceu, e então mandou-os para casa. *Só sei que os professôres deram aula sòmente para as meninas, que são apenas 4.* Foi o máximo!!!

A garôta que recebe as cartas para mim, vai ficar de férias dia 13 e sòmente voltará a trabalhar lá para o dia 4 ou 5 de junho, portanto, caso você escreva depois do dia 13, eu só vou receber a carta em junho. Avisei-o, porque se você me escrevesse, podia estranhar a demora da resposta (Carta, *Corpus Tycho Brahe*, séc XX)

Em (15), o enunciado *Só sei que os professôres deram aula sòmente para as meninas, que são apenas 4*, a construção *sei que* funciona como um mecanismo discursivo para finalizar o tópico abordado no relato. Após descrever detalhadamente a

sequência de eventos relacionados a ações indevidas praticadas na escola pelos meninos da turma e à punição aplicada aos alunos, o falante encerra a narração destacando o evento final e conclusivo do episódio: os professores acabaram dando aula apenas para as meninas, já que os meninos haviam sido mandados para casa.

Vale destacar ainda que o uso de *só* restringe o foco da informação, indicando que, para o falante, esse é o ponto relevante a ser retido ao final do tópico. Além disso, a expressão estabelece um desfecho para a progressão discursiva, marcando o encerramento do relato de maneira mais enfática.

3.3.3 UNIDADE FUNCIONAL DA PORÇÃO QUE A CONSTRUÇÃO COM *SABER ESCOPA*

Estudos anteriores sobre orações completivas apontam que a unidade funcional que uma completiva representa constitui uma de suas propriedades centrais e está diretamente vinculada à semântica do predicado da oração matriz. A unidade funcional é classificada, no âmbito da Gramática Funcional (DIK, 1997) e da Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), a partir do tipo de entidade de diferentes ordens que a unidade contém.¹³

A tipologia de entidade de ordens diferentes é inicialmente proposta por Lyons (1977), que distingue três ordens de entidades, conforme sua complexidade semântica: indivíduo, estado-de-coisas e proposição.

A entidade de primeira ordem, o indivíduo, refere-se a objetos concretos, localizáveis no espaço tridimensional e no tempo, e passíveis de caracterização por propriedades específicas, como em *João, cadeira, estante*, etc.

A entidade de segunda ordem, o estado-de-coisas, abrange eventos e processos que se realizam em determinado intervalo temporal, como no exemplo de um estado-de-coisas encaixado em um predicado matriz, dado em Sousa (2011, p. 114) “Carla quer se encontrar comigo depois do almoço”.

Por outro lado, a entidade de terceira ordem, a proposição, não pode ser situada no espaço ou no tempo, mas é passível de avaliação quanto à sua veracidade. Um

¹³ Embora a teoria da Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008) não seja utilizada para fundamentar teoricamente esta pesquisa, empregamos as unidades funcionais da GDF nos fatores de análise por conta da precisão que a teoria oferece para classificar os diferentes tipos de unidade.

exemplo de proposição encaixada é: “Acreditamos que possivelmente mais de 60% da população já sabe de todas as ilegalidades que o governo vem praticando” (SOUSA, 2011, p. 114).

Dik (1997) amplia essa tipologia de Lyons ao propor uma entidade de quarta ordem, o ato de fala, caracterizado por poder ser localizado no espaço e no tempo e ser avaliado em termos de sucesso ou adequação. Exemplo desse tipo de entidade, na forma de uma oração completiva é: “É desnecessário dizer que, além de tudo, questões como qualidade e ações voltadas para a satisfação do cliente serão rigorosamente mantidas como metas desta empresa.” Sousa (2011, p. 113).

Hengeveld e Mackenzie (2008), por outro lado, expandem a noção de ato de fala em três unidades mais específicas: o Ato Discursivo, uma unidade básica do discurso, representado em “Ai!” (*Ouch!*) (p. 63); o Conteúdo Comunicado, o que o falante quer evocar no discurso, como em “Um trem chegou” (*A train arrived*) (p.89); e o Movimento, uma contribuição autônoma na interação, mostrado em “A: Qual a capital da Letônia? B: “Riga” (*A: What is the capital of Latvia? B: Riga*) (p.50).

Assim, considerando que *saber*, em complexos oracionais, funciona prototipicamente como um verbo de cognição, poder-se-ia esperar que unidade funcional de suas orações completivas correspondesse sempre a uma proposição. Entretanto, os dados analisados revelam a ocorrência de outros tipos de unidade funcional, resultado das diferentes funções que as construções em análise podem desempenhar no português. Foram encontradas nos *corpora* construções em que o complemento oracional ou o conjunto de enunciados escopado pela construção com *saber*, equivale a uma proposição, a um Movimento, ou a um Conteúdo Comunicado, conforme se demonstra a seguir.

Proposição

Com base em Lyons (1977), Hengeveld e Mackenzie (2008) definem a proposição como um construto mental desprovido de existência no espaço e no tempo. Ela representa o conteúdo semântico de um enunciado, abstraído de sua realização concreta e de qualquer referência temporal ou espacial.

As ocorrências apresentadas a seguir mostram *saber* com complemento equivalente a uma proposição, ou seja, um conteúdo semântico abstrato, independente de sua realização concreta no espaço e no tempo.

(30) Blanchette: O cofre aberto!
 Dolores: Jóias e dinheiro!
 Mercedes: O cocheiro!
 Lola: Sim, o cocheiro, o Lourenço, que desapareceu!
 Blanchette: Mas como *Soubeste que foi ele?*
 Lola: Por esta carta, a única coisa que encontrei no cofre! Ainda por cima escarneceu de mim! (Tira a carta da algibeira.)
 Mercedes: Deixa ver.
 Lola: Depois! Agora vamos à polícia! Não! À polícia, não! (Peça *A Capital Federal*, Artur Azevedo, séc XIX)

(31) Conhece a condessa de la Fuensilla, e para aqui é que eu não peço lágrimas, porque a sua cara de choramingas é das caras que defendem as suas pousadas, ou daquelas por quem se disse: por esta não desejarás a mulher do teu próximo. Este que é, se não estou em erro, um marido que foi a Lisboa, *sei que sabe português*. Não lhe mostre Vossa Mercê esta carta se me quer livrar de que ele me deite alguma pulha. Veio muito de asa caída, e parece-me que anda fazendo aqui carrapato. Já ouvi que quisera fazer um calvário, porém não me lembra a razão por que deixou de pregar o calote. (Carta, *Corpus Tycho Brahe*, séc XVIII)

(32) Infanta: Amor tenho ao Infante, a quem adoro e idolatro, amante.
 Dona Maria: Ai Deus, que ao Infante estima!
 Não sei como esta mágoa me reprima.
 Infanta: E para não cansar-te, quero meu pensamento declarar-te: Sabe, pois, que um recado ao Infante Dom João tenho mandado, para que nesta noite a ver-me venha. Que me importa falar-lhe — e é bem que tenha de meu amor notícia, que todo é guerra em mim, todo milícia.
 Dona Maria: Oh, que lance tão forte! Que ocasiona ciúmes que dão morte. *Não sei se fazes bem em declarar-te*, que pode amar o Infante noutra parte.
 Infanta: Quando outra dama adore, farei com que de mim só se enamore. (Peça *Contra si faz quem mal cuida*, Dom Leonardo Saraiva, séc XVII)

Em (30), a personagem Blanchette questiona o modo pelo qual o interlocutor adquiriu a informação de que o cocheiro foi o responsável pelo roubo do cofre. A pergunta não se refere a um evento situado em um tempo ou espaço específicos, e sim à origem da certeza sobre a proposição *foi ele*, que é apresentada como um conteúdo cognitivo abstrato. A resposta subsequente (Por esta carta, a única coisa que encontrei

no cofre!) sugere que a pergunta focaliza o processo de aquisição do conhecimento, e não a localização temporal ou espacial do que teria sido o evento realizado.

Também em (31), a completiva *que sabe português* expressa uma proposição — um conteúdo cognitivo abstrato que pode ser avaliado quanto à sua veracidade, sem referência explícita a tempo ou lugar específicos (Hengeveld; Mackenzie, 2008). A proposição escopada na oração completiva, *sabe português*, é um constructo mental que existe na mente do falante, isto é, um conhecimento atribuído ao ouvinte que independe de circunstâncias temporais ou espaciais.

Em (32), a construção *não sei se fazes bem em declarar-te* expressa a ausência de conhecimento certo do falante a respeito da proposição *fazes bem em declarar-te*. Nesse enunciado, a construção com *saber* é empregada de forma negativa e com valor modal epistêmico, pois se refere à incerteza quanto à ação descrita. A proposição em questão é tratada como uma possibilidade cuja avaliação permanece em aberto, revelando que o falante não se compromete com sua veracidade ou pertinência. Assim, a construção atua como um marcador de dúvida sobre o conteúdo proposicional, deslocando o foco da afirmação de um fato para a expressão de uma atitude avaliativa diante dele.

Movimento

Conforme apontado anteriormente, o Movimento é definido por Hengeveld e Mackenzie (2008) como um ou mais enunciados, formados por atos de fala, que desempenham um papel autônomo na interação comunicativa. Sob o escopo de uma construção com *saber*, o Movimento abrange enunciado(s) que funciona(m) como uma contribuição independente dentro da interação em andamento. A construção com *saber* qualifica essa contribuição como uma reação, ou como o anúncio de um novo tópico a ser abordado, como mostram os exemplos a seguir.

- (33) INÁCIA: Todos nós temos a obrigação de ser delicados com as pessoas que nos visitam.
 VIRGÍNIA: E depois ele é amigo de Fabrino.
 INÁCIA: Vai vender-lhe uma casa a prazo.
 NAIR: É. Eu não sei guardar conveniências. O que eu vou fazer é não aparecer mais quando ele estiver aí.
 INÁCIA: Não senhora, isso não é bonito.

INÁCIA: Pode ele reparar.

NAIR: E que repare! Como antipatizo com esse homem! Nem o posso ver! Se Soubesse como o odeio!

INÁCIA: Abranda esse gênio, menina!

VIRGÍNIA: (À Inácia) Mas por que é que ela está assim?

INÁCIA: Está muito cheia de vontades.

NAIR: (Exaltando-se) Pois *fiquem sabendo que não lhe apareço mais!*

INÁCIA: Tomara eu ver isso!

NAIR: Já disse e repito que não lhe apareço e ninguém me obriga! (Sai zangada). (Peça *Código Penal*, Artigo***, André Brun, séc XIX)

(34) Se se desse o valor que merecem outras cousas, logo estas ficavam menos ponderáveis. Não hei-de perder instante; descansa na minha eficácia, mas não te fies na minha fortuna. Acho muito conveniente que escrevas ao outro caturra. ¡Com que presteza se tratou a nossa ruína! ¡Como chegam vagarosos as alívios! Sempre são virtuosos!... *Saberás que tivemos um trabalho grandíssimo com Ana Plácida*. Já lá vai para fora moribunda e é impossível que vença. Ainda nos deu muito que fazer e foi pena que não andasse melhor o negócio. (Marquesa Da Alorna, Cartas, séc. XVIII)

Em (33), a construção com *saber* ocorre dentro de um turno de reação do falante, respondendo a um enunciado anterior e contribuindo para a progressão do diálogo. Nesse contexto, a construção com *saber* marca um posicionamento categórico e reafirma uma decisão já mencionada, reforçando sua irreversibilidade perante os interlocutores. Além de comunicar um fato, o enunciado introduzido por *saber* atua como uma declaração enfática que exige reconhecimento por parte dos ouvintes, consolidando o movimento discursivo dentro da interação.

Em (34), *Saberás que tivemos um trabalho grandíssimo com Ana Plácida* introduz uma nova informação, com a qual o falante contribui, marcando-a como como ponto de transição no andamento da interação. Ao empregar *saberás*, o enunciador projeta a informação como algo que o interlocutor passará a conhecer naquele momento da troca comunicativa, sinalizando que a proposição contém o tópico a ser tratado em seguida. A construção veicula, assim, um dado factual e marca a iniciativa do falante em inserir um novo tópico na conversação, direcionando a atenção do interlocutor para o episódio que será detalhado em seguida.

Conteúdo Comunicado

Conforme mencionado, entende-se o Conteúdo Comunicado como “a totalidade do que o Falante deseja evocar em sua comunicação com o Destinatário” (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 87). Em nossos dados, as construções com *saber* que ocorrem com um Conteúdo Comunicado são as que indicam que o falante transmite uma informação que lhe foi passada por terceiros, sem que ele tenha tido acesso direto ao fato. Nesse caso, o conteúdo na oração completiva equivale ao Conteúdo que o falante deseja evocar na interação.

(35) Caixeiro Viajante: Venho pelo F. A. Brito & Cia. Não vê, meu amigo, que agora as viagens estão paradas? Cheguei do Alentejo há três dias, e hoje o patrão disse-me: "Ó Eliseu! Você, que não tem nada para fazer, por que não vai dar um passeio de trem? Vá se distrair um bocado. Olhe: vá ao enterro do Nicolau V. Santos." Foi assim que *soube que o homenzinho tinha morrido*. E de que morreu ele?

Caixeiro Do Defunto: Coisas que tinha lá por dentro. (Peça *O primo Isidoro*, André Brun, séc XIX)

(36) Joaquina: Ai, como tu estás tolo! A província, a província. Ora isto! Saiba que eu que venho de o Porto, senhor José Felix, que é a segunda capital de o reino, e a cidade eterna, como dizem os periódicos . Província será a sua terra de você, que há de ser a Lourinhan, ou a aldeia de Pai Pires , ou coisa que o valha. E então ...? ?

José Felix: Basta, Joaquina, basta; recolhe o teu espírito , que já aqui não está quem falou. *Soube inda agora que tinham chegado hontem a a noite em o vapor, que estavam aqui em esta hospedaria*, que é pegada quasi com a nossa casa; e vim logo, minha adorada Joaquina, reclamar o prêmio de onze mezes de eternas saudades. (Peça *Falar Verdade A Mentir*, Almeida Garrett, séc XVIII)

A ocorrência em (35), o falante relata que tomou conhecimento da morte de Nicolau V. Santos por meio de uma comunicação indireta, transmitida por seu patrão. O conteúdo da oração completiva (que o homenzinho tinha morrido) representa a informação comunicada, e o verbo matriz *soube* sinaliza que essa descoberta ocorreu de maneira mediada, sem uma experiência direta do falante com o fato relatado, isto é, com o evento da morte e suas circunstâncias.

De maneira semelhante, em (36), *soube inda agora que tinham chegado hontem à noite em o vapor*, o personagem José Felix indica que recebeu a notícia sobre a chegada de alguém por meio de terceiros. A inclusão do advérbio *inda agora* enfatiza a proximidade temporal da obtenção do conhecimento, mas não altera o caráter reportativo da construção. O falante não estava presente no momento da chegada, nem

obteve a informação por percepção direta; ele simplesmente a transmite, reafirmando sua posição como receptor e transmissor do Conteúdo Comunicado.

Nota-se que as ocorrências em que as completivas equivalem a um Conteúdo Comunicado distinguem-se claramente tanto daquelas em que elas equivalem a proposições, quanto das que correspondem a Movimentos. Enquanto as proposições expressam um conteúdo semântico abstrato e os Movimentos atuam como unidades autônomas dentro do discurso, Conteúdos Comunicados, nas construções em estudo, equivalem a informações transmitidas pelo falante, cuja fonte não é ele, mas terceiros.

A análise das unidades funcionais com que as construções investigadas ocorrem permite identificar como o predicado *saber* se adapta a diferentes funções discursivas e interacionais. A ampliação de um escopo proposicional para movimentos interacionais ou conteúdos comunicados, por exemplo, pode também refletir atuações mais discursivas da construção e que seriam, conforme se investiga na pesquisa, resultado de mudança da construção.

3.3.4 PESSOA GRAMATICAL INDICADA NA CONSTRUÇÃO COM *SABER*

Analisamos *saber* em todas as pessoas gramaticais do singular e plural. Com isso, pretendemos investigar como a variação na pessoa gramatical pode influenciar o funcionamento das construções, além de como ela pode estar associada a possíveis mudanças envolvendo as formas em estudo. A seguir, encontram-se exemplos das construções com as diferentes pessoas gramaticais identificadas nos dados.

1ª. pessoa do singular

(37) Dom Lancerote — E a razão?

Dona Clóris — Quanto fará toda de renda?

Semicúpio — Não se pode saber ao certo; *sei que tem várias rendas em Flandres, e outras em Peniche, e estas bem grossas*; também tem um foro de fidalgo, e um juro de nobreza. (Peça *Guerras do Alecrim e da Manjerona*, Antônio José Da Silva, séc XVIII)

(38) Infanta: Cerrada a porta está, fala, senhora.

Rainha: Escuita.

Infanta: Atenta escuito.

Rainha: *Soube agora que solicita o infante Dona Maria Teles como amante*, pois de dia a passeia com cuidado e de noite a visita desvelado, que amor não tem paciência para ãa noite só sofrer de ausência, e como é vandoleiro sai de noite a

roubar mais sorrateiro, mas pode descuidar-se ficando preso sem poder soltar-se. (Peça *Contra si faz quem mal cuida*, Dom Leonardo Saraiva, séc XVII)

(39) Periandro: Filena, não tens razão. *Eu bem sabia que eras tu*; mas, como estavas galanteando comigo, eu também quis fingir que não te conhecia, somente para te ouvir. E, quando isso não fosse, aí verás que, quando cheguei a amar, sempre foi a ti, e não a outrem. Pois, ainda que te não conhecesse, não sei que simpático influxo me arrebatava o coração, que te estava querendo. (Peça *Esopaida, Ou Vida De Esopo*, Antônio José Da Silva, séc XVIII)

2ª. pessoa do singular

(40) Para que compreendes a minha aflição, já sabes, *que tal será a divisão que o meu ofício poderá reduzir-se à renda do arquivo*, muito variável, reduzida pelo último regimento, decrescente na razão direto do decurso da divisão, e, em todo o caso, não superior a um conto equivalentes por mês sujeito à despesa. (Cartas, *Corpus Tycho Brahe*, séc XVIII)

(41) Filena: Uma vez que queres que me descubra, aqui me tens.

Geringonça: E a mim também. (Descobrem-se.)

Periandro: Que é o que eu vejo? Estou corrido! Cuidavas, Filena, que te havias de ir sem que me falasses?

Filena: Queres agora dizer que sabias *que era eu, falso, ingrato, inconstante?* Esses são os teus extremos? Essas as tuas finezas? Tão depressa te mudaste? (Peça *Esopaida, Ou Vida De Esopo*, Antônio José Da Silva, séc XVIII)

1ª. pessoa do plural

(42) Apesar das grandes dificuldades de todo o género, o Governo conseguirá mandar em poucos dias a Regência, a Constituição, e mais alguns vasos, tanto dos antigos, como novos que tem comprado. Por cartas fidedignas que chegaram no conhecimento do Governo, sabemos *que há milhares de pessoas em Lisboa decididas a vir reunir-se ao Exército libertador*, e às quaes só faltam os meios de se transportar. (Almeida Garret, Cartas, séc. XIX)

(43) Esteves: Muito gosto tenho em conhecer sua mercê e desejo que Deus o ajude em todas as suas obras.

Camões: Sou seu criado. Os senhores pretendem alguma coisa de mim?

Lourenço: Não, senhor. Soubemos *que sua mercê estava em Almargem* e viemos fazer-lhe os nossos cumprimentos.

Camões: Muito obrigado. O senhor, pelo que vejo, é da tropa...?

Lourenço: Sou capitão de ordenanças, à falta de outros, para servir a sua mercê. (O Camões De O Rocio, Almeida Garrett, séc. XVIII)

2ª. pessoa do plural

(44) Navega com todos os ventos, para o porto de sua comodidade; e fica assim sabendo mais que o Diabo, de quem dizem que não quis ser barqueiro, por se não entender com um vento, que serve para baixo e para cima: cousa, por que mais de quatro homens, se o soubessem bem fazer, se deixaram ser Diabos. Ora,

sem momo, vós sabeis, e todos sabem, que assaz tem mais que aprender o viver entre a gente, que entre as alimárias; donde essa lição, se vo-la dão, é sempre uma , e donde nasce o ser de muito pouco proveito. (Melo, F. M. de, Cartas, séc. XVII)

(45) Carrasco: Honrado cavaleiro, bem parece que tendes generoso ânimo, e assim vos agradeço essa oferta. Mas sabereis que a mim, por ora, me não ofendem inimigos, senão uma inimiga, cujo rigor me tem morto e me faz andar renovando a cavalaria andante, só por ver se posso aplacar o seu desdém, oferecendo-lhe a cabeça de um gigante. (Peça Vida do grande Dom Quixote De La Mancha , e do gordo Sancho Pança, Antônio José Da Silva, séc XVIII)

3ª. pessoa do singular

(46) Diogo: Por não dar-te este desgosto esta traição te encobria e sabe Deus que me pesa de chegar a descobri-la. (Contra si faz quem mal cuida, Dom Leonardo Saraiva, séc XVII)

(47) Já pode ser que fôsse esta a razão por que Deus, fazendo-nos mortais, não quisesse dar-nos a saber o dia de nosso acabamento. Sabia Deus que, se o soubessem os homens, de medo de aquela hora ninguém chegaria a ela; sempre ficaríamos aquém do que nos estivesse concedido de vida. (Francisco Manuel de Melo, Cartas, séc XVII)

3ª. pessoa do plural

(48) Relação, precedido dos mais modernos e mal freqüentado dos mais antigos. Assim fôra, se a natureza humana tivera achado o segrêdo da consistência, mas sem recorrer a este comum conflito da variedade. Todos sabem que Paris não é sempre Paris: logradas as primeiras admirações, é uma terra pouco melhor que as outras terras. Amá-lo não é bom sinal, porque, para viver bem, nenhuma terra é má, e para viver mal só Paris é bom. (José da Cunha Brochado, Cartas, séc XVII)

(49) Como convém acautelar na captura das religiosas toda a indecência, e poderia suceder alguma se fossem a buscar-se pelas celas e por outros esconderijos, o que talvez seria necessário se elas antecipadamente soubessem que se tem determinado prendê-las, fazem-se as ditas prevenções, divulgando que se manda pôr cerco ao Convento, e esta fama deve Vossa Mercê confirmar, sem soltar palavra por onde possa alguém conjecturar que se trata de prisão. (Corpus Tycho Brahe, séc. XIII)

3ª pessoa + se

(50) Já se sabe que é demasiada fanfornice, que o ditoso não queira alguma hora ser mofino, persuadido de que as boas andanças são morgado que haja de andar em sua familia para sempre, sem que se possa perder nem alhear. (Peça Auto e colóquio do nascimento do menino Jesus, Francisco Lopes, séc. XVII)

(51) José Lopes desapareceu daqui pelo Santo António, depois de ter vivido por um modo que lhe doeria bem a seu pai quando lá lhe chegasse a notícia; passado pouco tempo *se soube que foi dar consigo em Nápoles*, e começava lá com a mesma vida. Deus queira que ele se resolvesse a ir para Portugal, ainda que não sei o que lá possa fazer dele seu pai; certo que tenho grande pena dele, e do filho, mas eu não lhe posso dar remédio, nem me parece que ninguém lho possa dar. Tal conceito faço do natural de José Lopes, e dos seus costumes! (Antonio Da Costa, Cartas, séc. XVIII)

3.3.5 PESSOA INDICADA NA PORÇÃO ESCOPADA PELA CONSTRUÇÃO COM *SABER*

Assim como analisamos as pessoas gramaticais indicadas no verbo *saber*, também investigamos a pessoa indicada no verbo da porção textual que *saber* escopa e que pode ocorrer como uma Proposição, um Conteúdo Comunicado ou um Movimento.

O propósito com a análise desse fator é de identificar variações formais nas marcas de pessoa gramatical, como um possível reflexo de alterações semânticas e discursivas das construções com *saber*.

1ª. pessoa do singular

(52) Falte com o débito de minhas letras (três pontos, e quatro vírgulas) porque *vós bem sabeis que quando no tabuleiro do gosto, escolho o trigo do vosso carinho, lanço fora a esvilhaca da ingratidão*; pois joeirando as finezas, fica crivado o peito da correspondência. (*Vida do grande Dom Quixote De La Mancha, e do gordo Sancho Pança*, António José da Silva, séc XVIII)

(53) Esopo: Senhor, eu sou Esopo, que peço perdão a Vossa Majestade da minha descortesia.

Rei: Velhaco insolente, tantas me tens feito, que agora te mandarei enforcar.

Esopo: Olhe, senhor, que eu sou nobre, e não posso morrer enforcado.

Rei: Ou possas, ou não possas, hei de te matar; e só o deixarei de fazer se me fabricares uma torre no ar.

Esopo: Aceito. Dê-me a sua palavra e, juntamente, me há de dar os materiais.

Rei: Prometo tudo. Pois vejo que tu não hás de fazer a torre no ar, e assim sempre te venho a matar.

Rei: Vamo-nos, e levem-no preso para que não fuja.

Esopo: *Ai, amada Atenas, que não sei se te verei mais!* Adeus, Filena, adeus. (Sai.) (*Peça Esopaida, Ou Vida De Esopo*, Antônio José Da Silva, séc XVIII, séc. XVIII)

2ª. pessoa do singular

(54) Filena: Amado Periandro, *bem sei que vens a despedir-te, ou a dobrar-me os tormentos*. Com quê é certo, que partes para a guerra? (*Vida do grande Dom Quixote De La Mancha, e do gordo Sancho Pança*, António José da Silva, séc XVIII)

3ª. pessoa do singular

(55) *Ora eu bem sei que o bocado é duro de comer porém tenha paciência e sofra para sua emenda para que não torne a ter a absoluta de dizer que não deve estar pelas ordens do ajudante José Roiz Lisboa e que o não reconhece por superior quando só me soube reconhecer quando como delegado do Senhor Intendente o aceitei e meti de posse do Governo do Colégio*. (Pina Manique, Cartas, séc. XVIII)

1ª. pessoa do plural

(56) *Contigo sei que podemos contar*, mas peço-te que não sacrifiques em demasia os teus afazeres - profissionais, sentimentais e outros quietais. (Cartas, Corpus Tycho Brahe, séc XX)

(57) Thomé: Pois tu! Oh mulher, pois tu é que és? Eu me benzo de ti, mulher.
Anna: Benze-me agora com dois pintos, que os preciso, e deixa o mais por minha conta. *E nem por sonhos que o velho saiba que nós somos marido e mulher*, senão era capaz de desconfiar. Isto é, desconfiar, inda assim!
(As Prophecias De O Bandarra, Almeida Garrett, séc XVIII)

2ª. pessoa do plural

(58) Pedindo sua lembrança a um amigo, que estava para entrar em grande posto Para que nada tenha de contentamento, *sei juntamente que vós ides, quando me começava a alegrar de que fosseis vindo*. Sempre vades e venhais, com tanto gôsto e saúde como a mi me falta. Os reis vão sendo tais para mi, que lhes não valeu o serem santos; ou não me val a mi que eles o sejam. (José da Cunha Brochado, Cartas, séc XVII)

(59) Teresa: Parece-me muito bem ; agora vejo , que em tudo sois prudente.
Sancho: *Vós ainda não sabeis, que mantido tendes*.
Teresa: Disso me queixo eu, e ainda mal, que tanto o experimento, pois a miséria, com que me tratais, me faz ver as estrelas ao meio-dia; e sendo casada convosco há quarenta e dous anos, seis meses, três semanas, doze horas, oito minutos , e vinte instantes, nunca em vosso poder me vi com a barriga cheia. (Peça Vida do grande Dom Quixote De La Mancha, e do gordo Sancho Pança, António José Da Silva, séc XVIII)

3ª. pessoa do plural

(60) *Bem sei que estas palavras não correspondem aos meus merecimentos e só provam o carinho do meu amigo, mas eu tenho mais orgulho nessa amizade do que na minha sabedoria. E adeus que vou para os touros. Mil abraços do teu amigo.* (Cartas, *Corpus Tycho Brahe*, séc XX)

(61) Sancho: Se vossa mercê algum dia tivesse juízo, diria que o tinha perdido. Que Sancho fingido ou que Dulcineia transformada é esta?
 Dom Quixote: Não sei como agora fale, se como a Sancho ou como a Dulcineia. Vá como quer que for: *saberás que os encantadores transformaram em tua vil e sórdida pessoa a sem igual Dulcineia. Vê tu, Sancho amigo, se há maior desaforo, se há maior insolência destes feiticeiros, que emascarar o semblante puro e rubicundo de Dulcineia com a máscara horrenda de tua torpe cara?* (Peça *Vida do grande Dom Quixote De La Mancha, e do gordo Sancho Pança*, Antônio José Da Silva, séc XVIII)

*Oração sem sujeito*¹⁴

(62) Emfim já não faltam senão trinta dias provavelmente para te eu tornar a ver! *Sabes tu, minha Rosa, que faz hoje três mezes justos que aqui neste Tejo que agora estou vendo te separaste de mim?* Que disseste aquelle último adeus mudo mas tão expressivo, que só eu vi, e que ficou para sempre gravado na minha alma? Estou te vendo ainda agora, na mesma atitude, sentindo eu a mesma sensação. (Almeida Garrett, Cartas, séc XIX)

(63) Todavia, vou, a pedido do Mendes da Rocha, recomendá-lo aos tais quatro com os quais tenho mais, intimidade. *Não sei se ainda haverá prevenções do Lúcio Mendonça para com V.* Quer que eu me entenda com ele, mesmo sem falar no interesse que V. liga a tais recursos? (Cartas, *Corpus Tycho Brahe*, séc XIX)

3.3.6 PREENCHIMENTO DA POSIÇÃO DE SUJEITO

Com a análise do preenchimento da posição de sujeito na porção da construção em que aparece a construção com *saber*, o intuito é averiguar como tal variação afeta a organização sintática e o grau de esquematicidade da construção.

Nos dados da pesquisa, as construções em análise aparecem com a posição de sujeito da construção com *saber* preenchida ou não preenchida, como nas seguintes ocorrências, respectivamente:

¹⁴ Neste fator, os casos de oração sem sujeito poderiam, em princípio, ser classificados como *não se aplica*. Optou-se, contudo, por tratá-los como subfator específica fim de manter controle quantitativo sobre a incidência dessas ocorrências ao longo da análise.

(64) Vossa Mercê haverá entendido o estado em que de novo fico. Qual a causa? Dos documentos dela não sei, por isso lhe não respondo. Pois em verdade que me não negarei ao certame, se não serve de pôr fim a esta minha mofina. *Eu sei que não hei de parar em ser acusado por matador e por facinoroso.* (Cartas, *Corpus Tycho Brahe*, séc XVII)

(65) Bem *sei* que não devia vir a esta casa. Não devia, não. (Peça *Caiu o Ministério!*, França Júnior, séc XIX)

Mais especificamente quanto ao sujeito em primeira pessoa, Posio (2013) mostra que, com relação a verbos cognitivos, a presença do sujeito de primeira pessoa pode ser favorecida por processos de convencionalização. Assim, o sujeito em verbos cognitivos deve ser interpretado como parte de construções que funcionam pragmaticamente, exprimindo atitude do falante, mitigação epistêmica ou organização discursiva. Para ilustrar tal comportamento, o autor cita o exemplo do verbo espanhol *creer*, como em *Yo creo que la felicidad viene de dentro* (p.17) (Eu acho que a felicidade vem de dentro), no qual o falante utiliza a construção *yo creo que* para deixar claro que está fazendo uma avaliação subjetiva da proposição encaixada.

Após analisar o verbo *saber* no português de Portugal a partir do *corpus* Português Falado, Posio observa que a presença do pronome sujeito é relativamente baixa e que o verbo aparece predominantemente em construções negadas, como em *nostalgia dos anos cinquenta, não sei* (p.21). O autor afirma que, nesses contextos formulaicos, a expressão do sujeito é rara, somente tende a ocorrer quando o verbo mantém um uso mais composicional e menos cristalizado.

Sendo assim, defendemos aqui que a presença ou ausência do sujeito, sobretudo em primeira pessoa, pode ser interpretada como um indício do grau de esquematicidade e de fixação da construção. Quando o pronome é omitido em construções altamente cristalizadas, como *não sei se*, observa-se o funcionamento de expressões formulaicas que atuam como marcadores pragmáticos de atitude, incerteza ou organização discursiva. Por outro lado, quando o pronome é exposto, evidencia-se maior transparência composicional e, conseqüentemente, maior proximidade com usos menos fixos e mais produtivos da construção.

Além disso, se houver alternância entre a presença e a ausência do sujeito, a construção apresentará um alto grau de esquematicidade, permitindo maior variabilidade em sua composição sintática. Em contrapartida, se a estrutura exigir

consistentemente a presença ou a omissão do sujeito, a construção será menos flexível (menos esquemática) e mais específica, uma vez que a possibilidade de variação dentro do esquema sintático ficará reduzida. Dessa forma, investiga-se, neste estudo, a variação no preenchimento do sujeito como fator determinante para compreender a interação entre esquematicidade, convencionalização e função pragmática no desenvolvimento diacrônico das construções com *saber*.

3.3.7 TEMPO E MODO

O fator de tempo e modo tem como objetivo investigar a distribuição das construções com *saber* em diferentes tempos e modos verbais, buscando compreender como a variação temporal e modal influencia seu uso e significado. Ao observar a presença da construção em tempos dos modos indicativo, subjuntivo e imperativo, a análise também permite identificar padrões de uso das construções com *saber* em relação a mais este aspecto.

Além disso, também se considera o grau de esquematicidade das construções em relação a este fator, ou seja, a possibilidade, ou não, de variação em relação ao tempo e ao modo verbal. Nesse sentido, as construções mais esquemáticas tenderiam a ocorrer em múltiplos tempos e modos, apresentando maior flexibilidade formal. Por outro lado, construções mais restritas a um único tempo ou modo verbal seriam menos esquemáticas e, conseqüentemente, mais rígidas em sua natureza construcional.

A seguir, apresentamos ocorrências nos diferentes tempos e modos encontrados para as construções em análise.

Presente do Indicativo

(66) Luís: Está enganado! Se quisesse um escândalo e também uma vingança bastava me uma palavra; bastava chamar seu pai. Mas *eu sei que não é a força que dobra o coração*; eu temo que minha prima odeie algum dia em mim o homem que ela julgará autor de sua desgraça. (Peça Azas de um anjo, José de Alencar, séc XX)

Pretérito Perfeito do Indicativo

(67) PS: *Soube que minha Mãe deu de novo grande queda*. Já te tinha escrito a carta. Não sei gravidade situação. Pedi para casa, notícias concretas. Põe de

parte "tudo" e, peço-te telefona ou [...] telegrafa no sentido sentirem tua presença amiga e indispensável[N]. (Cartas, *Corpus Tycho Brahe*, séc XX)

Pretérito Imperfeito do Indicativo

(68) Filena: Queres agora dizer que *sabias que era eu, falso, ingrato, inconstante?* Esses são os teus extremos? Essas as tuas finezas? Tão depressa te mudaste?

Periandro: Filena, não tens razão. *Eu bem sabia que eras tu;* mas, como estavas galanteando comigo, eu também quis fingir que não te conhecia, somente para te ouvir. (Peça *Esopaida, Ou Vida De Esopo*, Antônio José Da Silva, séc XVIII)

Futuro do Indicativo

(69) Tabelião: Guarde Deus a vossa mercê, Senhor Sancho Pança. Como está vossa mercê?

Sancho: Para servir a vossa mercê.

Tabelião: Para servir a Nosso Senhor, que lhe dará bom pago. Que quer vossa mercê?

Sancho: Sente-se vossa mercê muito a seu gosto na ponta desse espeto.

Tabelião: Eu aqui me acomodo; estou bem. Aos pés de vossa mercê é o meu lugar.

Sancho: *Saberá vossa mercê que eu quero fazer o meu testamento por escrito, que me dizem que o nuncupativo não é tão bom.* Sabe vossa mercê fazer testamentos?

Tabelião: Suposto que eu nunca fizesse testamento, contudo já fiz um escrito de casamento a uma negra. E quem faz uma coisa também faz outra. (Peça *Vida do grande Dom Quixote De La Mancha*, e do gordo Sancho Pança, Antônio José Da Silva, séc XVIII)

Pretérito Imperfeito do Subjuntivo

(70) Vamos ao que Vossa Mercê quer saber dos meus teres e haveres, que se reduzem todos a meio florim (dois tostões) da missa, que me bastam, porque na nossa mão está o ser-nos necessário pouco; quanto a essas casas e campos, ainda que eu *soubesse que tinha grande justiça para pretender disso alguma coisa*, não queria por nenhum modo demandas. (Antonio Da Costa, Cartas, séc XVIII)

Futuro do Subjuntivo

(71) Camões: Já agora é mandar-lhe dizer missas por alma. Vamos tirar daqui este corpo.

O Desconhecido: Que remorsos para o resto da minha vida! Que vergonha se isto se divulgar!

Gregório: O que mais me tem custado é representar o papel de defunto!

Camões: E que dirá quando *souber que é o mesmo que me feriu esta noite?*
 O Desconhecido: Que dizes?
 Camões: A verdade; é ele mesmo. Muito bem o reconheço.
 O Desconhecido: É caso bem extraordinário!
 Camões: Até incompreensível!
 O Desconhecido: Manda levantar esse corpo. (O Camões De O Rocio, Almeida Garrett, séc. XVIII)

Imperativo Afirmativo

(72) Joaquina: Ai, como tu estás tolo! A província , a província . Ora isto! *Saiba que eu que venho do Porto, senhor José Felix, que é a segunda capital de o reino, e a cidade eterna, como dizem os periódicos.* Província será a sua terra de você, que há de ser a Lourinhan, ou a aldeia de Pai Pires, ou coisa que o valha. E então...?? (Peça *Falar Verdade A Mentir*, Almeida Garrett, séc XVIII)

Pretérito perfeito do Indicativo em perífrase verbal com *ficar*

(73) Fábio - (Cortando) Sabe com quem está falando?
 Orfélia - Não! Não sei, mas...
 Fábio - (Tentando se controlar-tira cartão do bolso e entrega)olhe.
 Orfélia - (Ressabiada olha cartão abre em sorrisos) super mercados gracinha?
 Fábio - Exatamente...sou o proprietário.
 Orfélia - (Tom sorrisos) O nosso patrocinador? (para câmara) que visita agradável...palmas para ele. (gravação aplausos)
 Fábio - (Duro-seco) *Fiquei sabendo que falaram de mim neste programa e...*
 Orfélia - (Cortando fresca) Falo toda hora. (ênfase) super mercados gracinha,o mais barateiro...pegue muito e pague pouco (para auditório)uma salva de palmas praele, gente. (palmas gravadas) (Peça *Tudo isto e o céu também*, Aziz Bajur, séc XX)

Imperativo-Afirmativo

(74) Ernani: (Com importância) Mas sou seu primo.
 Nair: Ora! Um primo não é nada na ordem das coisas.
 Ritinha: Que intrometido é esse Ernani!
 Ernani: (Apanhando dois halteres, que estão em cima do piano). *Fique sabendo que os primos são as sentinelas avançadas da honra da família.*
 Nair (Maliciosa) Então há de ser por isso que todos os maridos tem sempre cuidado com os primos da mulher. (Peça *Código Penal*, Artigo***, André Brun, séc XIX)

3.3.8 CORREFERENCIALIDADE DO SUJEITO

Os referentes dos sujeitos da oração principal e os da oração encaixada podem ser os mesmos ou não nas ocorrências analisadas na pesquisa. Tratados aqui como correferenciais ou não-referenciais, os referentes dos sujeitos indicam o grau de dependência sintática (LEHMANN, 1988) entre a porção matriz, nucleada por *saber*, e a porção completiva, ou a porção textual escopada pela construção com *saber*, no caso dos Movimentos.

Por conta de seu maior grau de dependência, supomos que as construções mais prototípicas de subordinação com *saber*, com função de descrição de conhecimento, ocorram predominantemente com sujeitos correferenciais, em comparação às construções com funções discursivas e menos prototípicas de casos de encaixamento oracional.

A seguir, apresentam-se exemplos de dados da pesquisa com sujeitos correferenciais e não-correferenciais.

Sujeito correferencial

(75) Tarzan - Ora, o que é isso? As coisas estavam por aí, você que não soube usá-las.

Bosta - É, *eu sei que eu tive a minha chance*, mas não soube aproveitá-la.

Tarzan - Pois é isso. (Peça *A vaca surrealista*, Jair Antônio Alves, séc XX)

Sujeito não-correferencial

(76) PARVO: Pois que haver cá de fazer?

VELHO: Vai-te daí!

PARVO: Dono, veio lá meu tio, estava minha dona, então ela, metendo lume à panela o fogo logo subiu.

VELHO: Oh Senhora! *Como sei que estais agora sem saber minha saudade.*

Oh! Senhora matadora, meu coração vos adora de vontade!

PARVO: Raivou tanto! Resmungou! Oh pesar ora da vida! Está a panela cozida, minha dona não jantou. Não quereis? (Peça *Comedia Do Cioso*, Antonio Ferreira, séc XVI)

3.3.9 RECURSOS FORMAIS-DISCURSIVOS ASSOCIADOS ÀS CONSTRUÇÕES COM SABER

Com base nas primeiras análises dos dados desta pesquisa, decidimos controlar, também como um fator de análise, alguns recursos formais-discursivos que aparecem com certa frequência junto das construções com *saber*. Eles são de diferentes categorias gramaticais e, de forma geral, servem para intensificar ou focalizar o conteúdo na construção. São eles: *bem*, orações causais ou explicativas (introduzidas por *pois* ou *porque*), *de certo*, *também*, *já*, *só*, *mal* e construções paralelas (como em *não sei se... mas.../só sei que...*), conforme exemplificadas a seguir.

Bem

(77) Não sei, que mais queria dizer, que o tinha debaixo da língua .

Xanto: Nada nos dizes de novo, que *bem sabemos, que a língua é o oráculo do homem*; porém havemos só comer línguas?

Esopo: Senhor , muitos comem do que falam (*Esopaida ou Vida de Ésopo*, Antonio José da Silva, séc XVIII)

Oração causal/explicativa

(78) Muito consternado ficou o Senhor Intendente com a triste notícia da morte do provedor dessa cidade e penso qual seja o motivo *por que sei que há dois anos procurava o douto Senhor o modo de casar o Senhor Pedro Antônio com a filha que se acha recolhida no Mosteiro de Lorvão, que na verdade seria uma das suas felicidades e não menos para a Senhoria vista a boa índole do menino e a excelente casa que tem e as honras de que é possuidor e como com a morte não esperada tudo ficou em princípio*. (Pina Manique, Cartas, séc. XVIII)

De certo

(79) Com o gôsto dos que nos governam não será possível, e mais havendo-se de ver primeiro na junta daqueles quatro embaixadores jubilados, três dos quais *sei de certo que foram sempre mais inclinados a esta guerra que à paz*. Deus nos escolha o melhor, que afirmo a Vossa Excelência que nem a desejar me atrevo. (Alexandre de Gusmão, Cartas, séc. XVII)

Também

(80) Aqui tenho de novo impressos dous livros, que com esta remeto a Vossa Mercê Bem vejo são diversíssimos do estilo político; mas *tambem sei que por fazer companhia aos amigos exercitam os homens cada hora aquilo em que tem desgosto*. Se por lá houver algum afeiçoado à língua espanhola, como dizem os há agora à nação, pode ser que lhes dê seu lugar, enquanto não aparece o meu Teodósio, que não me correrei de mostrar aos professores da História e da Política, e com mais confiança quando tenha a Vossa Mercê por padrinho. (Melo, F. M. de, Cartas, séc. XVII)

Já

(81) Infante: *Já sei que fostes comigo naquela noite sabida*, em que com dous embuçados, que o passo nos impediam, sobre as capas nos pedirem ãa pendência renhida. (*Contra si faz quem mal cuida*, Dom Leonardo Saraiva, séc XVII)

Só

(82) Lídia: (Forte) Não!!! (Com raiva) Ela não foi para baurú... Não foi ver a mãe dela coisa nenhuma.

Léo: Não? E como você ficou sabendo?

Lídia: Porque a (zombando) digníssima senhora sua mãe telefonou ontem para cá... Queria conversar com a digníssima filhinha.

Léo: Nessa ela se fudeu heim.. Para onde você acha que ela foi?

Lídia: (Enfurecida) Não tenho a mínima idéia... *só sei que desta vez não vai ter desculpas...* (Crocodilo também chora, Aziz Bajur, séc XX)

Mal

(83) Anna - Ora pois então, faça o que eu lhe digo, e deixe o mais por minha conta Olhe, menina, elles a representar a sua comédia que cuidam que é de veras . - E o que é esta vida toda senão uma comédia ...? ? valha me Deus! - deixe os representar a sua comédia. *Mal sabem elles que eu é que sou o ponto, ou o contra regra, ou como é que se diz?* (Peça *As prophcias de o Bandarra*, Gonçalo Annes Bandarra, séc XVIII)

Construções Paralelas

(84) Pantaleão - E assim foi, nem podia deixar de ser. Por onde elle tem andado estes três séculos , não sei , mas há de ser por bons e honestos sítios, que não é homem para menos. *Não sei por onde andou até agora*; elle o dirá se quizer, o grande homem; *mas sei que voltou; que está entre nós, que está perto de nós, que está aqui, aqui em esta casa, inda mais - que jantou hoje conosco!* (Peça *As prophcias de o Bandarra*, Gonçalo Annes Bandarra, séc XVIII)

O objetivo de examinar a presença desses recursos junto a construção com *saber* é compreender de que maneira eles se correlacionam às funções das diferentes construções em estudo, seja, por exemplo, ao intensificar a força assertiva de uma proposição, ao indicar gradações de certeza ou incerteza do falante, ou ao estabelecer relações argumentativas e de organização discursiva nas interações verbais. Além disso, a análise deste fator permite verificar se a ocorrência dos recursos formais-discursivos está, de algum modo, associada a tipos específicos das formas em estudo, contribuindo para um entendimento mais amplo da estrutura morfossintática das construções e de seus possíveis processos de mudança.

3.3.10 FORÇA ILOCUCIONÁRIA DA CONSTRUÇÃO

A força ilocucionária construção com *saber* foi analisada quanto ao seu caráter declarativo afirmativo, declarativo negativo, interrogativo afirmativo ou interrogativo negativo. Essas diferentes forças ilocucionárias em que a construção pode aparecer são ilustradas pelas ocorrências expostas a seguir.

Declarativa Afirmativa

(85) Muito parabém do acerto e admirável prudência com que sei que Vossa Excelência se tem havido na sua espinhosa missão. Peço-lhe que disponha de mim, se tiver que mandar por aqui. - E creio rogar-lhe incarecidamente que dê toda a protecção e favor à pessoa que lhe há de intregar esta, que é meu patrício e contrapartente, o Senhor Cirne, estudante que creio ser da universidade - Não o quero seccar por isso me extendo pouco, mas *Vossa Senhoria sabe que pode dispor de minha vontade sempre, e que deve fazê-lo*. As coisas vão tomando aqui melhor aspecto, e se a eleição das províncias for razoável sahiremos melhor das dificuldades do que se anticipava. (Almeida Garret, Cartas, séc XIX)

Declarativa Negativa

(86) Eusébio (Que ouviu.) — *Não sei se é perto da charutaria*, mas diz que o logá é aprazive; a casa munto boa. Fica pro cima de um açougue, o que qué dizê que nunca fartará carne! Vamo!
Quinota — É muito longe?
Eusébio — É; mas a gente vai no bonde. (Peça teatral *A Capital Federal*, séc XIX)

Interrogativa Afirmativa

(87) *Sabem, que eu sou um desgraçado?* Pois é, eu não posso me queixar, eu vivi, andei de carro paca, tive uma porrada de mulher, mas só que, quando eu ia casar, a mulher tinha que ser direita. (Crocodilo também chora, Aziz Bajur, séc XX)

Interrogativa Negativa

(88) Sancho - É boa teima! Homem do diabo, que justiça quereis? *Não sabeis que há muitas castas de justiça?* Porque há justiça direita, há justiça torta, há justiça vesga, há justiça cega, e finalmente há justiça com velidas, e cataratas nos olhos... (*Vida do grande Dom Quixote De La Mancha, e do gordo Sancho Pança*, António José da Silva, séc XVIII)

A análise da força ilocucionária do enunciado em que aparece a construção em estudo teve como propósito investigar se essa seria, ou não, uma propriedade correlacionada às mudanças investigadas, especialmente porque a construção com funções mais discursivas parece ocorrer sempre em enunciados declarativos afirmativos.

3.3.11 GÊNERO DISCURSIVO

Além dos fatores ligados a propriedades morfossintáticas e semântico-funcionais das construções, investigamos também, como um fator de natureza extralinguística, o gênero discursivo em que a forma ocorre.

Conforme já mencionado, investigam-se, nesta pesquisa, textos pertencentes a dois gêneros: cartas pessoais e peças teatrais. A escolha desses gêneros se justifica pelo fato de ambos apresentarem maior proximidade de registro com a modalidade oral, na qual entendemos que possam ser captadas mais facilmente formas inovadoras das construções em estudo, conforme já apontamos anteriormente.

Desse modo, a análise dos dois tipos de gênero discursivo permite observar como as construções com *saber* se manifestam em contextos que, apesar de escritos, preservam características da língua falada. Além disso, o controle do gênero pode fornecer evidências pragmático-discursivas sobre o uso das construções em estudo, bem como permitir a investigação da frequência de ocorrência dessas construções em cada Gênero discursivo específico.

3.3.12 SÉCULO

Outro fator extralinguístico investigado foi o século a que pertence o texto de onde a ocorrência foi extraída.

Conforme já apontado anteriormente, os textos analisados foram agrupados de acordo com os séculos de que são representativos, abrangendo do XVI ao XX. Essa divisão permite observar mudanças diacrônicas no uso das construções com *saber*, possibilitando o mapeamento de tendências e variações linguísticas ao longo dos cinco séculos analisados.

3.3.13 PERÍODOS DO PORTUGUÊS

De acordo com o século que representam, os textos que integram os *corpora* da pesquisa são divididos em dois períodos do português: o período moderno,

compreendendo os séculos XVI e XVII, e o período contemporâneo, que inclui os séculos XVIII, XIX e XX.

Essa periodização do português está baseada nos estudos de Bechara (1991), que classifica a evolução da língua da seguinte forma: período arcaico, do século XIII ao final do XIV; período arcaico médio, do século XV à primeira metade do século XVI; período moderno, da segunda metade do século XVI ao final do século XVII; e período contemporâneo, abrangendo do século XVIII ao século XX.

3.3.14 VARIEDADE DO PORTUGUÊS

Como último fator extralinguístico, investiga-se a variedade do português em que fora produzido o texto fonte da ocorrência analisada.

A preocupação em controlar esse fator surgiu em razão de as amostras, principalmente as representativas do período moderno, mesclarem textos do português europeu a textos do português brasileiro. Infelizmente, não se pode restringir a análise apenas ao português brasileiro, como se pretendia inicialmente com a pesquisa, já que os *corpora* constituídos de cartas pessoais e peças teatrais são escassos, especialmente em períodos mais remotos do português brasileiro. O controle da variedade do português foi realizado com base nas informações fornecidas pelos próprios *corpora*, seja pela indicação explícita da origem geográfica da carta ou pela identificação do autor da peça. Considera-se, assim, que o controle da variedade do português nos permite identificar possíveis particularidades da construção em uma ou outra variedade do português.

Apresentamos, a seguir, um quadro com a síntese dos fatores de análise aqui empregados.

Quadro 1: Síntese dos fatores de análise

Fator de análise	Variáveis
Classificação semântica de saber	Cognitivo; Modal epistêmico; Evidencial reportativo; Factual compartilhado; Marcador discursivo
Função discursiva da construção com saber	Transmitir conhecimento; Focalizar informação; Ativar conhecimento prévio; Indicar fonte da informação; Indicar comprometimento do falante; Introduzir tópico; Finalizar tópico
Unidade funcional da porção escopada	Proposição; Movimento; Conteúdo Comunicado
Pessoa gramatical da	1ª pessoa do singular; 2ª pessoa do singular; 1ª pessoa do

construção com saber	plural; 2ª pessoa do plural; 3ª pessoa do singular; 3ª pessoa do plural; 3ª pessoa + se
Pessoa indicada na porção escopada	1ª pessoa do singular; 2ª pessoa do singular; 3ª pessoa do singular; 1ª pessoa do plural; 2ª pessoa do plural; 3ª pessoa do plural; Oração sem sujeito
Preenchimento da posição de sujeito	Sujeito preenchido; Sujeito não preenchido
Tempo e modo	Presente do indicativo; Pretérito perfeito do indicativo; Pretérito imperfeito do indicativo; Futuro do indicativo; Pretérito imperfeito do subjuntivo; Futuro do subjuntivo; Imperativo afirmativo; Perífrase com <i>ficar (fiquei sabendo)</i>
Correferencialidade dos sujeitos	Sujeitos correferenciais; Sujeitos não correferenciais
Recursos formais-discursivos associados	Bem; Já; Só; Também; De certo; Mal; Orações causais/explicativas; Construções paralelas
Força ilocucionária	Declarativa afirmativa; Declarativa negativa; Interrogativa afirmativa; Interrogativa negativa
Gênero discursivo	Carta pessoal; Peça teatral
Século	XVI; XVII; XVIII; XIX; XX
Período do português	Português moderno; Português contemporâneo
Variedade do português	Português europeu; Português brasileiro

Após apresentarmos os fatores de análise das construções desta pesquisa, passamos, agora, aos resultados das análises qualitativa e quantitativa relativas às construções com *saber*.

4. ANÁLISE GERAL DAS CONSTRUÇÕES COM *SABER* NOS PERÍODOS MODERNO E CONTEMPORÂNEO DO PORTUGUÊS

Neste capítulo, tomando como parâmetro de análise o valor semântico-funcional de *saber* (cognição, modalidade, evidencialidade, marcador discursivo) nas diferentes construções de nossos dados, caracterizamos as ocorrências em termos morfossintáticos, a partir da análise da frequência com que, no complexo oracional, as formas de pessoa gramatical e do tempo-modo verbal se distribuem em nossos dados. Esses dois aspectos formais são os que mais se correlacionam à definição de diferentes tipos de construções com *saber*, conforme demonstraremos ao final deste capítulo.

4.1 PESSOA GRAMATICAL E TEMPO-MODO VERBAL NAS CONSTRUÇÕES EM ANÁLISE

Examinamos, a seguir, a pessoa gramatical nas diferentes construções em análise, conforme o valor semântico-funcional de *saber*.

A análise dos dados tomados em conjunto revelou uma predominância expressiva de ocorrências em 1^a. e 2^a. pessoas gramaticais, como mostram os números na tabela a seguir. Também chama a atenção o fato de que os usos mais inovadores de construções com *saber*, especialmente aqueles em que o valor semântico-funcional do verbo se afasta do valor cognitivo prototípico, tendem a ocorrer na 1^a. pessoa do singular.

Tabela 1: Pessoa gramatical nas construções com *saber*

Pessoa gramatical	Valor sem-funcional de <i>saber</i>	Cognitivo	Modal	MD	Evidenc. Report.	Total
1 ^a p. do singular	193 (57.3%)	100 (98%)	3 (100%)	31 (81.6%)	327 (68.1%)	
1 ^a p. do plural	12 (3.6%)	2 (2%)	-	2 (5.3%)	16 (3.3%)	
2 ^a p. do singular	92 (27.3%)	-	-	-	92 (19.2%)	
2 ^a p. do plural	21 (6.2%)	-	-	-	21 (4.4%)	
3 ^a p. do singular	10 (3%)	-	-	1 (2.6%)	11 (2.3%)	
3 ^a p. do plural	7 (2.1%)	-	-	-	7 (1.5%)	
Suj. oracional	2 (0.6%)	-	-	4 (10.5%)	6 (1.2%)	
TOTAL	337	102	3	38	480 (100%)	

Conforme os dados na tabela, o total de ocorrências com 1a. e 2a. pessoas do singular é significativamente maior do que o total das ocorrências com outras formas de pessoa gramatical, o que destaca a marca de presença do falante e do interlocutor nos usos das construções, o que não parece ser incomum entre as línguas. A expressão de significados subjetivos e intersubjetivos em verbos que atuam como matriz de oração completiva, de fato, é tão significativa nas interações verbais que Traugott (2002) chega a propor que esses significados, e não a estrutura sintática de subordinação, são o que realmente definem as construções completivas, quando analisadas da perspectiva do uso da língua.

Ao investigar construções com verbos que tradicionalmente regem orações completivas, como *saber*, Thompson (2002) propõe uma reconceitualização da noção de complementação fundamentada em contextos de uso real dessas formas. Em vez de assumir que verbos como *sei* ou *acho* introduzem necessariamente uma oração subordinada em uma relação sintática fixa, a autora argumenta que essas construções devam ser entendidas como esquemas discursivos compostos por dois elementos distintos: um fragmento epistêmico, evidencial ou avaliativo e uma proposição principal. Conforme a autora demonstra, o fragmento inicial, tradicionalmente denominado predicado matriz/principal, atua como um marcador de uma atitude do falante em relação ao conteúdo enunciado, expressando sua certeza, a fonte da informação ou uma avaliação pessoal sobre o que é dito. A oração que se segue, embora tradicionalmente tratada como subordinada completiva, carrega a ideia central a ser veiculada na interação, um conteúdo avaliado pelo falante de algum modo por meio do fragmento inicial (matriz).

O predomínio das 1ª e 2ª pessoas do singular se confirma quando os dados são considerados separadamente. Conforme demonstrado na tabela 1, das ocorrências em que *saber* atua como verbo de cognição, 57.3% aparecem na 1ª. pessoa do singular, e 27.3%, na 2ª. pessoa.

De forma mais categórica, as ocorrências em que *saber* atua como modal epistêmico são todas com a 1ª. pessoa, do singular (98,1% das ocorrências), ou do plural (1,9% do total). A restrição de pessoa é altamente significativa, pois indica que a função dessas construções está profundamente ligada à expressão de atitudes do falante, bem como o uso do presente, fatores necessários para expressar o valor modal epistêmico. No uso epistêmico, *saber* não expressa conhecimento referencial, nem relata um saber

adquirido de terceiros; trata-se, antes, de uma modalização da proposição pela qual o falante expressa alto grau de (in)certeza sobre o conteúdo que enuncia.

Ao relacionar *saber* com valor epistêmico à proposta de Thompson, podemos notar que o fragmento *sei que* funciona como um operador avaliativo que marca a posição subjetiva do falante em relação à veracidade da informação enunciada. Entendemos que esse seja o motivo pelo qual as construções modais ocorram apenas na 1ª pessoa: somente o próprio falante pode assumir tal julgamento com autoridade epistêmica.

Assim, diferentemente do uso cognitivo, que frequentemente envolve a transmissão de um conhecimento, ou mesmo a atribuição de um conhecimento a diferentes sujeitos — inclusive ao interlocutor —, o uso epistêmico é marcadamente subjetivo. Nele, o falante afirma a proposição projetando um grau de compromisso com sua validade, ancorado em sua perspectiva individual.

Do mesmo modo, ao atuar como evidencial reportativo, *saber* ocorre majoritariamente na 1ª. pessoa do singular, que concentra 81,6% das ocorrências. Tal predomínio indica que, também com a função de marcar uma informação como obtida de terceiros, a construção mantém forte ligação com a perspectiva do falante que, nesse caso, acaba por descomprometer-se com a validade da proposição completiva, já que a transfere para um terceiro (identificado, ou não).

Já nos casos em que *saber* assume valor de marcador discursivo, as três ocorrências identificadas no *corpus* aparecem exclusivamente na 1ª. pessoa do singular. Consideramos que essa forma de pessoa seja, inclusive, parte da estrutura formulaica e invariável da construção, por meio da qual o falante orienta a interpretação do interlocutor e conduz a organização do discurso.

Passaremos, agora, à análise dos tempos e modos verbais mais recorrentes nas construções em estudo.

4.2 TEMPO-MODO NAS CONSTRUÇÕES COM *SABER*

A análise dos tempos e modos verbais empregados nas construções com *saber* revela formas distintas de ancoragem temporal dos conteúdos enunciados. Os resultados da distribuição desse fator de análise encontram-se na tabela 2.

Tabela 2: Tempo-modo nas construções com *saber*

Tempo-modo	Valor sem-funcional de saber	Cognitivo	Modal	MD	Evidenc. Report.	Total
Presente do indicativo	280 (83.1%)	100 (98%)	3 (100%)	4 (10.5%)	387 (80.6%)	
Pretérito imperfeito do indicativo	20 (5.9%)	2 (2%)	-	-	22 (4.6%)	
Futuro do presente do indicativo	17 (5%)	-	-	7 (18.4%)	24 (5%)	
Pretérito perfeito do indicativo	1 (0.3%)	-	-	26 (68.4%)	27 (5.6%)	
Mais-que-perfeito do indicativo	1 (0.3%)	-	-	-	1 (0.2%)	
Imperativo afirmativo	6 (1.8%)	-	-	1 (2.6%)	7 (1.5%)	
Imperativo afirmativo composto (fique sabendo)	1 (0.3%)	-	-	-	1 (0.2%)	
Futuro do subjuntivo	1 (0.3%)	-	-	-	1 (0.2%)	
Pretérito imperfeito do subjuntivo	10 (3%)	-	-	-	10 (2.1%)	
TOTAL	337	102	3	38	480	

O presente do indicativo, com 80,6% do total de ocorrências, aparece como o tempo-modo predominante, sendo o único a ocorrer de forma expressiva em todas as construções (*saber* cognitivo, modal e marcador discursivo). Essa predominância está diretamente associada à centralidade do momento da enunciação na configuração do *saber* como expressão de conhecimento, posicionamento epistêmico ou mecanismo de estruturação do discurso.

No caso das construções com *saber* cognitivo, o conhecimento é representado como algo que pode estar disponível no presente, mas também em outros momentos do eixo temporal. Embora o presente do indicativo corresponda a 80% dos casos, o *saber* cognitivo apresenta uma distribuição mais ampla de tempos e modos verbais. Formas como o pretérito imperfeito do indicativo e o futuro do presente, com cerca de 5% cada, demonstram que o conhecimento pode ser evocado em referência ao passado ou projetado para o futuro. O uso do imperativo afirmativo e do pretérito imperfeito do subjuntivo (ambos em torno de 2%) indica que o *saber* também figura em contextos de suposição, expectativa ou eventos hipotéticos.

Já nas construções com valor modal epistêmico, *saber* expressa uma avaliação subjetiva do falante em relação à veracidade da proposição, sendo essa avaliação quase

exclusivamente vinculada ao presente. O presente do indicativo corresponde a 98,1% das ocorrências epistêmicas, o que revela que a certeza epistêmica se constrói fundamentalmente no tempo da enunciação. Trata-se de um tipo de julgamento que não se projeta livremente ao longo do tempo, pois está vinculado à perspectiva individual e momentânea do falante, e por isso raramente se realiza em outros tempos verbais.

As ocorrências em que *saber* modal aparece no pretérito imperfeito do Indicativo são:

(88) Meu charo Primo compadre e amigo Sr. Barão .
Bahia 27 de Março de 1890

Aqui cheguei com minha familia no dia 15 d'este e só no dia 25 pude hir a casa do Doutor Salustio, e não o encontrando, tornei hoje, e com elle estive conversando: apresentei-lhe a carta de Vossa Excelência como me ordenou.

Disse-me o Doutor Salustio , que soube estarem esperando hoje pelo Visconde 5 do- Guahy, e que *não sabia se era exata essa noticia*: preveni ao Doutor Salustio para fallar ao Guahy, sobre um emprego no novo hospital da misericordia, segundo Vossa Excelência me ter ditto que queria ver se podia obter com o Guahy um bom imprego para mim no ditto hospital. (Cartas, *Corpus Tycho Brahe*, séc XIX).

(89) Gostava tanto de estar ao pé de ti, só que fosse um minuto para te pedir face a face isto mesmo, porque sei que tu não o recusarias e prometer-me-ias fazer tudo o que a médica te indicou. Não eras capaz de me recusar isso e prometendo-me, *eu sabia que tu cumpri-lo-ias*.

[N], nem que seja preciso tu deixares de fazer as cadeiras em outubro e, portanto, tens de andar mais um ano. (Cartas, *Corpus Tycho Brahe*, séc XX)

Podemos notar, com as ocorrências modais no pretérito imperfeito, que a certeza ou a incerteza expressa pelo falante se refere a eventos situados no passado, tratando-se de uma atitude epistêmica reportada. Nessas construções, o falante avalia epistemicamente a proposição encaixada, indicando que, no momento anterior, possuía certeza (*sabia que*) ou dúvida (*não sabia se*) sobre o tópico em questão.

Quanto às construções com valor evidencial reportativo, o pretérito perfeito do Indicativo aparece como o tempo-modo verbal predominante, com 68,4% das ocorrências, o que evidencia a tendência de o falante relacionar o conhecimento apresentado a eventos passados, reforçando a função de relato da construção reportativa. Com menos ocorrências, a proposição é vinculada a um momento posterior ao discurso com o uso do futuro do presente do indicativo (18,4%) e associada ao momento da interação com o emprego do presente do indicativo em 10,5% das ocorrências.

Por fim, nas ocorrências classificadas como *saber* marcador discursivo, a forma verbal é apenas a de presente do Indicativo. Mais uma vez, considera-se que essa forma se cristaliza na construção com *saber* que atua na organização tópica.

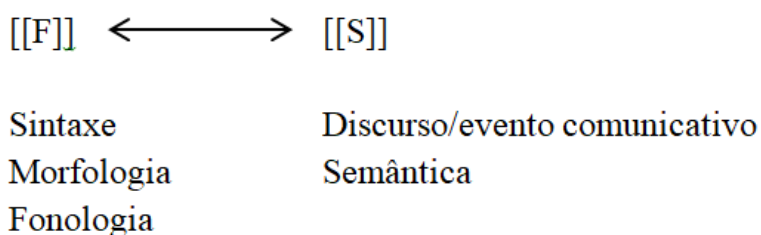
De forma geral, a análise evidencia que a escolha do tempo verbal está intimamente ligada à semântica da construção com *saber*. O conhecimento, por seu caráter mais referencial, em vez de procedural, permite uso em diversos recortes temporais e, por isso, aparece com maior diversidade de formas verbais. Por outro lado, a certeza epistêmica, por depender da perspectiva enunciativa do falante, exige maior ancoragem no presente. Por fim, nas construções em que *saber* atua na organização discursiva, aparece exclusivamente a forma verbal de presente, uma cristalização da construção quando serve para organizar tópicos situados no fluxo da interação em andamento.

Encerrada a análise dos traços morfossintáticos de pessoa gramatical e tempo-modo verbal, e com base nos resultados descritos nesta seção, passamos, na seção seguinte, à apresentação dos subesquemas construcionais identificados ao longo desta pesquisa. Essa etapa tem por objetivo explicitar os pareamentos forma-função recorrentes nas construções com *saber* em nossos dados, permitindo identificar unidades construcionais relativamente estáveis que servirão de base para as análises subsequentes.

4.3 PADRÕES CONSTRUCIONAIS IDENTIFICADOS

A partir da caracterização anterior das ocorrências de *saber* em termos de pessoa gramatical e tempo-modo verbal predominante, delimitamos os padrões construcionais específicos representativos dos tipos de construção identificados no *corpus*. Os padrões propostos refletem as regularidades morfossintáticas observadas, assim como os valores semântico-funcionais associados ao uso das diferentes construções. A representação dos padrões segue a estrutura da unidade construcional, formada por pareamento de forma-função/significado, conforme representada por Traugott e Trousdale (2021), do seguinte modo:

Figura 3: Representação de construção



Fonte: Traugott; Trousdale (2021, p. 36, adaptado)

A Construção 1, que a partir de agora será referida como CCog-1, equivale ao seguinte padrão:

Construção 1 - CCog-1

[X *saber* que-Or.] \longleftrightarrow [X tem conhecimento de um conteúdo proposicional]

A CCog-1 caracteriza-se como uma construção centrada na relação entre o sujeito da oração matriz (X) e a proposição apresentada na oração completiva. Ela expressa a posse de conhecimento por parte do sujeito sobre a proposição enunciada, configurando um valor semântico de cognição, como em (90) logo abaixo. Trata-se de uma construção que pode ocorrer com qualquer pessoa gramatical e em diferentes tempos e modos verbais, embora, nos dados analisados, haja predominância do presente do indicativo, tanto em contextos afirmativos quanto negativos, como se demonstrou na seção anterior.

(90) Filena: Quem está aqui?

Periandro: Quem há de ser, senão quem adora não só o ídolo de tua formosura, mas até as paredes do templo onde te elevas deidade?

Filena: *Se soubesse que estava aqui, não passaria por esta sala.*

Periandro: A tanto chega o teu ódio, que nem ver-me desejas?

Filena: Não posso responder, porque minha mãe já veio para casa, e vou falar com ela. (Peça *Esopaida, Ou Vida De Esopo*, Antônio José Da Silva, séc. XVIII)

A Construção 2, a ser referida como CCog-2, é semelhante. O verbo *saber* também atua como verbo de cognição, mas é sempre acompanhado de negação, e seu complemento oracional é introduzido pela conjunção integrante *se*. O padrão construcional de CCog-2 é o seguinte:

[X *saber*_{Neg.} se-Or.] ↔ [X não tem conhecimento de um conteúdo proposicional]

Nesse padrão, a construção veicula o desconhecimento do falante a respeito da proposição na oração encaixada. Ainda que se mantenha no domínio cognitivo, esse padrão se distingue de CCog-1 por articular a negação verbal com um conteúdo hipotético, o que reforça a ausência de informação disponível para o sujeito. A construção admite diferentes pessoas gramaticais e tempos verbais, sendo mais comum em nossos dados, conforme já demonstrado, na 1ª pessoa do singular e no presente do indicativo. Ao indicar que determinado conteúdo não é conhecido pelo referente do sujeito, a CCog-2 evidencia uma forma estabilizada de expressão do *não saber*, que difere de outros usos por sua estrutura típica e por seu funcionamento pragmático-discursivo na expressão de desconhecimento, conforme exemplifica a ocorrência em (91).

(91) Esopo: Quem é Geringonça?

Xanto: É esta criada de casa.

Esopo: Olhe, vossa mercê, agora sei que tem bom gosto. Pois só o nome de Geringonça lhe basta para se querer. O certo é que todo amor é geringonça.

Xanto: Dizes bem. Porém, como minha mulher Eurípedes tem terrível condição e *não sei se já presume alguma coisa*, é-me preciso tratar isto com mais cautela. E assim, tu hás de ser o meu remédio.

Esopo: Purgativo ou vomitório?

Xanto: Purgativo não; há de ser vomitório. Porque lhe hás de dizer que à noite me fale no jardim, e entretanto tu ficarás divertindo a tua senhora. (Peça *Esopaida, Ou Vida De Esopo*, Antônio José Da Silva, séc. XVIII)

A construção CCog-3 corresponde a um uso específico da construção com o verbo *saber*-cognitivo como estratégia discursiva de introdução de (sub)tópico. Restrita à forma afirmativa e às primeiras pessoas do singular ou do plural, essa construção combina duas funções centrais: o falante afirma conhecimento sobre determinado conteúdo e, simultaneamente, introduz um novo segmento informativo no discurso. Atua, portanto, como um marcador de transição temática, sendo frequentemente observada no início de parágrafos ou de turnos conversacionais, unicamente no presente do indicativo, ou no futuro do presente, tempos que reforçam sua ancoragem na perspectiva do momento enunciativo e na projeção de conteúdos que se pretende desenvolver na interação. Esse padrão construcional tem a seguinte forma:

Construção 3 – CCoG-3

[X *saber*^{2ª} p. sing. Pres. Sub. e Fut pres Ind. que-Or.] ↔ [expressa o conteúdo de um conhecimento como um (sub)tópico discursivo]

A ocorrência abaixo ilustra esse padrão em nossos dados:

Tópico discursivo 1: dificuldade do remetente em escrever a carta

Tópico discursivo 2: costumes horrendos dos portugueses

(92) Quanto a comunicarmo-nos a miúdo por letra, Vossa Mercê mesmo diz com juízo que não nos tendo nós comunicado da boca é dificultoso da minha parte, e eu digo que é impossível da minha parte fazê-lo com acerto, e além disso a dificuldade com que faço esta má letra vai crescendo todos os dias, de maneira que suponho que, dentro de poucos meses ou semanas, não poderei fazê-la de nenhuma casta por fraqueza dos nervos que comunicam com o dedo polegar, que me falta com a pena onde ele quer; mas agora assim como posso lhe direi não dos costumes desta gente, pois já disse deles bastante ao Senhor Doutor que Deus haja, mas outra coisa mais importante para um homem de bom coração, e vem a ser o que ela diz dos nossos.

Vossa Mercê saiba que quanto mais me afasto de Portugal, em mais horrendo conceito acho estarem os portugueses em matéria de costumes. Chamam-nos aqui os homens mais bárbaros de todo o mundo, os mais odiandos, mais vingativos, mais desconfiados, mais cruéis, e enfim de quem se deve fugir como de uma nação de diabos, se a houvesse no mundo. (Antonio Da Costa, Cartas)

A ocorrência (92) apresenta a CCoG-3, na qual a construção com *saber* é mobilizada pelo falante como estratégia discursiva de introdução de tópico. A construção mantém sua função semântica de cognição e, ao mesmo tempo, projeta o conteúdo da oração completiva como informação nova que organiza o desenvolvimento do diálogo. No enunciado *Vossa Mercê saiba que quanto mais me afasto de Portugal, em mais horrendo conceito acho estarem os portugueses em matéria de costumes*, a construção *saiba que* atua como elemento de transição de tópico, deslocando o foco anterior da interação sobre a dificuldade do remetente da carta em escrever por conta de problemas de saúde para o relato quanto aos maus costumes dos portugueses.

Também com *saber* atuando como predicado de cognição, a Construção 4 tem o seguinte pareamento forma/função:

Construção 4 – CCoG-4

[X *saber* 2a.p. Pres. Ind. ou Imperativo afirmativo. que-Or.] ↔ [expressa um conhecimento como dado]

Esse padrão é representativo do uso de construções com *saber* em formas como *sabeis que...* ou *sabei que...*, em contextos nos quais o falante convoca o interlocutor a ativar um conhecimento que ele já detém (ou deveria deter). A marca fixa de segunda pessoa no predicado *saber* reforça o caráter interpelativo da construção, ou seja, o falante convoca diretamente o interlocutor a ativar um conhecimento que ele possui no momento da interação.

Nessa construção, o conteúdo da oração subordinada é apresentado como um dado pré-existente, não como novidade e, de modo geral, funciona como base para o desenvolvimento de um argumento subsequente. Além disso, a função cognitiva do verbo permanece ativa, mas articulada a uma estrutura que projeta o conhecimento como compartilhado, servindo à legitimação do que se segue, como em (93).

(93) Sancho: Minha Teresa , já sabereis , que vos diria o diabo , que estou feito Governador em corpo , e alma ; mas com me ver levantado do chão um côvado , não é razão , que o meu amor conjugal vos falte com o débito de minhas letras porque *vós bem sabeis, que quando no tabuleiro do gosto , escolho o trigo do vosso carinho , lanço fora a esvilhaca da ingratidão* ; pois joeirando as finezas , fica crivado o peito da correspondência.

Porém indo meu amor à atafona dos extremos , ali se desfazem em pó as carícias do coração ; e furtando-me o atafoneiro da distância as maquias da vossa vista , peneiram os meus olhos lágrimas; e com elas amassando a farinha da mágoa no alguidar da saudade , levam em crescimento o suspiro , até que tendendo-se na tábua dos rigores , vai para o forno das penas , e ali se coze com o fogo do desejo . (Peça *Vida do grande Dom Quixote De La Mancha, e do gordo Sancho Pança*, António José da Silva, séc. XVIII)

A Construção 5 envolve as formas *saiba que...* ou *sabe que...*, com o verbo *saber* sempre flexionado na segunda ou terceira pessoas do singular, no presente, seja do indicativo, seja do subjuntivo. Sua representação construcional é a seguinte:

Construção 5 - CCoG-5

[[*saber* 2ª p. Pres. Ind. ou Pres. Subj. que-Or.]] ↔ [expressa um conhecimento como novo/focal]]

Conforme revela a representação, esse padrão tem como seu aspecto funcional a focalização, com valor frequentemente enfático, do conteúdo presente na proposição completiva. O falante destaca a informação como algo digno de atenção, como mostrado na ocorrência em (94) a seguir.

(94) Esopo: Pior, eu não quero senão uma espada nova; e vem cá o senhor à feira com uma espada velha!
 Homem: Vá-se daí, que não entende de espadas. Aí tem rocas, vá comprá-las.
 Esopo: O homem não tem siso. (À parte) Pois fia você de mim que não entendo de espadas? Pois *saiba que meu pai foi um ferro velho, e, quando me gerou na bainha de minha mãe, nasci eu tão espadaúdo que cuidou a comadre que era eu um peixe-espada*. E, por final, com poucos dias de nascido, me punham à cabeceira uma espada nua por amor das bruxas. (Peça *Esopaida, Ou Vida De Esopo*, Antônio José Da Silva, séc. XVIII)

A construção *saiba que...* é empregada para destacar o conteúdo da oração completiva *meu pai foi um ferro velho* como informação para a qual o interlocutor deve dirigir sua máxima de atenção naquele momento. Seu efeito de sentido consiste em focalizar uma informação nova, indicando-a como relevante para a interação. Pode-se notar ainda que, com a construção, o falante orienta a atenção do interlocutor, conferindo, ao enunciado, um papel de destaque no discurso.

As construções que, por outro lado, funcionam como indicadoras de modalidade epistêmica de certeza, ou incerteza, aparecem nos dados em quatro padrões distintos. A primeira delas tem a seguinte representação:

Construção 6 – CMod-1

[(eu) *saber*_{1ª}. p. sing., pl./ Pres. Ind. afirm. que-Or.] ↔ [O falante avalia o conteúdo proposicional como certo]

A construção CMod-1 expressa um julgamento modal de certeza expresso pelo próprio falante. Trata-se de uma construção afirmativa, formulada, em nossos dados, exclusivamente na primeira pessoa, singular ou plural, e no presente do indicativo. O pronome *eu* pode ou não ser expresso, como ilustram as ocorrências em (95) e (96) a seguir.

(95) Dona Maria Porque é muito ao contrário. Bem que se amas ao infante, é gastar tempo baldado, porque *eu sei que me quer bem e eu deveras o amo*, e por que te deixe agora cuidar nisto mais d'espaco me vou, com tua licença, por te não dar mais enfado. (Peça *Contra si faz quem mal cuida*, Dom Leonardo Saraiva, séc XVII)

(96) Eu sou velho para pretender ao meu modo entrar numa que vagasse por acidente; nisso também não, porque algumas poucas que ali se acham, são de mui fraca esmola, e é claro que fora destas duas coisas eu não tinha no Porto para que apelar. *Sei que Vossa Mercê me poderia dizer que um clérigo só, sem vícios, e governado, como eu, passa com pouco*; é certo, Senhor Doutor, eu o via em muitos, experimentava em mim, muito contente da minha sorte; mas vai grande diferença de viver num estado pobre em que se pode dizer se nasceu, a tornar para ele de outro menos pobre; Senhor, por teu estado te pedimos: Polo amor do teu povo, com que fama, Polo com que *sabemos que nos amas*: Por mais vida, e mais honra de teu filho, Príncipe nosso: e por aquelle seu Fernando unico herdeiro, (Peça *Castro*, António Ferreira, séc. XVI)

Nas três ocorrências apresentadas, a classificação como CMod-1 se fundamenta na presença de *saber* em construções afirmativas, na primeira pessoa do singular ou plural e no presente do indicativo, as quais expressam uma avaliação de certeza emitida pelo próprio falante.

Na primeira ocorrência (*eu sei que me quer bem e eu deveras o amo*), nota-se que a certeza recai sobre o afeto atribuído ao interlocutor e, portanto, configura um posicionamento epistêmico, uma avaliação baseada no próprio conhecimento do falante.

Na segunda (*Sei que Vossa Mercê me poderia dizer que um clérigo só, sem vícios, e governado, como eu, passa com pouco*), a construção introduz uma proposição apresentada como certa a partir da perspectiva do falante, o qual se coloca também como fonte da informação.

Por fim, na terceira ocorrência (*sabemos que nos amas*), o uso na primeira pessoa do plural indica uma certeza, uma avaliação factual que é compartilhada pelo grupo ao qual pertence o falante.

Assim, ao empregar construções como *sei que...* ou *sabemos que...*, o falante, além de apresentar uma proposição, a qualifica como incontestável do seu ponto de vista, atribuindo-lhe um alto grau de certeza. A CMod-1, portanto, situa-se no domínio da modalidade epistêmica, funcionando como um marcador da convicção/certeza do falante sobre o conteúdo que enuncia.

A segunda construção em que o predicado matriz veicula uma avaliação epistêmica do falante no momento da interação tem a seguinte configuração:

Construção 7 – CMod-2

[*saber*_{neg} 1ª. p. sing./ Pres. Ind, neg se-Or. V_{1a. p. sing.}] ↔ [O falante avalia um conteúdo proposicional como incerto]

Diferentemente da construção CCog-2, que codifica a expressão de um desconhecimento do referente sujeito da oração matriz (*X não sabe se Y viajou*), a CMod-2 sinaliza um posicionamento epistêmico do falante frente a um conteúdo que ele considera duvidoso. A construção serve, assim, à expressão de uma avaliação subjetiva de incerteza/dúvida a respeito de um fato que envolve o próprio falante, o que fica marcado pela presença da primeira pessoa do singular também na oração encaixada. A ocorrência a seguir exemplifica a CMod-2:

(97) O papel está acabado, mas quero ver se lhe posso ensinar um remédio para se defender do maior rigor do frio que aí padecemos por nosso gosto: sala pequena, e não na entrada, defronte da porta, escada etc ; janelas de peitoril, ou uma ao menos; e as outras que nunca abram; em todas, vidraças dobradas bem ajustadas nos caixilhos; uma, onde nós as pomos, e outra à face de fora, segurada com os seus ferros na de dentro; e a de fora bem betumada na parece, ou ombreira, ao redor, por dentro, e por fora; e só um postigo dela quadrado, que levante para cima, se deve abrir para entrar o ar em caso de estar muito quente a casa, ou por Vossa Mercê ter usado de algum fogo demasiado, ou por-se o tempo ao sul.

Não sei se me expliquei, mas repito: o principal é das vidraças, bem encaixilhadas, e bem betumada a de fora. (Cartas, *Corpus Tycho Brahe*, séc XIX)

Na ocorrência em (97), a construção *não sei se me expliquei* exemplifica o padrão CMod-2, no qual a construção com *saber*, na primeira pessoa do singular do presente do indicativo, expressa um julgamento epistêmico de incerteza. Observa-se, também, que a avaliação recai sobre uma atitude do próprio falante, o que se reflete na marca de primeira pessoa do singular também na oração encaixada (*me expliquei*). Assim, a construção veicula uma avaliação subjetiva de incerteza quanto à proposição encaixada na oração completiva.

A terceira construção em que *saber* funciona como um modalizador epistêmico de certeza é a seguinte:

Construção 8 – CMod-3

[*saber* 1ª p. sing. Pres. Ind. que-Or.] ↔ [o falante avalia um conteúdo proposicional como certo e o introduz como um (sub)tópico discursivo]

A construção CMod-3, embora mantenha o valor modal epistêmico de certeza característico da CMod-1, também funciona de modo a introduzir um novo segmento no encadeamento textual. Ao empregar a forma *sei que...* nesse caso, o falante sinaliza ao interlocutor que introduzirá uma proposição cuja validade ele assume como certa e cujo conteúdo é para ser entendido como um novo tópico a ser desenvolvido na interação. É o que ilustra a ocorrência a seguir.

Tópico discursivo 1: descrição da cidade de Luanda

Tópico discursivo 2: colocação militar do falante em Luanda

(98) É autenticamente como a parte nova de Lisboa e o movimento tanto de pessoas como de veículos é intensíssimo. Parece-me estar mais em Lisboa que em Luanda. Tem todo o tipo de cidade europeia, embora tenha as suas particularidades africanas. Mas [N] *sei que estás ansiosa por saber a minha colocação*. Antes de desembarcarmos foi a bordo do barco um capitão do Quartel General que uma reunião conosco disse a cada um o seu destino. Graça a Deus tive sorte, sinceramente digo-te que tive sorte. Fui colocado aqui em Luanda, no Regimento de Infantaria no. [D]. Só me apresento lá na quarta-feira, pois hoje já era tarde e amanhã é feriado. Portanto só quarta-feira venho a saber pormenores da minha vida durante os dois anitos, mas para já estou satisfeito. (Cartas, *Corpus Tycho Brahe*, séc XIX)

No exemplo apresentado, a construção *sei que estás ansiosa por saber a minha colocação* combina o valor modal epistêmico de certeza com a introdução de um novo tópico. O falante inicia este trecho da carta comentando sobre a semelhança entre as cidades de Lisboa e Luanda, para, então, manifestar sua certeza quanto ao estado emocional do interlocutor (*estás ansiosa*) como ponto de partida para a introdução de um novo tópico, a explicação sobre sua recente colocação militar na cidade de Luanda.

Dessa forma, a construção atua tanto na afirmação da veracidade da proposição, quanto na organização da interação ao sinalizar que um novo tema será abordado.

O último tipo de construção desse grupo pode ser representado da seguinte forma:

Construção 9 – CMod-4

[eu *saber* 1ª p. sing. Pres. Ind. que-Or.] ↔ [o falante avalia um conteúdo proposicional como certo e o introduz como um fechamento/conclusão do tópico em andamento]

No caso da CMod-4, o padrão representa a construção em que o verbo *saber* é também mobilizado com dupla função: expressar certeza e marcar o conteúdo proposicional como um fechamento, um desfecho final e conclusivo do tópico que vinha sendo desenvolvido. A construção aparece, em nossos dados, uma única vez em uma carta pessoal como parte de seu encerramento, como mostra o exemplo a seguir.

(99) Beijai as mãos à senhora Ene pela mercê que me quis fazer, se aqui val a boa atenção. Lá vos dirá isto Ene , que es buldero. Ora, indo ao Paço, não deixeis de saber o que montam essas esperanças; que eu tenho por cifras que, não sendo por si nada, dão valor a quanto se lhes chega. Não sou ingrato, certo, e reconheço quanta ventura é receber alento ali mesmo donde os mais perdem o da vida. O tempo vai de sua vontade; e há quatro dias que aqui estamos encantados, que seria a causa de lá não verdes recado meu. De certo cuidava que meu compadre se nos bolvía gigote, retalhado em outra redoma, como segundo Marquês de Vilhena, e me deixara por cá êste rico tesouro. Essa foi a razão, não a preguiça, de parecer vagaroso. Já de ontem tenho lançado minha tenção. Ela vai a copiar a Ene. Bem creio que mais de quatro hão de dizer de mi mais das três mil leis; mas mais de três mil leis direi eu, porque os condeno e que os condenam. Julguei como o entendi. E se mal, peor julgou quem me julgou digno de fazer êste juizo. Mas *eu sei que, em vendo o papel, direis que vai tudo como Deus manda*. Ou Ene esteja, ou se haja ido, sempre vos encaminharei a vós os autos. A mi me encaminhe Deus com eles e vos guarde como desejo. De aqui, em 5 de Fevereiro, 1648. (Cartas, *Corpus Tycho Brahe*, séc XVII)

Na ocorrência em (99), *eu sei que, em vendo o papel, direis que vai tudo como Deus manda*, o falante, ao afirmar com convicção a reação que atribui ao interlocutor (*direis que vai tudo como Deus manda*), sinaliza o encerramento do segmento temático que vinha sendo desenvolvido, conferindo-lhe um caráter conclusivo. Desse modo, a

construção atua na validação da factualidade da proposição e na marcação do desfecho da carta e do tópico em desenvolvimento

Construção 10 – CRrep

[*saber* 1ª p. sing., pl., 3ª p. sing, 3ª p + se, Pret. Perf. Ind, Pres Ind . que-Or.] ↔ [O falante transmite um conteúdo cuja fonte é externa e/ou cuja factualidade é atribuída a terceiros]

A construção reportativa (CRrep) caracteriza um uso evidencial de *saber*, em que o conhecimento enunciado não provém diretamente da experiência do falante, mas lhe foi transmitido por outros. Nesse tipo de construção, o tempo verbal predominante é o pretérito perfeito do indicativo, e o sujeito pode aparecer na primeira pessoa (singular ou plural), na terceira pessoa do singular ou sob a forma 3ª. pessoa do singular + se, como na construção *sabe-se*. Ao empregar a construção CRrep, o enunciador se posiciona como elo na cadeia de transmissão de uma informação, mantendo certo distanciamento quanto à responsabilidade pela veracidade da proposição, assim como exemplificam as ocorrências em (100) e (101). A construção CRrep evidencia, portanto, uma atitude de não comprometimento total com a fonte da informação relatada, marcando o conhecimento veiculado na oração completiva como produto de um relato indireto.

(100) Caixeiro viajante: Venho pelo F. A. Brito & Cia. Não vê, meu amigo, que agora as viagens estão paradas? Cheguei do Alentejo há três dias, e hoje o patrão disse-me: "Ó Eliseu! Você, que não tem nada para fazer, por que não vai dar um passeio de trem? Vá se distrair um bocado. Olhe: vá ao enterro do Nicolau V. Santos." Foi assim que *soube que o homenzinho tinha morrido*. E de que morreu ele?

Caixeiro do defunto: Coisas que tinha lá por dentro. (Peça *O primo Isidoro*, André Brun, séc XIX)

(101) Já temos, pastor, chegado

Ao fim do nosso desejo.

Ó lugar santo e sagrado,

É possível que vos vejo,

Lugar bem-aventurado?

Vós, portal, sois de mais porte

Que os paços reais que há,

Porque *bem se sabe já*

Que aquele lugar é corte

Onde qualquer rei está.

Pois que corte será aquela
 Onde assiste o Rei do céu,
 Em companhia daquela
 Mãe e Virgem, pura e bela,
 Onde um Rei, que é Deus, nasceu? (Peça *Contra si faz quem mal cuida*, Dom
 Leonardo Saraiva, séc XVII)

Na primeira ocorrência, *foi assim que soube que o homenzinho tinha morrido*, a construção com *saber*, no pretérito perfeito do indicativo e na primeira pessoa do singular, remete a um conteúdo cuja origem está no relato do patrão, e não na observação direta do falante. Já na segunda, *porque bem se sabe já que aquele lugar é corte onde qualquer rei está*, a forma *sabe*, na terceira pessoa do singular do presente do indicativo, com 3ª pessoa + se, remete a um saber partilhado coletivamente, cujo acesso também não se dá de forma direta pelo falante.

A última construção identificada nos dados da pesquisa é a que tem aspecto formal mais fixo, não composicional, e mais específico (menos esquemático), no sentido de que não conta com *slots* abertos a ocorrência de outros itens, diferentes de *(eu) sei que*. A representação que propomos para essa construção é a seguinte:

Construção 11 – CMD

[(*eu*) *sei que* - Mov.] ↔ [organização de tópicos discursivos]

A construção de marcador discursivo (CMD) corresponde a um uso do verbo *saber* na primeira pessoa do singular, no presente do indicativo, empregado exclusivamente como recurso de estruturação textual. Ao contrário das construções cognitivas ou modais, nas quais *saber* codifica diretamente um estado de conhecimento ou avaliação epistêmica, aqui o verbo assume função metadiscursiva: serve para finalizar tópicos no fluxo do texto. O conteúdo da oração completiva, um Movimento, relaciona-se à função organizadora da construção como um todo. A CMD opera na gestão da progressão textual e na orientação do interlocutor em relação à interação em andamento.

Encontramos, nos dados, apenas este caso de finalização de tópico realizada pela CMD, como no seguinte exemplo já mostrado anteriormente:

(102) Outro dia. o diretor do colégio viu uma carteira tôda escrita com vários nomes de entorpecedentes, e como o responsável não se apresentou, êle resolveu suspender a sala tôda, porém estávamos em provas e êle não podia fazer isso. No 1o. dia ouvimos um tremendo "sermão" e ficamos de castigo. Agora, para não nos suspender, êle resolveu que os meninos paguem tôdas as carteiras. O dinheiro deveria ser levado até 3a. feira, coisa que não aconteceu, e então mandou-os para casa. *Só sei que os professôres deram aula sômente para as meninas, que são apenas 4.* Foi o máximo!!! (Carta, *Corpus Tycho Brahe*, séc XX)

No quadro a seguir, sistematizamos os padrões construcionais identificados nesta pesquisa e descritos nesta seção.

Quadro 2: Padrões das construções com *saber*

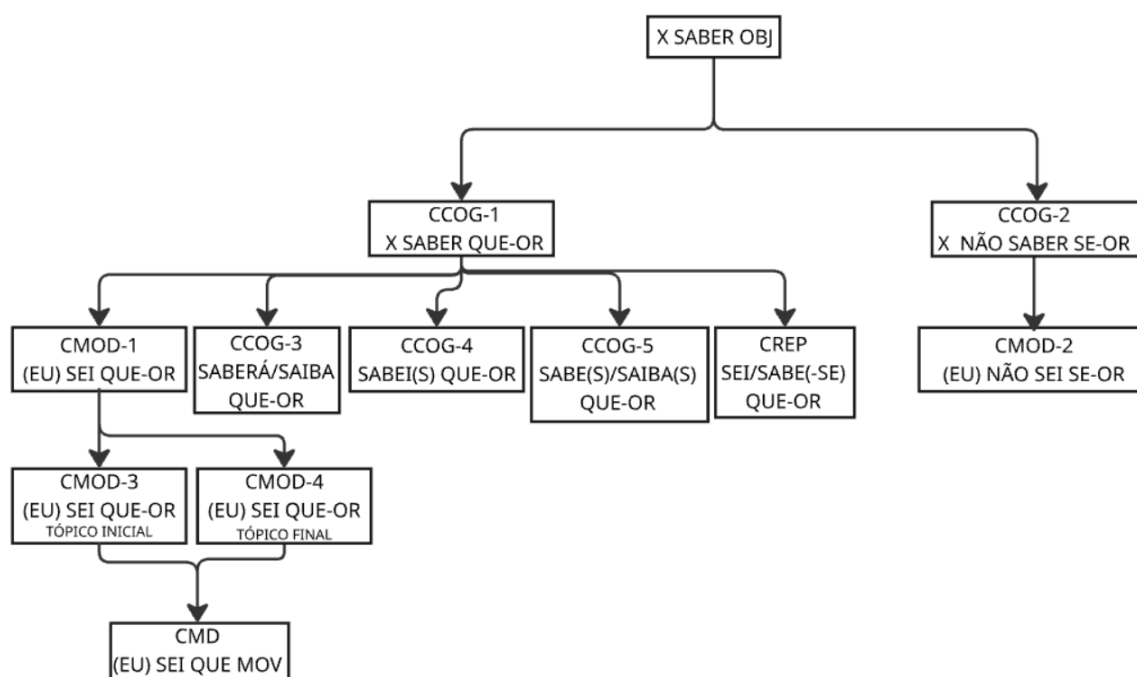
Abreviação	Padrão formal	Valor semântico-funcional de <i>saber</i> ou da construção que integra	Função pragmático-discursiva da construção
CCog-1	[X <i>saber</i> que-Or.]	Cognição	Expressar conhecimento
CCog-2	[X <i>saber</i> Neg. se-Or.]	Cognição	Expressar desconhecimento
CCog-3	[X 2ª p. sing. Pres. Sub. e Fut pres Ind. que-Or.]	Cognição	Introdução de tópico
CCog-4	[<i>saber</i> 2ª p. pl. Pres. Ind. ou Imperativo afirmativo que-Or.]	Cognição	Introdução de informação tida como dada
CCog-5	[X <i>saber</i> 2ª p. Pres. Ind. ou Pres. Subj. que-Or.]	Cognição	Focalização de uma informação
CMod-1	[(eu) <i>saber</i> 1ª p. sing./pl. Pres. Ind. afirm. que-Or.]	Modal epistêmico de certeza	Avaliação de certeza sobre uma proposição
CMod-2	[(eu) <i>saber</i> Neg 1ª p. sing. Pres. Ind. se-Or.]	Modal epistêmico de incerteza	Avaliação de incerteza sobre uma proposição
CMod-3	[<i>saber</i> 1ª p. sing. Pres. Ind. que-Or.]	Modal epistêmico de certeza	Introdução de novo tópico com marca de certeza
CMod-4	[eu <i>saber</i> 1ª p. sing. Pres. Ind. que-Or.]	Modal epistêmico de certeza	Finalização de tópico com marca de certeza
CRep	[<i>saber</i> 1ª p. sing., pl., 3ª p. sing. 3ª pessoa + se, Pret. Perf. Ind, Pres Ind . que-Or.]	Evidencial reportativo	Transmissão de conteúdo cuja fonte é externa
CMD	[X <i>saber</i> que-Or.]	Marcador discursivo	Organização tópica (encerramento)

Fonte: autoria própria

A partir das propriedades identificadas nos padrões descritos, propõe-se, a seguir, a organização hierárquica das construções, cuja configuração se busca validar

diacronicamente. A representação poderia corresponder ao nó das completivas finitas com predicados de cognição na rede construcional do português, cujo esquema mais abstrato seria [(X) Verbo de Cognição ORAÇÃO], no âmbito do nó das construções transitivas. A hierarquia aqui proposta fundamenta-se no compartilhamento de propriedades funcionais entre os subsquemas. As relações estabelecidas partem da função de indicar conhecimento, própria da construção mais antiga com *saber*+ complemento em português, a partir da qual se teriam desenvolvido os diferentes valores funcionais identificados.

Figura 4: Esquemas e subsquemas com *saber*



Fonte: autoria própria

No nível mais alto da representação, introduzimos o esquema geral (*x saber obj*), que é o mais abstrato e, portanto, o mais esquemático, abrangendo todas as possibilidades de uso da construção, inclusive com complementos não oracionais, omitidos do esquema por questões de enfoque e clareza.

No nível intermediário, a rede organiza-se em dois subsquemas com maior especificação formal: CCOg-1 (*x saber que-or*) e CCOg-2 (*x não saber se-or*). Nesse ponto, podemos delimitar o tipo de complemento oracional a partir da conjunção integrante (*que* ou *se*), o que implica distinções nas propriedades funcionais associadas a cada padrão.

Em um nível abaixo, a partir de CCog-2 (*x não saber se-or*), estabelece-se o subesquema CMod-2 (*(eu) não sei se-or*), que preserva a base formal negativa e delimita a ocorrência à primeira pessoa do singular, com maior fixação quanto à forma verbal e à pessoa gramatical, mantendo, contudo, a estrutura herdada do esquema mais abstrato.

Ainda nesse mesmo nível, a partir de CCog-1 (*x saber que-or*), configuram-se os subesquemas CMod-1 (*(eu) sei que-or*), CCog-3 (*saberei/saiba que-or*), CCog-4 (*sabei(s) que-or*), CCog-5 (*sabe(s)/saiba(s) que-or*) e CRep (*sei/sabe(-se) que-or*). Esses subesquemas preservam a estrutura formal do esquema superior, mas apresentam maior fixação quanto à pessoa gramatical, ao tempo verbal ou ao valor funcional da construção. No interior desse conjunto, consideramos que, a partir da CMod-1, emergem as construções CMod-3 e CMod-4, ambas formalmente configuradas como *(eu) sei que-or*, diferenciando-se quanto à posição tópica em que operam: CMod-3 atua na introdução de tópico e CMod-4 na finalização de tópico.

Por fim, a partir de CMod-3 e CMod-4, configura-se a CMD (*(eu) sei que mov*), que representa o nível de menor esquematicidade entre todos os padrões construcionais. Seu baixo grau de esquematicidade decorre da fixação da primeira pessoa do singular, da estabilização do presente do indicativo, da integração do complementizador *que* à construção e da restrição quanto à unidade escopada, que deixa de corresponder à uma proposição e passa a configurar um movimento.

Na seção seguinte, descreveremos os resultados relativos à produtividade dessas construções nos textos representativos do português no período compreendido entre os séculos XVI e XX, com o intuito de verificar, ao longo do tempo, tendências de expansão, retração ou estabilização de uso de cada uma das construções. Buscamos, ainda, examinar se a organização hierárquica proposta encontra correspondência na trajetória diacrônica das construções.

No capítulo 5, esses resultados são analisados com o intuito de identificar possíveis processos de construcionalização ou de mudanças construcionais das formas em estudo nesta pesquisa.

5. ANÁLISE DIACRÔNICA DAS CONSTRUÇÕES COM *SABER* NOS PERÍODOS MODERNO E CONTEMPORÂNEO DO PORTUGUÊS

Com base na frequência das propriedades morfossintáticas das construções com *saber*, definimos os padrões construcionais identificados nesta pesquisa, conforme descritos no capítulo anterior. O comportamento desses padrões ao longo dos séculos é detalhado neste capítulo, destinado à análise das mudanças por que passam as construções nos períodos moderno e contemporâneo do português.

5.1 PRODUTIVIDADE GERAL DAS CONSTRUÇÕES AO LONGO DOS SÉCULOS

A partir da análise quantitativa das ocorrências, nos textos de diferentes sincronias investigados, buscamos apresentar, nesta seção, um panorama geral da produtividade das construções com o verbo *saber* ao longo do tempo em termos da frequência *token* das construções. São analisados os onze tipos de padrões construcionais apresentados, a fim de observar quais deles mantêm estabilidade e quais demonstram indícios de mudança (redução de frequência, ou aumento e consolidação de padrões), ao longo dos períodos do português investigados.

Na tabela a seguir, mostramos a produtividade das construções com *saber* nos diferentes períodos analisados.

Tabela 3 – Produtividade das construções com *saber* ao longo dos séculos

Período Subesquema	Século XVI	Século XVII	Século XVIII	Século XIX	Século XX	Total
CCog-1	5 (16.1%)	45 (46.4%)	32 (32%)	43 (37.1%)	25 (18.4%)	150 (31.2%)
CCog-2	9 (29%)	17 (17.5%)	16 (16%)	18 (15.5%)	33 (24.3%)	93 (19.4%)
CCog-3	-	-	11 (11%)	4 (3.4%)	10 (7.4%)	25 (5.2%)
CCog-4	8 (25.8%)	4 (4.1%)	3 (3%)	10 (8.6%)	16 (11.8%)	41 (8.5%)
CCog-5	-	6 (6.2%)	14 (14%)	3 (2.6%)	3 (2.2%)	26 (5.4%)
CMod-1	5 (16.1%)	14 (14.4%)	11 (11%)	11 (9.5%)	22 (16.2%)	63 (13.1%)
CMod-2	3 (9.7%)	2 (2.1%)	7 (7%)	10 (8.6%)	13 (9.6%)	35 (7.3%)
CMod-3	-	1 (1%)	1 (1%)	-	1 (0.7%)	3 (0.6%)
CMod-4	-	1 (1%)	-	-	-	1 (0.2%)
CRep	1 (3.2%)	5 (5.2%)	5 (5%)	17 (14.7%)	10 (7.4%)	38 (7,9%)
CMD	-	-	-	-	3 (2.2%)	3 (0.6%)
Total	31	97	100	116	136	480 (100%)

Fonte: autoria própria

As quatro primeiras construções na tabela representam ocorrências em que *saber* opera na expressão de um conhecimento, seja ele afirmado, negado, pressuposto ou reativado. Embora compartilhem um valor de base cognitiva, têm padrões distintos e, conforme os dados na tabela, comportamentos variáveis de produtividade e estabilidade ao longo dos séculos XVI a XX.

A CCog-1, com 31,2% das ocorrências do *corpus*, apresenta uma grande expansão a partir do século XVI, mantendo produtividade elevada nos demais séculos. Sua trajetória, seu alto grau de composicionalidade e sua estabilidade de uso ao longo da diacronia estudada sugerem consolidação como forma prototípica de expressar a posse de conhecimento.

Com 19,4%, a CCog-2 caracteriza-se pela negação do verbo *saber* seguida da conjunção *se*, codificando o desconhecimento do falante frente a um conteúdo hipotético. O crescimento no século XX indica que o subesquema se estabilizou como estratégia preferencial para a negação de conhecimento, preservando sua relevância no contexto em questão.

A CCog-3, cuja função é a de apresentar um conhecimento e, ao mesmo tempo, introduzir um (sub)tópico, representa 5,2% do total de ocorrências e é registrada apenas a partir do século XVIII, com maior incidência nesse período (11 ocorrências) e no século XX (10 ocorrências). A produtividade dessa construção no último período, praticamente idêntica àquela registrada no primeiro período em que a construção aparece, indica um caminho de estabilidade e fixação da CCog-3 em português.

A CCog-4, por sua vez, que perfaz 8,5% das ocorrências no *corpus*, é a que serve para introduzir informações tidas como conhecidas pelo interlocutor (marcado pela 2ª. pessoa do plural em *saber*). A construção aparece já em textos do primeiro período investigado com oito ocorrências, e apresenta queda de frequência nos séculos XVII e XVIII, porém sua produtividade volta a crescer no século XIX, com dez ocorrências, e aumenta efetivamente no século XX, em que aparece com o dobro de ocorrências do primeiro século analisado. Sua presença desde o século XVI e a relativa estabilidade observada ao longo dos períodos sugerem que a CCog-4 se consolida, ao longo dos períodos, como forma de introduzir um conhecimento partilhado entre os participantes do discurso.

Por fim, com 5,4% do total de dados, a CCog-5 atua como um mecanismo de focalização, destacando conteúdos por meio das formas *sabe que* ou *saiba que*. A construção aparece nos dados a partir do século XVII e atinge seu máximo de ocorrências no século XVIII. Embora a CCog-5 tenha tido certa diminuição de produtividade nos séculos XIX e XX, não podemos afirmar que seja uma substituição do subesquema por outras estratégias de focalização/ênfase. Trata-se, possivelmente, de uma flutuação de uso condicionada por contextos mais específicos, não sendo possível estabelecer conclusões categóricas sobre sua diminuição com base apenas nesse dado.

As construções modais observadas no *corpus* evidenciam o emprego de *saber* como operador de atitude epistêmica, restrito à primeira pessoa e, em sua maioria, associado ao presente do indicativo, conforme demonstrado na seção 3.3 deste capítulo. Embora compartilhem o mesmo valor modal, os diferentes padrões desse tipo construcional com *saber* apresentam trajetórias diferenciadas de desenvolvimento e especialização funcional ao longo dos séculos, o que permite identificar tendências distintas em seu comportamento.

No caso da CMod-1, representada por 13,1% do total de ocorrências, observa-se uma distribuição relativamente equilibrada entre os períodos (5, 14, 11 e 11 ocorrências, dos séculos XVI ao XIX, respectivamente), mas com um crescimento mais expressivo

de ocorrência no século XX (22 ocorrências). Esse comportamento sugere que a construção tenha se consolidado, no último período, como forma de expressar convicção e comprometimento do falante com a proposição, ou seja, como um marcador epistêmico afirmativo.

A CMod-2, por sua vez, com 7,3% de ocorrências, manifesta o valor de incerteza e apresenta expansão gradual a partir do século XIX. Inicialmente, nos séculos XVI e XVII, registram-se apenas três e duas ocorrências da construção, respectivamente; contudo, a partir do século XVII, sua frequência vai aumentando até chegar a treze ocorrências no século XX. Esse aumento de produtividade indica que o subesquema também se estabiliza, como forma de avaliação epistêmica de dúvida do falante.

Já as CMod-3 e CMod-4, respectivamente com 0,6% e 0,2% de ocorrências, configuram usos pontuais de *saber* modal que, ao mesmo tempo, funcionam como iniciadores de (sub)tópico. A CMod-3 aparece somente com uma ocorrência nos séculos XVII, XVIII e XX. A CMod-4, por sua vez, revela uma frequência ainda menor: uma única ocorrência no século XVII. Apesar da baixa produtividade, o reaparecimento da CMod-3 no século XX permite considerar que seu comportamento se mantém estável, sendo pouco empregado nos textos analisados.

No que diz respeito às construções evidenciais, a CRep, que representa 7,9% do total de ocorrências, manifesta um crescimento significativo de ocorrência do século XVIII para o século XX. A construção passa de apenas uma ocorrência no século XVI para cinco ocorrências nos séculos XVII e XVIII, atingindo sua frequência máxima no *corpus* com dezessete ocorrências no século XIX e, finalmente, aparecendo em dez casos no século XX. Nota-se que, a partir do século XIX, período em que atinge 44,7% de sua produtividade total (17 ocorrências do total de 38), a CRep mantém-se estável no século seguinte. Esse comportamento parece evidenciar o início de uma trajetória de convencionalização deste padrão da construção com a função de atribuir a terceiros a origem da informação veiculada no complemento oracional e que é pressuposta como factual, mitigando a responsabilidade do falante em relação à veracidade da informação transmitida.

Por sua vez, a construção que atua como marcador discursivo, responsável por apenas 0,6% do total de dados, registra-se exclusivamente no século XX, sem ocorrência em períodos anteriores nos dados da pesquisa. Além disso, ainda que compartilhe semelhança formal com construções cognitivas ou modais, a CMD (*eu*) *sei*

que, conforme demonstrado anteriormente, não veicula um estado de conhecimento nem uma avaliação epistêmica por parte do falante. Seu funcionamento está diretamente ligado à estruturação do texto, como marcador de segmentação tópica, especificamente, em nossos dados, de encerramento de um (sub)tópico.

Ao observar a estrutura da CMD, sob a forma (*eu sei que*), defendemos que, ainda que pouco consolidada nos dados da pesquisa, a construção tenha passado pelo processo de *chunking* (BYBEE, 2010), pelo qual sequências frequentes passam a ser armazenadas como unidades fixas no repertório linguístico dos falantes. No caso em questão, (*eu sei que*) teria sido reanalisado como um marcador discursivo, deixando de ser interpretado de forma composicional, para ser entendido como um elemento com função procedural na organização discursiva, marcando o encerramento de um tópico em andamento na interação. Assim, também defendemos que, embora ainda pouco produtiva, a CMD exemplifica um deslocamento funcional de *saber*, que, nos dados analisados, passa a atuar na gestão da progressão tópica do texto, ampliando seu papel para além dos domínios cognitivo e epistêmico.

Em termos gerais, a análise da produtividade dos subesquemas ao longo dos séculos evidencia, de um lado, a estabilidade de determinados padrões e, de outro, o surgimento de usos inovadores para as construções com *saber*. A consolidação gradual de subesquemas como a CCog-1 e a CMod-1 evidencia seu estatuto como construções recorrentes no repertório dos falantes e funcionalmente estabilizadas para a expressão de conhecimento e certeza no século XX. Paralelamente, a produtividade crescente de construções como a CCog-2, a CMod-2 e a CRep a partir do século XIX revela um aumento e fixação no uso das construções com *saber* voltadas à indicação de desconhecimento, incerteza, ou à atribuição da informação a uma fonte externa. Nesse sentido, as mudanças observadas apontam para um aumento de produtividade e fixação dos subesquemas ao longo dos períodos investigados.

Por outro lado, subesquemas como a CCog-5 e a CMod-4 exibem distribuição reduzida e trajetória estável ou descendente, o que sugere possível tendência ao desuso, ou à especialização funcional restrita a contextos específicos, o que não se pode atestar nesta pesquisa em razão do baixo número de ocorrências desses subesquemas. Devido à sua baixa produtividade, pode-se considerar que essas construções tendem a ocupar posições periféricas na rede cognitiva de *saber*, permanecendo à margem dos padrões mais estáveis e recorrentes em português.

Finalmente, o subesquema CMD, de natureza metadiscursiva e registrado exclusivamente no século XX, representa um deslocamento funcional relevante, ao passo que se relaciona à organização textual, e indica, como construção fixa e pouco esquemática, ter passado por um processo de neoanálise de suas fronteiras, sendo reinterpretado como um só *chunking*, sob a forma (*eu*) *sei que*, que opera sobre toda uma porção textual, equivalente a um Movimento, e não mais como predicado matriz de uma oração completiva.

Os resultados apresentados na subseção 1 deste capítulo de análise permitem, em primeiro lugar, delinear as principais características formais, funcionais e de frequência das construções com *saber* ao longo dos séculos, evidenciando regularidades morfossintáticas, variações de pessoa gramatical e tempo-modo e padrões de construções com *saber*. A análise da produtividade desses padrões ao longo dos períodos investigados permite reconhecer tendências de distribuição, fixação e especialização, as quais, por sua vez, oferecem indícios de possíveis processos de mudança linguística das construções. Com base nesses resultados, passamos a examinar de forma mais aprofundada, na seção seguinte, as mudanças verificadas, buscando avaliar em que medida a trajetória dos subesquemas analisados é indicativa de mudanças construcionais e, em quais casos é possível caracterizar as mudanças como processos de construcionalização.

5.2 ESQUEMATICIDADE, COMPOSICIONALIDADE E PRODUTIVIDADE DAS CONSTRUÇÕES NA DIACRONIA

A partir dos padrões construcionais apresentados anteriormente, desenvolve-se, nesta subseção, uma análise detalhada de possíveis mudanças, em termos de produtividade, esquematicidade e composicionalidade, por que passam as construções em estudo ao longo dos períodos do português investigados.

Para a análise da esquematicidade, verifica-se especificamente o comportamento das construções em relação aos diferentes fatores morfossintáticos e funcionais eleitos para a investigação, conforme demonstrado no capítulo voltado à descrição dos procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa.

Para a análise da composicionalidade, observa-se o significado de cada uma das construções em estudo, a partir das funções semânticas que cumprem, bem como do grau de transparência e de proximidade que exibem em relação ao significado da

construção mais básica, a CCog-1, em que *saber* expressa o conhecimento de um referente do sujeito.

5.2.1 CONSTRUÇÕES DE COGNIÇÃO

CCog-1

[*X saber que-Or.*] ↔ [X tem conhecimento de um conteúdo proposicional]

Em relação aos fatores analisados, pode-se afirmar que a CCog-1 percorre uma trajetória diacrônica que combina ampliação inicial de contextos de uso e estabilidade posterior.

Conforme revelam os dados na tabela 4, em relação à pessoa gramatical, a construção restringia-se, no século XVI, à 1ª. e à 2ª. pessoas do singular. Já nos séculos XVII e XVIII, o quadro se diversifica, com registros da 1ª. pessoa do plural, da 3ª. do singular e plural. A partir dos séculos XIX e XX, contudo, esse leque se contrai, porém há o aparecimento da 3ª pessoa do singular + se (referido nesta pesquisa como *sujeito oracional*) e a 1ª. pessoa do singular se mantém predominante em todos os séculos.

Tabela 4 – Pessoa gramatical na CCog-1

Período	Séc.	Séc.	Séc.	Séc.	Séc.	TOTAL
P. gram.	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	
1ª p. pl.	-	4 (8.5%)	1 (2.1%)	1 (2.3%)	4 (12.1%)	10 (5.7%)
1ª p. sing.	3 (60%)	33 (70.2%)	30 (63.8%)	26 (60.5%)	18 (54.5%)	110 (62.9%)
2ª p. pl.	-	-	4 (8.5%)	4 (9.3%)	-	8 (4.6%)
2ª p. sing.	2 (40%)	7 (14.9%)	8 (17%)	7 (16.3%)	5 (15.2%)	29 (16.6%)
3ª p. pl.	-	2 (4.3%)	2 (4.3%)	1 (2.3%)	1 (3%)	6 (3.4%)
3ª p. sing.	-	1 (2.1%)	2 (4.3%)	3 (7%)	5 (15.2%)	11 (6.3%)
Oracional	-	-	-	1 (2.3%)	-	1 (0.6%)
TOTAL	5	47	47	43	33	175 (100%)

No tocante ao preenchimento do sujeito, conforme se observa a partir dos dados na tabela 5, entre os séculos XVI e XVIII prevalece a forma de sujeito não preenchido, em cerca de 80% das ocorrências. No século XIX, entretanto, embora ainda prevaleça a forma de sujeito não preenchido, cresce o número de sujeitos explícitos (27,9%), tendência confirmada no XX, quando mais de um terço dos casos apresenta a posição de

sujeito preenchida. O comportamento em relação a esse fator, no entanto, parece mais relacionado à variação no preenchimento de sujeito em português, com uma tendência ao aumento de sujeitos preenchidos, do que propriamente a mudanças no esquema da CCog-1.

Tabela 5 – Preenchimento da posição de sujeito na CCog-1

Período Preench. Suj	Séc. XVI	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	TOTAL
Não preenchido	4 (80%)	37 (78.7%))	37 (78.7%)	31 (72.1%)	21 (63.6%)	130 (74.3%)
Preenchido	1 (20%)	10 (21.3%))	10 (21.3%)	12 (27.9%)	12 (36.4%)	45 (25.7%)
TOTAL	5	47	47	43	33	175 (100%)

De acordo com os dados da Tabela 5, no que se refere à pessoa marcada no complemento oracional da CCog-1, observa-se que, no século XVI, a construção apresenta baixa fixação, com distribuição entre a segunda pessoa do singular, a segunda pessoa do plural e a terceira pessoa do singular. No século XVII, há aumento das ocorrências e fixação da terceira pessoa do singular com maior frequência na oração completiva. Nos séculos XVIII, XIX e XX, o padrão da 3ª pessoa se mantém, embora podemos notar uma maior variabilidade de sujeitos a partir da incorporação mais frequente da primeira e da segunda pessoa do singular. O percurso da CCog-1 sugere que a construção admite variabilidade nos períodos iniciais, mas apresenta, nos séculos mais recentes, tendência à especialização quanto ao tipo de sujeito escopado, a 3ª pessoa do singular.

Tabela 6 – Pessoa gramatical escopada pela CCoG-1

Período P. gram.	Séc. XVI	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	TOTAL
1ª p. pl.	-	-	1 (2.1%)	-	1 (3%)	2 (1.1%)
1ª p. sing.	-	6 (12.8%)	9 (19.1%)	6 (14%)	8 (24.2%)	29 (16.6%)
2ª p. pl.	1 (20%)	4 (8.5%)	1 (2.1%)	1 (2.3%)	-	7 (4%)
2ª p. sing.	2 (40%)	2 (4.3%)	7 (14.9%)	13 (30.2%)	4 (12.1%)	28 (16%)
3ª p. pl.	-	8 (17%)	5 (10.6%)	1 (2.3%)	1 (3%)	15 (8.6%)
3ª p. sing.	2 (40%)	25 (53.2%)	22 (46.8%)	21 (48.8%)	19 (57.6%)	89 (50.9%)
S/ sujeito	-	2 (4.3%)	2 (4.3%)	1 (2.3%)	-	5 (2.5%)
TOTAL	5	47	47	43	33	175 (100%)

O fator de tempo e modo verbal revela trajetória semelhante. No século XVI, a construção ocorre, pontualmente, no futuro do indicativo e, assim como nos demais séculos, no presente do indicativo. Nos séculos XVII e XVIII, observamos ocorrências em diferentes tempos do indicativo, no subjuntivo e no imperativo, sendo, ainda assim, o presente do indicativo o tempo mais frequente. Nos séculos XIX e XX, a variedade de tempos verbais diminui, enquanto o uso do presente do indicativo se mantém fixo e ultrapassa 80% das ocorrências no século XX. A trajetória da CCoG-1 indica que, mesmo com certa flexibilidade de tempo e modo verbal em determinados períodos, o presente do indicativo constitui um fator marcado na construção. Sendo assim, o falante tende a ancorar seu conhecimento no momento da interação. Os dados estão na tabela 7 a seguir.

Tabela 7 – Tempo-modo verbal na CCOg-1

Período	Séc. XVI	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	TOTAL
Tempo-modo						
Imp.Afirm.	-	-	-	3 (7%)	-	3 (1.7%)
Ind. Fut. Presente	1 (20%)	3 (6.4%)	1 (2.1%)	1 (2.3%)	-	6 (3.4%)
Ind. Mais-que-perf.	-	1 (2.1%)	-	-	-	1 (0.6%)
Ind. Presente	4 (80%)	40 (85.1%)	36 (76.6%)	32 (74.4%)	27 (81.8%)	139 (79.5%)
Ind. Pret. Imperf.	-	3 (6.4%)	4 (8.5%)	4 (9.3%)	3 (9.1%)	14 (8%)
Ind. Pret. Perf.	-	-	-	1 (2.3%)	2 (6.1%)	3 (1.7%)
Subj. Futuro	-	-	1 (2.1%)	-	-	1 (0.6%)
Subj. Pret. Imperf.	-	-	5 (10.6%)	2 (4.7%)	1 (3%)	8 (4.5%)
TOTAL	5	47	47	43	33	175 (100%)

Em relação à correferencialidade, a configuração da CCOg-1 se estabiliza quase exclusivamente em sujeitos diferentes, mantendo-se uniforme até o século XX. A predominância quase absoluta de sujeitos diferentes ao longo de todos os períodos indica um alto grau de estabilização funcional da CCOg-1. Desde o século XVI, pode-se ver uma preferência já estabelecida em que o falante utiliza a construção com sujeitos distintos na oração matriz e na completiva, sugerindo que ele apresente, na maioria dos casos, uma proposição relacionada a terceiros. Os dados estão na tabela 8.

Tabela 8 – Correferencialidade do sujeito na CCOg-1

Período	Séc. XVI	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	TOTAL
Correferenc.						
Mesmo sujeito	-	5 (10.6%)	6 (12.8%)	-	3 (9.1%)	14 (8%)
Sujeitos dif.	5 (100%)	42 (89.4%)	41 (87.2%)	43 (100%)	30 (90.9%)	157 (89.7%)
TOTAL	5	47	47	43	33	175 (100%)

Por outro lado, os fatores relativos à unidade funcional, força ilocucionária frasal e os recursos formais-discursivos atuantes junto à construção não apresentam alteração de distribuição significativa ao longo dos períodos.

A unidade funcional mostra-se estável, uma vez que, ao longo de todos os séculos, o escopo da construção recai exclusivamente sobre proposições, sem deslocamentos para outras unidades semântico-funcionais.

A força ilocucionária, por sua vez, possui bastante variação nos diferentes períodos. Contudo, a força ilocucionária mais utilizada é a declarativa afirmativa, que se mantém presente em todos os séculos analisados e, também, apresenta a maior frequência, 77,7% das ocorrências. Nota-se, ainda, que as demais forças ilocucionárias aparecem pontualmente nos dados com menor frequência de uso conforme se observa na tabela 9.

Tabela 9 – Força ilocucionária na CCoG-1

Período	Séc XVI	Séc XVII	Séc XVIII	Séc XIX	Séc XX	Total
F. ilocucionária						
Decl.afirmativa	4 (80%)	43 (91,5%)	43 (91,5%)	17 (39,5%)	29 (87,9%)	136 (77,7%)
Decl.negativa	-	3 (6,4%)	4 (8,5%)	18 (41,9%)	2 (6,1%)	27 (15,4%)
Inter.afirmativa	-	1 (2,1%)	-	7 (16,3%)	-	8 (4,6%)
Decl. exclamativa	1 (20%)	-	-	-	2 (6,1%)	3 (1,7%)
Inter.negativa	-	-	-	1 (2,3%)	-	1 (0,6%)
TOTAL	5	47	47	43	33	175

Já os recursos formais-discursivos, como *bem*, *já*, orações explicativas ou construções paralelas, aparecem de maneira esparsa e residual, sem relevância para o padrão estrutural da construção em foco.

Tabela 10 – Recursos Formais-Discursivos na CCog-1

Período	Séc XVI	Séc XVII	Séc XVIII	Séc XIX	Séc XX	Total
Recursos f-disc.						
Não	-	-	-	-	-	-
Bem	-	4 (21.1%)	4 (36.4%)	2 (16.7%)	-	10 (20,8%)
Exclamativa	1 (50%)	-	-	-	-	1(2,1%)
Clivagem	1 (50%)	-	-	-	-	1 (2,1%)
Já	-	2 (10.5%)		3 (25%)	2 (50%)	7 (14,6%)
Justificativa	-	5 (26.3%)	2 (18.2%)	4 (33.3%)	-	11 (22,9%)
De Certo	-	3 (15.8%)	-	-	-	3 (6,3%)
C. Paralelas	-	2 (10.5%)	5 (45.5%)	2 (16.7%)	2 (50%)	11 (22,9%)
Também	-	3 (15.8%)	-	1 (8.3%)	-	4 (8,3%)
Total	2	19	11	12	4	48

No que se refere ao gênero discursivo, a CCog-1 distribui-se entre cartas e peças ao longo de quase toda a diacronia. Os únicos séculos que tiveram apenas um tipo de gênero discursivo foram o século XVI, com somente peças teatrais (possivelmente pela dificuldade em encontrar material de um período mais remoto), e o século XVII que conta apenas com cartas pessoais. Nos demais séculos, o padrão de alternância entre os gêneros discursivos mostra que não houve especialização de uso a um dos gêneros, já que a construção circula em ambos com relativa constância.

Tabela 11 – Gênero discursivo na CCog-1

Período	Séc XVI	Séc XVII	Séc XVIII	Séc XIX	Séc XX	Total
Gênero disc.						
Carta	-	26 (100%)	28 (65.1%)	14 (32.6%)	16 (64%)	84 (59,2%)
Peça	5 (100%)	-	15 (34.9%)	29 (67.4%)	9 (36%)	58 (40,8%)
Total	5	26	43	43	25	142

Quanto à variedade do português (brasileira ou europeia), as ocorrências de CCog-1 são encontradas somente no português europeu nos séculos XVI e XVII e, posteriormente, nas duas variedades ao longo dos demais períodos investigados.

Tabela 12 – Variedade do português na CCog-1

Período	Séc XVI	Séc XVII	Séc XVIII	Séc XIX	Séc XX	Total
Europeu	5 (100%)	26 (100%)	32 (74.4%)	2 (4.7%)	10 (40%)	75 (52,8%)
Brasileiro	-	-	12 (27.9%)	41 (95.3%)	15 (60%)	67 (47,2%)
Total	5	26	43	43	25	142

Tomados em conjunto, os resultados sugerem que a CCog-1 apresenta elevado grau de esquematicidade, ainda que não de modo uniforme ao longo de todos os períodos estudados, por conta da ampla variação dos fatores morfossintáticos observados em seu padrão construcional. Em termos funcionais, os dados também não indicam qualquer especificação da construção, uma vez que não se observam restrições de uso dos gêneros discursivos ou das variedades do português analisadas. Do mesmo modo, observa-se **alta composicionalidade** em relação à construção, visto que seu significado de transmitir um conhecimento pertencente a um referente sujeito está diretamente ligado ao significado básico de *saber* como verbo de cognição.

CCog-2

[X *saber*_{Neg.} se-Or.] ↔ [X não tem conhecimento de um conteúdo proposicional]

A pessoa gramatical marcada na CCog-2 apresenta forte estabilidade ao longo dos séculos. Desde o século XVI, a construção ocorre quase exclusivamente na primeira pessoa do singular, que responde por mais de 90% das ocorrências em todos os períodos. Há registros pontuais da primeira pessoa do plural (séculos XVII e XX), da terceira pessoa do singular (século XVII) e da segunda pessoa do plural (século XVIII), mas sempre em frequências residuais. Diferentemente da CCog-1, portanto, a

distribuição aqui aponta para um quadro de fixação crescente da CCog-2 na primeira pessoa do singular, desde o primeiro período analisado. Os dados relativos a este fator se encontram na tabela 13.

Tabela 13 – Pessoa gramatical na CCog-2

Período	Séc. XVI	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	TOTAL
P. gram.						
1ª p. sing.	9 (100%)	15 (88.2%)	15 (93.8%)	18 (100%)	31 (93.9%)	88 (94.6%)
1ª p. pl.	-	1 (5.9%)	-	-	2 (6.1%)	3 (3.2%)
2ª p. sing.	-	-	-	-	-	-
2ª p. pl.	-	-	1 (6.2%)	-	-	1 (1.1%)
3ª p. sing.	-	1 (5.9%)	-	-	-	1 (1.1%)
TOTAL	9	17	16	18	33	93 (100%)

O preenchimento do sujeito também se mostra estável nas ocorrências de CCog-2. Conforme se observa a partir dos dados na tabela a seguir, em todos os períodos analisados, predominam ocorrências com sujeitos não preenchidos, com percentuais sempre acima de 80% e chegando a 100% em alguns períodos. Apenas no século XVIII surgem casos de sujeitos preenchidos (18,8%), mas esse padrão não se mantém nos séculos seguintes, reforçando a tendência de fixação no uso da forma elíptica de sujeito.

Tabela 14 – Preenchimento do sujeito na CCog-2

Período	Séc. XVI	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	TOTAL
P. Suj.						
Não preenchido	9 (100%)	17 (100%)	13 (81.2%)	18 (100%)	33 (100%)	90 (96.8%)
Preenchido	-	-	3 (18.8%)	-	-	3 (3.2%)
TOTAL	9	17	16	18	33	93 (100%)

Quanto à pessoa marcada no complemento oracional, observa-se maior variação. Conforme os dados na tabela 15, no século XVI, há distribuição entre a segunda pessoa do singular, a segunda pessoa do plural e a terceira pessoa do singular, sendo esta última predominante. Nos séculos XVII e XVIII, a terceira pessoa do singular continua central,

mas aparecem também ocorrências com a primeira pessoa do singular, a primeira do plural e a terceira do plural. No século XIX, a terceira pessoa do singular retoma predominância quase absoluta (83,3%). No século XX, entretanto, nota-se uma reconfiguração: a segunda pessoa do singular cresce significativamente (de 7% (1 ocorrência no século XIX, para 71,5% (10 ocorrências, no XX), reduzindo-se a concentração da terceira pessoa do singular (40,6%). Esse percurso indica que, embora a terceira pessoa do singular tenha se estabelecido como escopo majoritário por vários séculos, há sinais de reabertura da variação no século XX, com destaque para a retomada da segunda pessoa do singular na oração completiva. Em termos de esquematicidade, os dados apontam para um padrão de maior abstração da CCog-2. A construção admite diferentes pessoas no preenchimento do slot do complemento oracional, sobretudo a terceira e a segunda pessoas gramaticais, o que indica que o esquema ainda não apresenta alta fixação ou rigidez de estrutura.

Tabela 15 – Pessoa gramatical escopada pela CCog-2

Período P. gram.	Séc. XVI	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	TOTAL
1ª p. sing.	-	-	2 (12.5%)	-	1 (3.1%)	3 (3.3%)
1ª p. pl.	-	1 (5.9%)	-	-	4 (12.5%)	5 (5.4%)
2ª p. sing.	1 (11.1%)	-	2 (12.5%)	1 (5.6%)	10 (31.2%)	14 (15.2%)
2ª p. pl.	2 (22.2%)	-	1 (6.2%)	-	-	3 (3.3%)
3ª p. sing.	6 (66.7%)	14 (82.4%)	10 (62.5%)	15 (83.3%)	14 (43.8%)	59 (63%)
3ª p. pl.	-	2 (11.8%)	1 (6.2%)	1 (5.6%)	4 (12.5%)	8 (8.7%)
S/ sujeito	-	-	-	1 (5.6%)	-	1 (1.1%)
TOTAL	9	17	16	18	32	93 (100%)

O fator tempo e modo confirma a fixação estrutural da construção desde o primeiro período investigado, indicando que o padrão já emerge, nos nossos dados, altamente estabilizado. O Presente do Indicativo responde por mais de 90% dos dados em todos os períodos, consolidando-se como a forma prototípica da construção e mantendo-se estável ao longo dos séculos. As demais possibilidades — pretérito

imperfeito, nos séculos XVII e XVIII, e subjuntivo imperfeito, no século XVIII — apresentam distribuição pontual, não ultrapassando 7% dos dados. Os dados estão na tabela 16.

Tabela 16 – Tempo-modo verbal na CCoG-2

Período Tempo-modo	Séc. XVI	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	TOTAL
Ind. Pres.	9 (100%)	15 (88.2%)	12 (75%)	18 (100%)	33 (100%)	87 (93.5%)
Ind. Pret. Imperf.	-	2 (11.8%)	3 (18.8%)	-	-	5 (5.4%)
Subj. Pret. Imperf.	-	-	1 (6.2%)	-	-	1 (1.1%)
TOTAL	9	17	16	18	33	93 (100%)

A correferencialidade dos sujeitos nas CCoG-2 exibe baixa oscilação. Nos séculos XVI, XVII e XVIII, a maior distribuição com sujeitos diferentes se mantém, com uma pequena variação de mesmo sujeito (12,5% no XVIII). A partir do XIX, contudo, a construção estabiliza-se de forma categórica em sujeitos diferentes, padrão que se conserva também no século XX, ainda que surjam resquícios marginais de outros arranjos. Portanto, é possível falar em fixação progressiva da construção em ambiente sintático envolvendo formas não-correferenciais de sujeito.

Tabela 17 – Correferencialidade do sujeito na CCoG-2

Período Correferenc.	Séc. XVI	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	TOTAL
Mesmo sujeito	-	-	2 (12.5%)	-	2 (6.1%)	4 (4.3%)
Sujeitos dif.	9 (100%)	17 (100%)	14 (87.5%)	18 (100%)	31 (93.9%)	81 (87.1%)
TOTAL	9	17	16	18	33	93 (100%)

Em termos funcionais, a unidade da construção permanece constante, já que em todos os períodos o escopo recai sobre proposições. A força ilocucionária também se

mostra estável, pois a construção ocorre exclusivamente em sentenças declarativas negativas.

Os recursos formais-discursivos, por sua vez, surgem apenas de maneira residual no século XVIII com quatro ocorrências, sob a forma de construções paralelas, sem relevância para a configuração da construção.

No que se refere à distribuição textual, a CCog-2 ocorre tanto em cartas quanto em peças, mantendo-se presente em ambos os gêneros sem sinal de especialização de usos. Assim como na CCog-1, não foram encontradas cartas no século XVI para a CCog-2, conforme mostrado na tabela abaixo.

Tabela 18 – Gêneros discursivos na CCog-2

Período	Séc XVI	Séc XVII	Séc XVIII	Séc XIX	Séc XX	TOTAL
Gên. disc.						
Peça	5 (100%)	3 (15.8%)	15 (93.8%)	2 (11.1%)	3 (9.1%)	28 (30,8%)
Carta	-	16 (84.2%)	1 (6.2%)	16 (88.9%)	30 (90.9%))	65 (69,2%)
Total	5	19	16	18	33	93

Em relação à variedade do português, contudo, há alteração significativa: até o século XIX, predominam os registros do português europeu, ao passo que, no século XX, a construção passa a ocorrer exclusivamente no português brasileiro, conforme mostram os dados na Tabela 19.

Tabela 19 – Variedade do português na CCog-2

Período	Séc. XVI	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	TOTAL
Variedade pt						
Europeia	9 (100%)	17 (100%)	15 (93.8%)	18 (100%)	-	59 (63.4%)
Brasileira	-	-	1 (6.2%)	-	33 (100%)	34 (36.6%)
TOTAL	9	17	16	18	33	93 (100%)

Uma vez que se trata apenas do último período investigado, não se pode afirmar que haja indício de desaparecimento da construção no português europeu, possivelmente até em concorrência com construções similares, o que só poderia ser atestado com uma investigação mais profunda dos tipos construcionais voltados à indicação de desconhecimento pelo referente sujeito de fatos que se configuram como realidade alternativas, função cumprida pela CCog-2 (cf. Ele *não sabe se Maria saiu* (ou não saiu)). Dado que essa investigação foge aos escopos desta pesquisa, preferimos considerar que a ausência de CCog-2 nas amostras do século XX pode se dever a particularidades dos próprios textos analisados.

A partir da análise de todos esses fatores, pode-se afirmar que a CCog-2, caracterizada desde cedo por um padrão formal mais rígido, mantém **baixa esquematicidade** em toda a sua história. Os fatores analisados permitem constatar, entretanto, que sua **composicionalidade** se conserva **alta**, pois a negação do conhecimento decorre de forma transparente de *saber* acompanhado do advérbio de negação *não*.

CCog-3

[X *saber*_{1ª e 2ª p. sing Pres e Fut pres Ind.} que-Or.] ↔ [expressa o conteúdo de um conhecimento como um tópico discursivo]

A unidade funcional da completiva na CCog-3 contrasta de modo significativo com a unidade das orações nas construções descritas anteriormente. Enquanto na CCog-1 e na CCog-2, as orações completivas constituem uma proposição, aqui a tendência é a de a oração encaixada ser predominantemente um Movimento. Conforme os dados na tabela 20, no século XVIII, quando se registra o primeiro caso dessa construção nos dados, a maior parte das ocorrências (81,8%) incide sobre esse tipo de unidade, proporção que diminui no XIX (25%), mas volta a crescer de forma expressiva no XX, quando atinge 80%. A unidade proposicional, embora presente, permanece sempre marginal, sem se tornar característica da construção, o que permite interpretar a CCog-3 como voltada primordialmente para a organização do fluxo discursivo, na indicação de (sub)tópicos, ainda que permaneça para a construção o significado de transmissão de conhecimento.

Tabela 20 – Unidade funcional na CCog-3

Período	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	TOTAL
Unid. funcional				
Proposição	2 (18.2%)	3 (75%)	2 (20%)	7 (28%)
Movimento	9 (81.8%)	1 (25%)	8 (80%)	18 (72%)
TOTAL	11	4	10	25 (100%)

Do ponto de vista da pessoa gramatical na construção, observa-se relativa estabilidade. A segunda pessoa do singular domina amplamente, ultrapassando três quartos dos dados globais e mantendo presença central em todos os períodos analisados. A distribuição confirma-se já no século XVIII, mantém-se no XIX e é retomada no XX. A outra possibilidade, com a segunda pessoa do plural, surge apenas de modo residual, não comprometendo a forte associação da construção a contextos de 2ª pessoa do singular.

Tabela 21 – Pessoa gramatical na CCog-3

Período	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	TOTAL
P. gram.				
2ª p. sing.	9 (81.8%)	2 (50%)	8 (80%)	19 (76%)
2ª p. pl.	2 (18.2%)	1 (25%)	1 (10%)	4 (16%)
TOTAL	11	4	10	25 (100%)

O preenchimento do sujeito reforça essa configuração. Desde o século XVIII, o padrão preferencial é não preenchimento, que chega a representar a totalidade das ocorrências nos séculos XIX e XX. Os poucos exemplos de sujeitos explícitos concentram-se no século XVIII (2 ocorrências, 18,2% do total de ocorrências nesse século) e não se prolongam nos períodos posteriores, o que indica fixação da construção sem o preenchimento de sujeito desde o primeiro período do português analisado.

Tabela 22 – Preenchimento do sujeito na CCog-3

Período	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	TOTAL
P. Suj.				
Não preenchido	9 (81.8%)	4 (100%)	10 (100%)	23 (92%)
Preenchido	2 (18.2%)	-	-	2 (8%)
TOTAL	11	4	10	25 (100%)

A pessoa gramatical indicada na oração completiva, em contraste, revela maior diversidade. Conforme os dados expostos na Tabela 23, no século XVIII, registram-se ocorrências com primeira e terceira pessoas, tanto no singular quanto no plural, sendo a terceira do singular a mais recorrente. No século XIX, o quadro se redefine, com concentração na primeira pessoa do singular (75%). Já no século XX, a variedade reaparece: há equilíbrio entre primeira e terceira pessoas do singular (40% cada), além de registros isolados da primeira pessoa do plural e da segunda pessoa do singular. Tal percurso sugere uma construção menos rígida em relação a esse fator, que admite diferentes possibilidades sem se fixar em um único padrão morfossintático.

Tabela 23 – Pessoa gramatical escopada na CCog-3

Período	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	TOTAL
P. gram.				
1 ^a . sing.	3 (27.3%)	3 (75%)	4 (40%)	10 (40%)
1 ^a . pl.	1 (9.1%)	-	1 (10%)	2 (8%)
2 ^a . sing.	-	1 (25%)	1 (10%)	2 (8%)
3 ^a . sing.	4 (36.4%)	-	4 (40%)	8 (32%)
3 ^a . pl.	3 (27.3%)	-	-	3 (12%)
TOTAL	11	4	10	25 (100%)

O comportamento das CCog-3 em relação a tempo e modo ilustra uma trajetória de especialização. A distribuição dos dados em relação a esse fator encontra-se na tabela a seguir.

Tabela 24 – Tempo-modo verbal na CCog-3

Período	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	TOTAL
Tempo-modo				
Ind. Presente	1 (9.1%)	3 (75%)	10 (100%)	14 (56%)
Ind. Fut. Pres.	7 (63.6%)	1 (25%)	-	8 (32%)
Imp. Afirm.	3 (27.3%)	-	-	3 (12%)
TOTAL	11	4	10	25 (100%)

No século XVIII, há distribuição mais ampla, com predominância do futuro do presente (63,6%), seguido pelo imperativo afirmativo (27,3%) e pelo presente do indicativo (9,1%). No século XIX, as formas de futuro decaem, e formas do presente assumem espaço maior, até que, no século XX, consolida-se a fixação exclusiva da forma no presente do indicativo. A progressão demonstra um processo claro de fixação formal, típico de construções em processo de estabilização.

Quanto à força ilocucionária, nota-se oscilação entre os períodos. Conforme os dados da Tabela 25, no século XVIII, as declarativas afirmativas e negativas aparecem em proporções semelhantes. No século XIX, as negativas tornam-se predominantes, enquanto, no século XX, as declarativas afirmativas se impõem de modo quase absoluto (90%). A diacronia indica que a construção se mantém estruturalmente estável, mas passa por reconfigurações graduais em suas preferências de uso. A flutuação inicial revela disponibilidade da construção para diferentes forças ilocucionárias, visto que a predominância das negativas no século XIX não se consolidou como um padrão duradouro. Por fim, no século XX, observamos a estabilização da força ilocucionária e a construção torna-se mais frequente em contextos de declaração afirmativa.

Tabela 25 – Força ilocucionária na CCog-3

Período	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	TOTAL
F. ilocucionária				
Declarativa afirmativa	6 (54.5%)	-	9 (90%)	15 (60%)
Declarativa negativa	5 (45.5%)	3 (75%)	-	8 (32%)
Interrogativa afirmativa	-	1 (25%)	1 (10%)	2 (8%)
TOTAL	11	4	10	25 (100%)

Os recursos formais-discursivos não caracterizam a CCog-3, uma vez que ocorrem apenas de maneira residual nos dados desse tipo de construção. No século

XVIII, a CCog-3 aparece acompanhada pelo advérbio já em uma única ocorrência;; no século XIX não se registram ocorrências; e, no século XX, aparecem uma ocorrência em contexto de construções paralelas e outra, com a construção acompanhada do advérbio *também*.

Tabela 26 – Recursos Formais-Discursivos na CCog-3

Período	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	TOTAL
Recursos f-disc.				
Já	1 (100%)	-	-	1 (33.3%)
C. paralelas	-	-	1 (50%)	1 (33.3%)
Também	-	-	1 (50%)	1 (33.3%)
TOTAL	1	-	2	3 (100%)

A distribuição da construção pelos dois gêneros textuais investigados, por outro lado, mostra alteração notável. Como revelam os dados na tabela XX, inicialmente, a construção ocorre sobretudo em peças teatrais (72,7% do total de ocorrências no século XVIII). No entanto, à medida que avançam os séculos, a CCog-3 passa a se associar progressivamente às cartas, chegando a 90% das ocorrências no século XX. Ainda que o número de ocorrências atestadas não seja significativo, esse movimento pode ser interpretado também como reflexo da função de organização tópica da CCog-3, altamente relevante para a organização do gênero discursivo carta, em que a interação se dá exclusivamente pelo registro escrito, diferentemente das peças teatrais que, apesar de escritas, são roteiros para a performance de interações orais.

Tabela 27 – Gênero discursivo na CCog-3

Período	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	TOTAL
Gên. discursivo				
Carta	3 (27.3%)	2 (50%)	9 (90%)	14 (56%)
Peça	8 (72.7%)	2 (50%)	1 (10%)	11 (44%)
TOTAL	11	4	10	25 (100%)

No que se refere à variedade do português, observa-se uma preferência para o uso da construção nos textos representativos da variedade europeia. Os dados encontram-se na tabela 28.

Tabela 28 – Variedade do português na CCog-3

Período	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	TOTAL
Variedade pt				
Europeia	11 (100%)	-	8 (80%)	19 (76%)
Brasileira	-	4 (100%)	2 (20%)	6 (24%)
TOTAL	11	4	10	25 (100%)

Como se pode notar, no século XVIII, a construção aparece apenas em textos do português europeu. No século XIX, surgem registros no português brasileiro, ainda em proporção menor do que no europeu. No século XX, as duas variedades passam a registrar a construção, mas ainda com predominância do europeu (80%). Ainda que a partir de dados brutos pouco significativos, esse resultado pode ser indicativo de baixa produtividade da construção, especialmente em se tratando do português brasileiro.

A correferencialidade, por fim, constitui o fator mais estável: em todos os séculos analisados, a construção se realiza com sujeitos diferentes, sem que se registrem variações.

Com a análise dos fatores, nota-se que a CCog-3 alterna períodos de abertura e de restrição morfossintática ao longo dos séculos analisados, o que resulta em grau **baixo de esquematicidade** como característica da construção. Do ponto de vista da **composicionalidade**, pode-se dizer que esta é **relativa**, já que a construção mantém o significado de transmissão de um conhecimento, mas a ele se sobrepõe a função de introduzir e organizar (sub)tópicos no texto.

CCog-4

[X *saber* ^{2a.p.} Pres. Ind. ou Imperativo afirmativo. que-Or.] ↔ [expressa um conhecimento como dado]

A trajetória da CCog-4 revela um percurso de fixação progressiva no que se refere à unidade funcional da completiva. No século XVI, registram-se ocorrências com Movimentos encaixados (25%), além de proposições, mas, a partir do XVII, a construção passa a ocorrer quase exclusivamente com proposições encaixadas, configuração que se mantém constante nos períodos seguintes e se estabiliza no século, conforme mostramos na tabela a seguir.

Tabela 29 – Unidade funcional na CCog-4

Período Unid. Func.	Séc. XVI	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	TOTAL
Proposição	6 (75%)	4 (100%)	8 (100%)	10 (100%)	16 (100%)	44 (95.7%)
Movimento	2 (25%)	-	-	-	-	2 (4.3%)
TOTAL	8	4	8	10	16	46 (100%)

A pessoa gramatical acompanha essa tendência de especialização. No primeiro período, nota-se equilíbrio entre segunda pessoa do singular e segunda pessoa do plural. Com o passar do tempo, contudo, a distribuição se redefine em favor da segunda pessoa do singular, que se torna majoritária já nos séculos XVII e XVIII e alcança mais de 90% no século XX. Esse resultado revela um caminho de fixação da construção com forma de 2ª pessoa, especialmente a do singular, o que se relaciona diretamente à função da CCog-4 de expressar um conhecimento tido como dado.

Tabela 30 – Pessoa gramatical escopada na CCog-4

Período P. gram.	Séc. XVI	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	TOTAL
2ª p. sing.	4 (50%)	2 (50%)	5 (62.5%)	6 (60%)	15 (93.8%)	32 (71.1%)
2ª p. pl.	4 (50%)	2 (50%)	3 (37.5%)	3 (30%)	-	11 (24.4%)
3ª p. pl.	-	-	-	1 (10%)	-	1 (2.2%)
3ª p + se	-	-	-	-	1 (6.2%)	1 (2.2%)
TOTAL	8	4	8	10	16	46 (100%)

Em relação a tempo e modo, o comportamento é ainda mais cristalizado. Desde o século XVI até o século XX, o presente do Indicativo responde pela quase totalidade das ocorrências de CCog-4, restando apenas registros marginais do pretérito imperfeito. Esse comportamento indica que a fixação da CCog-4 na forma de presente do Indicativo tenha sido crescente desde o século XVI, sem muita margem à variação quanto a este fator.

Tabela 31 – Tempo-modo verbal na CCog-4

Período Tempo-modo	Séc. XVI	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	TOTAL
Ind. Presente	8 (100%)	4 (100%)	7 (87.5%)	10 (100%)	15 (93.8%)	44 (95.7%)
Ind. Pret. Imperf.	-	-	1 (12.5%)	-	1 (6.2%)	2 (4.3%)
TOTAL	8	4	84	10	16	46 (100%)

A correferencialidade dos sujeitos também ratifica esse quadro de estabilização da CCog-4 ao longo dos períodos investigados. Em todos os séculos, predominam sujeitos diferentes, sempre em percentuais elevados. Casos de mesmo sujeito surgem apenas no século XIX e no XX, mas em proporções baixas, incapazes de alterar o padrão estabelecido. A tabela abaixo mostra esse comportamento.

Tabela 32 – Correferencialidade do sujeito na CCog-4

Período Corref. Suj.	Séc. XVI	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	TOTAL
Mesmo sujeito	-	-	-	1 (10%)	2 (12.5%)	3 (6.5%)
Sujeitos dif.	8 (100%)	4 (100%)	8 (100%)	9 (90%)	14 (87.5%)	42 (91.3%)
TOTAL	8	4	8	10	16	46 (100%)

Alguns fatores, no entanto, revelam maior flutuação nos dados desta construção. A posição de sujeito da Ccog-4, embora majoritariamente não preenchida desde o século XVI, mostra crescimento gradual de preenchimento, que alcança mais de 30% do total de ocorrências no século XX. Esse aumento, contudo, não chega a romper o domínio do não preenchimento de sujeito na construção, como apresentamos na tabela 33.

Tabela 33 – Preenchimento do sujeito na CCog-4

Período	Séc. XVI	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	TOTAL
Preench. Suj.						
Não preenchido	7 (87.5%)	3 (75%)	6 (75%)	7 (70%)	11 (68.8%)	34 (73.9%)
Preenchido	1 (12.5%)	1 (25%)	2 (25%)	3 (30%)	5 (31.2%)	12 (26.1%)
TOTAL	8	4	8	10	16	46 (100%)

Também a pessoa gramatical marcada na oração completiva não apresenta fixação definitiva: no século XVI, distribui-se entre primeira e terceira pessoas do singular; no XVII e XVIII, a primeira do singular ganha centralidade; no XIX, a distribuição se dispersa; e, finalmente, no XX, a terceira pessoa do singular assume a liderança das formas pessoais nas orações encaixadas a CCog-4, conforme a tabela a seguir.

Tabela 34 – Pessoa gramatical escapada na CCog-4

Período	Séc. XVI	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	TOTAL
P. gram.						
1ª p. sing.	3 (37.5%)	2 (50%)	6 (75%)	6 (60%)	3 (18.8%)	20 (43.5%)
2ª p. sing.	-	-	-	1 (10%)	2 (12.5%)	3 (6.5%)
3ª p. sing.	4 (50%)	2 (50%)	2 (25%)	3 (30%)	10 (62.5%)	21 (45.7%)
3ª p. pl.	1 (12.5%)	-	-	-	-	1 (2.2%)
Sem sujeito	-	-	-	-	1 (6.2%)	1 (2.2%)
TOTAL	8	4	8	10	16	46 (100%)

Os recursos formais-discursivos reforçam tal quadro de relativa variabilidade, embora um elemento se destaque: o advérbio *bem*, presente em todos os séculos e presente na maior parte das ocorrências que contêm algum elemento especial. Outros recursos, como *já*, *também*, justificativas e construções paralelas, aparecem apenas de maneira esparsa, sem se consolidar como padrão da construção, como mostramos na tabela 35. O comportamento da CCog-4 com relação aos recursos formais-discursivos indica a ausência de fixação de um padrão, uma vez que, apesar da recorrência de *bem*,

não se observa sua estabilização como traço formal da construção, ou de qualquer outra forma especial.

Tabela 35 – Recursos Formais-Discursivos na CCoG-4

Período Recursos f-disc.	Séc. XVI	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	TOTAL
Bem	1 (50%)	-	7 (87.5%)	5 (83.3%)	6 (75%)	19 (67.9%)
Já	1 (50%)	2 (50%)	1 (12.5%)	-	1 (12.5%)	5 (17.9%)
Também	-	-	-	1 (16.7%)	-	1 (3.6%)
Justificativa	-	-	-	-	1 (12.5%)	1 (3.6%)
C. paralelas	-	2 (50%)	-	-	-	2 (7.1%)
TOTAL	2	4	8	6	8	28 (100%)

No que concerne ao gênero discursivo, observa-se mudança no perfil de distribuição. Entre os séculos XVI e XIX, a construção associa-se majoritariamente às peças; no século XX, entretanto, migra para as cartas, e nelas passam a se concentrar com mais de 80% das ocorrências.

Tabela 36 – Gênero discursivo na CCoG-4

Período Gên. disc.	Séc. XVI	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	TOTAL
Carta	1 (12.5%)	2 (50%)	1 (12.5%)	-	13 (81.2%)	17 (37%)
Peça	7 (87.5%)	2 (50%)	7 (87.5%)	10 (100%)	3 (18.8%)	29 (63%)
TOTAL	8	4	8	10	16	46 (100%)

Ainda que o número de ocorrências seja baixo, sustentamos que essa alteração possa refletir uma ampliação de contexto de uso da construção, na passagem do século XIX para o século XX, impulsionando a mudança construcional de CCoG-4.

Por fim, a variedade linguística acompanha os deslocamentos históricos da língua. Até o século XVII, a construção é registrada apenas no português europeu. Nos

séculos XVIII e XIX, ganha força no português brasileiro, tornando-se majoritária nos textos dessa variedade, até que, no século XX, volta a ser mais frequente em textos do português europeu. Também aqui se considera que a alternância possa estar ligada a particularidades dos textos analisados, e não a um processo de fixação construcional da CCog-4.

Tabela 37 – Variedade do português na CCog-4

Período	Séc. XVI	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	TOTAL
Variedade pt						
Europeia	8 (100%)	4 (100%)	1 (12.5%)	-	13 (81.2%)	26 (56.5%)
Brasileira	-	-	7 (87.5%)	10 (100%)	3 (18.8%)	20 (43.5%)
TOTAL	8	4	8	10	16	46 (100%)

A partir da análise do comportamento dos fatores analisados, pode-se considerar que a trajetória diacrônica da CCog-4 é caracterizada por maior rigidez morfossintática e, assim, por baixa esquematicidade. Sua **composicionalidade**, por outro lado, **relativa**, pois a construção continua a veicular um conhecimento, porém este é necessariamente ativado como dado, uma informação factual compartilhada entre os interlocutores no momento da interação.

CCog-5

[[*saber* 2ª, 3ª p. sing. Imp que-Or.]] ↔ [expressa um conhecimento como novo/focal]]

A CCog-5 distingue-se das demais construções com significado de cognição pela estabilidade absoluta da unidade semântico-funcional da oração encaixada. Em todos os períodos, do século XVII ao XX, a construção incide exclusivamente sobre Movimentos, sem qualquer registro de complemento equivalente a uma proposição. Essa configuração a consolida como uma forma voltada prioritariamente para a organização do discurso, em contraste com outras construções cognitivas que preservam vínculos mais estreitos com proposições encaixadas.

Em relação à forma de pessoa gramatical, observa-se especialização progressiva na segunda pessoa do singular, conforme os dados na tabela 38.

Tabela 38 – Pessoa gramatical na CCoG-5

Período P. gram.	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	TOTAL
2 ^a . sing.	5 (100%)	5 (83.3%)	1 (33.3%)	4 (100%)	15 (77.8%)
2 ^a . pl.	-	1 (16.7%)	2 (66.7%)	-	3 (16.7%)
TOTAL	6	6	3	4	18 (100%)

Já no século XVII, a 2^a pessoa do singular se impõe como predominante, alcançando mais de 80% das ocorrências, proporção que se mantém no XVIII. O século XIX introduz maior variedade de formas, quando a 2^a pessoa do plural passa a aparecer em parte dos dados. Essa alternância entre ocorrências com a 2^a pessoa do singular e a 2^a do plural, porém, não se prolonga, uma vez que, no século XX, a 2^a pessoa do singular retoma seu predomínio na construção. Tomados em conjunto, os dados apontam para um processo de especialização progressiva da construção na segunda pessoa do singular, cuja consolidação ao longo dos séculos sugere sua fixação como marca de pessoa do padrão construcional. Ainda que tenha havido variação no século XIX, trata-se, apenas, de um momento pontual que não compromete a estabilização do padrão em segunda pessoa, o qual se reafirma no século XX.

Conforme os dados apresentados na tabela 39, o preenchimento do sujeito acompanha o padrão observado em outras construções cognitivas: o não preenchimento do sujeito aparece como predominante nas ocorrências desde o século XVII, ultrapassando 80% dos dados e chegando a 100% nos séculos XIX e XX. Registros de sujeitos preenchidos aparecem de forma pontual nos séculos XVII e XVIII, mas não chegam a constituir um traço persistente nos dados. Os resultados apontam para um padrão de sujeito não preenchido desde o início dos dados da pesquisa, sem grande variação ao longo do tempo. Embora haja a ocorrência pontual de sujeitos preenchidos nos séculos iniciais, não interpretamos tal preenchimento como etapa de mudança construcional, sendo apenas usos residuais que não comprometem a fixação do padrão.

Tabela 39 – Preenchimento do sujeito na CCoG-5

Período	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	TOTAL
Preench suj.					
N preench.	5 (83.3%)	5 (83.3%)	3 (100%)	3 (100%)	16 (88.9%)
Preenchido	1 (16.7%)	1 (16.7%)	-	-	2 (11.1%)
TOTAL	6	6	3	3	18 (100%)

Conforme mostrado na tabela abaixo, a pessoa gramatical no Movimento escopado pela CCoG-5 apresenta alternância ao longo do tempo. No século XVII, observa-se uma distribuição relativamente equilibrada entre a primeira pessoa do singular, a terceira do singular e a terceira do plural, indicando ausência de fixação inicial do padrão construcional. No século XVIII, a concentração das ocorrências na terceira pessoa do singular sugere uma menor variação. No entanto, no século XIX, a primeira pessoa do singular volta a ganhar destaque e o padrão se estende ao século XX, ainda que com a presença da terceira pessoa do singular. Sendo assim, podemos observar a variação de pessoa gramatical no Movimento escopado pela CCoG-5, refutando a ideia de fixação de qualquer padrão na oração completiva.

Tabela 40 – Pessoa gramatical escopada na CCoG-5

Período	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	TOTAL
P. gram.					
1ª p. sing.	3 (50%)	1 (16.7%)	2 (66.7%)	2 (66.7%)	8 (44.4%)
2ª p. sing.	-	-	-	-	-
3ª p. sing.	2 (33.3%)	5 (83.3%)	-	1 (33.3%)	8 (44.4%)
3ª p. pl.	1 (16.7%)	-	1 (33.3%)	-	2 (11.1%)
TOTAL	6	6	3	3	18 (100%)

O comportamento da CCoG-5 em relação às formas de tempo e modo verbal mostra-se fortemente marcado. No século XVII, a construção ocorre exclusivamente no presente do indicativo, visto que o falante introduz um conhecimento novo para o ouvinte no momento da enunciação. Nos séculos XVIII e XIX, registram-se apenas ocorrências no imperativo afirmativo, evidenciando contextos de interpelação direta do

interlocutor a fim de orientar sua atenção para a introdução de um conhecimento novo no curso da interação. Por fim, no século XX, observa-se a coexistência de formas no presente do indicativo e no imperativo, indicando a aceitação e fixação de ambos os tempos verbais no padrão construcional. Vemos que a função da CCog-5 de introduzir um conhecimento novo relaciona-se fortemente ao tempo/modo verbal do presente e imperativo, uma vez que o imperativo direciona a atenção do interlocutor para a informação apresentada como relevante no discurso, enquanto o presente do indicativo mantém o foco do conhecimento introduzido no momento da interação. Os dados encontram-se na tabela 41.

Tabela 41 – Tempo-modo verbal na CCog-5

Período Tempo-modo	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	TOTAL
Ind. Pres.	6 (100%)	-	-	2 (66.7%)	8 (44.4%)
Imp. Afirm.	-	6 (100%)	3 (100%)	1 (33.3%)	10 (55.6%)
TOTAL	6	6	3	3	18 (100%)

No que se refere à correferencialidade de sujeitos, a regularidade é notável: em todos os séculos, predominam sujeitos diferentes, padrão categórico em todos os períodos. Tal configuração indica que o conteúdo veiculado no Movimento não se ancora no mesmo sujeito da construção escopada, reforçando o estatuto do Movimento como unidade funcional relativamente autônoma. A distribuição dos dados relativos à correferencialidade é mostrada na tabela 42.

Tabela 42 – Correferencialidade dos sujeitos na CCog-5

Período Correferenc.	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	TOTAL
Sujeitos dif.	6 (100%)	6 (100%)	3 (100%)	3 (100%)	18 (94.4%)
Suj. corref.	-	-	-	-	-
TOTAL	6	6	3	3	18 (100%)

A força ilocucionária não se fixa em um único polo. Nos séculos XVII, XIX e XX, as ocorrências são de declarativas afirmativas; no século XVIII, surgem apenas negativas; e, no século XIX, há predominância de afirmativas, acrescidas de um caso exclamativo. A oscilação quanto à força ilocucionária indica que a construção não se cristalizou em um único tipo de força e podemos, ainda, notar uma maior esquematicidade da CCog-5, uma vez que o slot do elemento *não* foi preenchido em 31% das ocorrências, mas permaneceu aberto no restante. A distribuição das ocorrências segundo a força ilocucionária está na tabela abaixo.

Tabela 43 – Força ilocucionária na CCog-5

Período	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	TOTAL
F. ilocucionária					
Declarativa afirmativa	6 (100%)	-	3 (75%)	3 (100%)	12 (63.2%)
Declarativa negativa	-	5 (100%)	-	-	5 (31.6%)
Declarativa exclamativa	-	-	1 (25%)	-	1 (5.3%)
TOTAL	6	5	4	3	18 (100%)

Como apresentado na tabela a seguir, os recursos formais-discursivos junto à CCog-5 são raros e irregulares. No século XVIII, aparecem ocorrências em contextos de orações explicativas, enquanto no século XIX registram-se construções paralelas. A ausência de continuidade nos séculos seguintes confirma o caráter pontual de tais formas. A distribuição irregular desse fator não aponta para um processo de fixação formal, e sim para usos pontuais apenas. Vemos, então, que o padrão construcional da CCog-5 não necessita, na maior parte dos casos, de recursos formais-discursivos junto à construção.

Tabela 44 – Recursos Formais-Discursivos na CCog-5

Período	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	TOTAL
Recursos f-disc.					
Justificativa	-	2 (100%)	-	-	2 (50%)
C. paralelas	-	-	2 (100%)	-	2 (50%)
TOTAL	-	2	2	-	4 (100%)

Os dados reunidos na tabela 45 permitem observar que, entre os séculos XVII e XIX, a CCog-5 ocorre predominantemente em peças teatrais, concentrando dois terços ou mais das ocorrências nesse gênero. No século XX, registra-se alteração no perfil de distribuição, com as cartas passando a reunir a maior parte dos dados. A variação entre gêneros, no entanto, não se relaciona a processos de mudança construcional, uma vez que tanto o texto teatral quanto o epistolar compartilham um estilo marcado pelo envolvimento do falante, seja pela simulação de diálogo ou pela escrita pessoal. Em ambos os gêneros textuais, há condições favoráveis ao uso de construções com *saber* de menor composicionalidade, sem que haja alteração do pareamento forma-significado.

Tabela 45 – Gênero discursivo na CCog-5

Período	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	TOTAL
Gên. disc.					
Carta	2 (33.3%)	2 (33.3%)	-	2 (66.7%)	6 (33.3%)
Peça	4 (66.7%)	4 (66.7%)	3 (100%)	1 (33.3%)	12 (66.7%)
TOTAL	6	6	3	3	18 (100%)

Finalmente, em relação à variedade do português investigada, a ocorrência de CCog-5 se alterna. Nos séculos XVII e XVIII, a construção é registrada, sobretudo, em textos do português europeu, ainda que, no XVIII, já surjam ocorrências no brasileiro em proporção elevada. No XIX, encontram-se apenas registros do português brasileiro, e no século XX a distribuição volta a se dividir, com predominância do europeu. Essas alternâncias de ocorrências entre as duas variedades, contudo, não chegam a ser indicativo de preferência de uso da construção por uma ou outra variedade do português, ainda mais se se levar em conta que os dados brutos são em número bastante reduzido, não garantindo representatividade para uma análise segura nessa direção.

Tabela 46 – Variedade do português na CCog-5

Período	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	TOTAL
Variedade pt					
Europeia	6 (100%)	2 (33.3%)	-	2 (66.7%)	10 (55.6%)
Brasileira	-	4 (66.7%)	3 (100%)	1 (33.3%)	8 (44.4%)
TOTAL	6	6	3	3	18 (100%)

Da análise dos fatores, depreende-se que a CCog-5 já surge como forma mais rígida morfossintaticamente, com pouca abertura a mudanças, o que lhe confere **baixa esquematicidade**. Ainda assim, a **composicionalidade** se mantém **relativa**, pois preserva o valor de conhecimento, articulado à função de organizar o fluxo discursivo, focalizando informações para as quais o falante deseja atrair a atenção máxima de seu interlocutor.

Com base nos resultados apresentados nesta seção, os graus de esquematicidade e composicionalidade das cinco formas de construções cognitivas podem ser sintetizados conforme mostra o quadro a seguir.

Quadro 3: Graus de esquematicidade e composicionalidade das construções cognitivas

Construção Cognitiva	Esquematicidade	Composicionalidade
CCog-1	+	++
CCog-2	-	+
CCog-3	-	±
CCog-4	-	±
CCog-5	-	±

Conforme o quadro, a CCog-1 apresenta maior esquematicidade (+) e o mais alto grau de composicionalidade do conjunto (++), uma vez que o pareamento forma-significado se mantém altamente previsível, incidindo sobre um conteúdo proposicional. A CCog-2, embora também escopando uma proposição, exibe menor esquematicidade (-) em razão da marca negativa associada ao *não saber*, mantendo, ainda assim, composicionalidade elevada, porém inferior à da CCog-1 (+). A CCog-3, por sua vez, apresenta menor esquematicidade (-) e composicionalidade variável (±), uma vez que a unidade escopada é predominantemente um Movimento, e não uma proposição — unidade funcional típica da expressão de conhecimento. A CCog-4 compartilha valores semelhantes aos da CCog-3 (- e ±), ao expressar o conhecimento como dado e admitir proposições e movimentos na oração encaixada. Finalmente, a CCog-5 escopa exclusivamente movimentos, fato que justifica sua baixa esquematicidade (-) e composicionalidade variável (±) assim como as duas anteriores.

A seguir, passaremos à análise das construções modais com *saber*.

5.2.2 CONSTRUÇÕES MODAIS

CMod-1

[(eu) *saber* 1ª p. sing., pl./ Pres. Ind, afirm. que-Or.] ↔ [O falante avalia o conteúdo proposicional como certo]

A CMod-1 se caracteriza por rigidez estrutural, perceptível desde os primeiros registros identificados nos *corpora*. A construção ocorre, de forma exclusiva, com oração completiva equivalente a uma proposição, sempre configurando frases declarativas afirmativas. O mesmo se verifica em relação ao tempo e modo verbal: em todos os séculos, do XVI ao XX, a construção aparece unicamente no presente do Indicativo, o que evidencia uma cristalização precoce e persistente da construção também a esse respeito.

O comportamento da pessoa gramatical manifesta na CMod-1 acompanha essa rigidez morfossintática. Já no século XVII, a primeira pessoa do singular domina integralmente os contextos, mantendo percentuais próximos ou superiores a 95% até o século XX. Apenas a primeira pessoa do plural se insere de modo esporádico, mas nunca chega a configurar um padrão consolidado, como na tabela abaixo.

Tabela 47 – Pessoa gramatical na CMod-1

Período P. gram.	Séc. XVI	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	TOTAL
1ª p. sing.	4 (80%)	14 (100%)	11 (100%)	11 (100%)	21 (95.5%)	61 (96.8%)
1ª p. pl.	1 (20%)	-	-	-	1 (4.5%)	2 (3.2%)
TOTAL	5	14	11	11	22	63 (100%)

No que diz respeito ao preenchimento do sujeito, observam-se sinais de mudança ao longo do período investigado. Do século XVI ao XIX, predominam ocorrências com sujeito não preenchido, com percentuais que variam entre 85% e 100%. No século XX, registra-se uma reconfiguração relevante: considerando o total de ocorrências desse período (22), as construções com sujeito preenchido passam a ser majoritárias, correspondendo a 63,6% dos dados (14 ocorrências), enquanto as ocorrências com sujeito não preenchido somam 36,4% (8 ocorrências), configurando uma diferença de 27,2%. O resultado indica que, embora o não preenchimento ainda

seja expressivo na diacronia, no recorte específico do século XX há uma inversão do padrão, fato que sinaliza um possível movimento recente de flexibilização quanto ao preenchimento do sujeito na construção.

Tabela 48 – Preenchimento do sujeito na CMod-1

Período	Séc. XVI	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	TOTAL
Preench. Suj.						
N. preench.	5 (100%)	12 (85.7%)	10 (90.9%)	11 (100%)	8 (36.4%)	46 (73%)
Preenchido	-	2 (14.3%)	1 (9.1%)	-	14 (63.6%)	17 (27%)
TOTAL	5	14	11	11	22	63 (100%)

A pessoa gramatical da oração completiva apresenta uma diversidade um pouco maior, mas ainda assim revela um padrão relativamente estável ao longo do tempo, conforme mostram os dados da Tabela 49. Desde o século XVI, a segunda e a terceira pessoas do singular permanecem majoritárias em toda a trajetória da CMod-1. As demais pessoas ocorrem de forma concentrada em períodos específicos: a primeira pessoa do singular corresponde a cerca de 20% das ocorrências, sobretudo nos séculos XVII e XVIII, enquanto a terceira pessoa do plural aparece em torno de 9%, com registros pontuais distribuídos entre os séculos XVIII e XIX. Também se observam ocorrências de primeira pessoa do plural e de orações sem sujeito, porém sem continuidade ao longo dos períodos. Logo, percebemos que não há fixação da pessoa gramatical na oração completiva da CMod-1. Embora a segunda e a terceira pessoas do singular se consolidem com maiores percentuais, a recorrência de outras pessoas gramaticais mostra que o fator em questão não está cristalizado e ainda apresenta certa oscilação.

Tabela 49 – Pessoa gramatical escapada na CMod-1

Período	Séc. XVI	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	TOTAL
P. gram.						
1ª p. sing.	1 (20%)	3 (21.4%)	2 (18.2%)	3 (27.3%)	5 (22.7%)	14 (22.2%)
1ª p. pl.	-	-	-	-	1 (4.5%)	1 (1.6%)
2ª p. sing.	2 (40%)	3 (21.4%)	4 (36.4%)	2 (18.2%)	6 (27.3%)	17 (27%)
3ª p. sing.	2 (40%)	7 (50%)	4 (36.4%)	4 (36.4%)	7 (31.8%)	24 (38.1%)
3ª p. pl.	-	1 (7.1%)	1 (9.1%)	2 (18.2%)	2 (9.1%)	6 (9.5%)
S/ sujeito	-	-	-	-	1 (4.5%)	1 (1.6%)
TOTAL	5	14	11	11	22	63 (100%)

A correferencialidade dos sujeitos revela alternância entre as duas configurações: sujeitos diferentes, que correspondem a 68,3% do total de ocorrências, e casos de mesmo sujeito, responsáveis por 17,5%. Apesar da coexistência dessas opções, o predomínio de sujeitos diferentes mantém-se estável e se confirma como padrão morfossintático regular da construção em todos os períodos, como mostrado abaixo.

Tabela 50 – Correferencialidade dos sujeitos na CMod-1

Período	Séc. XVI	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	TOTAL
Correferenc.						
Mesmo sujeito	1 (20%)	3 (21.4%)	1 (9.1%)	3 (27.3%)	3 (13.6%)	11 (17.5%)
Sujeitos dif.	4 (80%)	11 (78.6%)	10 (90.9%)	8 (72.7%)	19 (86.4%)	52 (68.3%)
TOTAL	5	14	11	11	22	63 (100%)

Os recursos formais-discursivos associados à CMod-1 distribuem-se de maneira oscilante ao longo dos períodos, conforme indicado na Tabela 51. O advérbio *bem* ocorre com frequência entre os séculos XVI e XIX, deixando de aparecer no século XX. As orações explicativas atravessam todos os períodos, ainda que sempre em percentuais minoritários, enquanto, no século XX, passam a registrar-se ocorrências com *já*. Tal comportamento nos permite propor que *bem* tenha funcionado, nos períodos mais

antigos, como um recurso de reforço avaliativo associado à construção, contribuindo para salientar seu caráter modalizador e diferenciá-la de usos em que *saber* expressa conhecimento. No último período, a ausência desse reforço sugere que a marcação deixa de ser necessária, possivelmente em razão da maior convencionalização da CMod-1 com valor modal.

Convém salientar que, embora as ocorrências com *já* tenham surgido no mesmo período em que *bem* deixa de aparecer no *corpus*, não as entendemos como um caso de substituição, visto que as formas não têm o mesmo efeito semântico-pragmático, como mostramos com as ocorrências a seguir.

(103) Passados estes dias de entrudo que vieram misturar suas orgias com as da política torpe que nos mata não há de ser uma senão muitas vizitas que te farei para fallar e fallar longo e sério que é realmente precizo. Peço-te que leias a Revolução de hoje. Através dos amphigouris pretenciosos de J Estevam, apparece alli a verdade da situação verdadeira incontestável e fatal. Nós os que somos constitucionaes e progressistas monárchicos estamos ameaçados de eminente perigo, e mais eminente descrédito. *Bem sei que não precisas sermonado tu*, mas precisam-nos outros. O que diz a Revolução é verdade pura, repitto, e verdade em tudo. (Carta, *Corpus Tycho Brahe*, séc XX)

(104) Com respeito á minha subvenção, pelo que os outros meus colegas me dizem que os seus recebem sei que a maisinha tem sido roubada. Bom agrado para toda a gente porque eu não quero chegara ai daqui a 1 ano ou 2 e dizerem me que tu nem adeus dizes eu não quero isso *quero que tu te portes como te tens portado emte aqui e que sejas como rapariga modestas porque eu já o sei que o és*. Amor com tudo isto não chores pois eu se eu [so] acho que choras então depois teras muito a churar e é tudo eu não quero que nos andemos dezangados como tu tambem não queres mas é preciso. (Carta, *Corpus Tycho Brahe*, séc XX)

Na ocorrência (103), o falante discorre sobre o cenário político conturbado do período e emprega a forma especial *bem* como um reforço avaliativo associado à construção com o verbo *saber*, intensificando o comprometimento do falante com a proposição expressa na completiva de que o interlocutor não necessita de esclarecimento adicional.

Em (104), no trecho *eu já o sei que o és*, o falante orienta o comportamento de sua interlocutora para reafirmar suas expectativas de fidelidade. O advérbio *já* indica que o falante remete a certeza acerca da proposição expressa na oração completiva a um tempo anterior, ele já tem certeza sobre a conduta de sua amada. Diferentemente de

bem, já não atua como um reforço avaliativo ou intensificador de comprometimento epistêmico, mas, sim, faz uma ancoragem temporal da certeza epistêmica do falante.

Tabela 51 – Recursos Formais-Discursivos na CMod-1

Período	Séc. XVI	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	TOTAL
Recursos f-disc.						
Bem	2 (66.7%)	6 (60%)	4 (66.7%)	5 (62.5%)	-	17 (54.8%)
Já	-	-	-	-	3 (75%)	3 (9.7%)
Just..	1 (33.3%)	4 (40%)	1 (16.7%)	3 (37.5%)	1 (25%)	10 (32.3%)
C. paralelas	-	-	1 (16.7%)	-	-	1 (3.2%)
TOTAL	3	10	6	8	4	31 (100%)

No que se refere ao gênero discursivo, a distribuição da CMod-1 revela variação ao longo dos séculos, conforme indicam os dados da tabela 52, mas com uma recorrente predominância no gênero carta. No século XVI, a construção apresenta uma distribuição relativamente equilibrada, com 40% das ocorrências em cartas e 60% em peças. No século XVII, observa-se um deslocamento claro em direção às cartas, que passam a concentrar 71,4% das ocorrências, em comparação a 28,6% das peças. No século XVIII, todas as ocorrências da CMod-1 se concentram exclusivamente em cartas. No século XIX, há uma reabertura da distribuição, com proporções mais equilibradas entre cartas (54,5%) e peças (45,5%), indicando a retomada do uso da construção em contextos teatrais. Por fim, no século XX, a predominância nas cartas se restabelece de forma mais acentuada, com 72,7% das ocorrências, frente a 27,3% nas peças. Observamos, com a diacronia, a afinidade funcional entre a CMod-1 e o gênero carta, uma vez que esse tipo de texto favorece a expressão de opiniões pessoais do falante, com as quais ele pode também indicar graus de certeza em relação a proposições que comunica.

Tabela 52 – Gênero discursivo na CMod-1

Período	Séc. XVI	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	TOTAL
Gên. disc.						
Carta	2 (40%)	10 (71.4%)	11 (100%)	6 (54.5%)	16 (72.7%)	45 (71.4%)
Peça	3 (60%)	4 (28.6%)	-	5 (45.5%)	6 (27.3%)	18 (28.6%)
TOTAL	5	14	11	11	22	63 (100%)

Quanto à variedade linguística, a distribuição da CMod-1 apresenta variação ao longo dos séculos, conforme indicam os dados da Tabela 53. Do século XVI ao XVIII, a construção ocorre exclusivamente no português europeu, o que se explica pelo fato de, nos períodos mais remotos, a produção escrita em língua portuguesa estar associada a essa variedade. No século XIX, a construção passa a registrar-se apenas no português brasileiro, enquanto, no século XX, volta a distribuir-se entre as duas variedades, com predomínio da europeia. O padrão observado indica que a CMod-1 não se fixa a uma única variedade do português, mantendo-se disponível em diferentes contextos de uso, sem indícios de especialização quanto à variedade.

Tabela 53 – Variedade do português na CMod-1

Período	Séc. XVI	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	TOTAL
Variedade pt						
Europeia	5 (100%)	14 (100%)	11 (100%)	-	14 (63.6%)	44 (69.8%)
Brasileira	-	-	-	11 (100%)	8 (36.4%)	19 (30.2%)
TOTAL	5	14	11	11	22	63 (100%)

Com base nesses resultados referentes à aplicação dos fatores analisados, observa-se que a CMod-1 se mantém, ao longo dos períodos investigados, rigidamente configurada, sem muito espaço para diversificação morfossintática, apresentando, portanto, **esquematicidade baixa**. Em termos de **composicionalidade**, afasta-se do valor cognitivo de *saber*, estabilizando-se como expressão de certeza epistêmica, exibindo, pois, **baixo grau de composicionalidade**.

CMod-2

[*saber*_{neg} 1ª. p. sing./ Pres. Ind, neg se-Or. V_{1a. p. sing.}] ↔ [O falante avalia um conteúdo proposicional como incerto]

A CMod-2 apresenta um perfil altamente fixado, configurado por fatores que permanecem praticamente invariáveis ao longo de toda a diacronia analisada. A unidade semântico-funcional de sua completiva é exclusivamente uma proposição, a pessoa gramatical restringe-se à primeira do singular, o sujeito tende a ser não preenchido em quase todos os contextos (mais de 70% dos casos), e o tempo e modo verbal cristalizam-se sob a forma do presente do Indicativo. A força ilocucionária, por sua vez, mostra-se igualmente rígida, limitada a enunciados declarativos negativos. O conjunto desses resultados denota uma configuração estável da CMod-2, marcada pela rigidez estrutural e ausência de abertura a novas formas.

A pessoa gramatical na oração completiva, embora centrada na primeira pessoa do singular, admite algumas outras formas. No século XVII, surgem ocorrências na 1ª. pessoa do plural, que se mantêm ainda nos séculos XVIII e XIX, mas desaparecem no XX. Também no século XIX aparecem registros pontuais da 3ª. pessoa do singular. Tais alternativas, entretanto, nunca chegam a comprometer o padrão regular da construção, marcado pela primeira pessoa do singular em todos os períodos, como revelado na tabela 54.

Tabela 54 – Pessoa gramatical escopada na CMod-2

Período	Séc. XVI	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	TOTAL
P. gram.						
1ª p. sing.	3 (100%)	1 (50%)	6 (85.7%)	7 (70%)	13 (100%)	30 (85.7%)
1ª p. pl.	-	1 (50%)	1 (14.3%)	2 (20%)	-	4 (11.4%)
3ª p. sing.	-	-	-	1 (10%)	-	1 (2.9%)
TOTAL	3	2	7	10	13	35 (100%)

No tocante à correferencialidade de sujeitos, com os resultados apresentados na Tabela 55, verifica-se igualmente uma tendência à rigidez formal de CMod-2: ocorrências com sujeitos correferenciais predominam em todos os séculos, ultrapassando dois terços das ocorrências totais. No século XVI, registra-se apenas correferencialidade. A partir do século XVII, surgem os primeiros casos de sujeitos diferentes, ainda sem regularidade. No século XVIII, a correferencialidade volta a aparecer de forma mais consistente, respondendo por cerca de 71,4% dos dados do

período. No século XIX, embora haja um aumento no número de ocorrências com sujeitos diferentes, a correferencialidade ainda permanece com maior uso, o que se mantém no século XX, com a correferencialidade com aproximadamente 77% das ocorrências. Observamos que, apesar da emergência pontual de sujeitos não correferenciais a partir do século XVII, tal variação não se estabiliza e a correferencialidade mantém-se como traço preferencial da CMod-2, contribuindo para a caracterização de sua rigidez formal quanto a esse fator.

Tabela 55 – Correferencialidade dos sujeitos na CMod-2

Período	Séc. XVI	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	TOTAL
Correferenc.						
Mesmo sujeito	3 (100%)	1 (50%)	5 (71.4%)	5 (50%)	10 (76.9%)	24 (68.6%)
Sujeitos dif.	-	1 (50%)	2 (28.6%)	5 (50%)	3 (23.1%)	11 (11.4%)
TOTAL	3	2	7	10	13	35 (100%)

Os recursos formais-discursivos reforçam tal comportamento. Presentes apenas nos séculos XVII com duas construções paralelas e, em seguida, com somente uma construção paralela no século XVIII, como exemplificado em (105), elas desaparecem completamente nos períodos seguintes, mantendo-se o padrão da construção sem a presença de alguma forma especial.

(105) Porque são homens os holandeses com quem não só vizinhamos no Brasil, senão na Índia, na China, no Japão, em Angola, e em todas as partes da terra e do mar onde o seu poder é o maior do mundo. Estas e outras razões propús àquele prelado, que *não sei se as representou a Sua Majestade; só sei que por nosso mal fui profeta*, e queira Deus que aqui parem os meus temores. O que Vossa Excelência diz de se haver de propôr o tratado da paz absolutamente para que, descendo-se aos meios da conveniência, se ponha em prática o da compra, é matéria que não tem dúvida pela aceitação e conveniência do mesmo contrato, que, oferecido da nossa parte em primeiro lugar, fica de muito desigual condição; (Cartas, *Corpus Tycho Brahe*, séc XVII)

Também a distribuição textual confirma a rigidez da construção. Desde o século XVI, a maior parte das ocorrências está vinculada às cartas, que chegam a representar 80% do total de ocorrências da construção. As peças surgem como gênero complementar, mas nunca assumem peso significativo na configuração do uso de CMod-2. A tabela 56 demonstra esses resultados.

Tabela 56 – Gênero discursivo na CMod-2

Período	Séc. XVI	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	TOTAL
Gên. disc.						
Carta	2 (66.7%)	2 (100%)	5 (71.4%)	8 (80%)	11 (84.6%)	28 (80%)
Peça	1 (33.3%)	-	2 (28.6%)	2 (20%)	2 (15.4%)	7 (20%)
TOTAL	3	2	7	10	13	35 (100%)

No que se refere à variedade linguística, a trajetória é de alteração entre os períodos, como nota-se na tabela abaixo. Do século XVI ao XIX, a construção é documentada exclusivamente no português europeu. No século XX, dá-se o contrário, e a construção aparece apenas em textos do português brasileiro. Mais uma vez, propomos que qualquer hipótese sobre a possível entrada e desaparecimento da construção nos dois sistemas gramaticais não poderia ser confirmada sem uma investigação mais ampla do que a que permite os limites desta pesquisa, com base em um número mais representativo de dados.

Tabela 57 – Variedade do português na CMod-2

Período	Séc. XVI	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	TOTAL
Variedade pt						
Europeia	3 (100%)	2 (100%)	7 (100%)	10 (100%)	-	22 (62.9%)
Brasileira	-	-	-	-	13 (100%)	13 (37.1%)
TOTAL	3	2	7	10	13	35 (100%)

O exame dos fatores da CMod-2 confirma a tendência das modais de pouca abertura estrutural, permanecendo **pouco esquemática** ao longo do tempo. Além disso, a composicionalidade da construção também é reduzida, pois não remete a conhecimento, mas à dúvida ou incerteza epistêmica.

CMod-3

[*saber* 1ª p. sing. Pres. Ind. que-Or.] ↔ [o falante avalia um conteúdo proposicional como certo e o introduz como um novo (sub)tópico discursivo]

A CMod-3 é documentada apenas nos séculos XVII, XVIII e XX, Ainda assim, esse recorte limitado revela um conjunto de fatores fortemente fixados: a pessoa gramatical é sempre a 1^a. do singular, o sujeito permanece não preenchido em todas as ocorrências, o tempo e modo verbal se restringem ao presente do indicativo e a força ilocucionária ocorre exclusivamente em sentenças declarativas afirmativas. Esse conjunto sugere que, desde os primeiros registros, a construção se estabiliza em um padrão rígido.

A unidade funcional, contudo, apresenta indícios de mudança, conforme se observa na distribuição apresentada na Tabela 58. No século XVII, a única ocorrência registrada se associa a um Movimento, como em (106):

(106) Meu padre. Não sei por onde comecem os meus agradecimentos; *mas sei que tenho sempre muito que agradecer a v. r.*, principalmente as orações e missas, que nas minhas pago com todo o cabedal que tenho; e me encarrego daquelas três, se Deus for servido pôr-me capaz, porque estes dias tenho estado assaz ruim com a repetição do meu mal, e bem vejo que o fará maior a falta de cura; mas tenho por impossível fazê-la em Lisboa, porque me não deixam um instante livre; (Carta, *Corpus Tycho Brahe*, séc XVII)

Em (106), a construção com *saber* escopa um enunciado que introduz um novo tópico (as razões pelas quais o enunciador afirma ter sempre muito a agradecer ao destinatário) e atua na organização textual da carta, razões pelas quais o escopo de *saber* recai sobre um Movimento.

Nos séculos XVIII e XX, por sua vez, as duas únicas ocorrências registradas selecionam uma proposição como complemento, como em (107):

(107) Filena: Só a música me diverte neste amoroso tormento, em que vivo; pois sobre não poder falar a Periandro, que suponho Esopo lhe não deu o recado, agora *sei que periandro vai também a pelejar*, pela falta que há de soldados. Oh que batalha sente o meu coração! (Peça *Esopaida, Ou Vida De Esopo*, Antônio José Da Silva, séc XVIII)

Nessa ocorrência, o tópico discursivo é o tormento amoroso vivido por Filena que, com a construção com *saber*, introduz o subtópico de que Periandro também irá sofrer em razão da falta de soldados, apresentado como uma certeza da personagem que pode ser avaliada em termos de verdade, ou seja, uma proposição.

Essa possível alteração poderia apontar para uma progressiva estabilização da construção em direção à ocorrência com complementos proposicionais, compatível com

a trajetória de outras construções modais. O número total de ocorrências encontrado, no entanto, é muito baixo para autorizar qualquer afirmação conclusiva a esse respeito.

Tabela 58 – Unidade funcional na CMod-3

Período	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XX	TOTAL
Unid. Func.				
Proposição	-	1 (100%)	1 (100%)	2 (66.7%)
Movimento	1 (100%)	-	-	1 (33.3%)
TOTAL	1	1	1	3 (100%)

Também a pessoa gramatical escopada pela proposição ou pelo Movimento na CMod-3 apresenta variação ao longo dos períodos, conforme mostram os dados reunidos na Tabela 59, ainda que o número de ocorrências seja bastante reduzido para validar esse comportamento. Enquanto no século XVII há ocorrência apenas de 1ª pessoa do singular, nos períodos seguintes, ocorre apenas a 2ª pessoa do singular. Logo, com apenas três ocorrências na diacronia, não podemos ter uma análise conclusiva deste fator.

Tabela 59 – Pessoa gramatical escopada pela CMod-3

Período	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XX	TOTAL
P. gram.				
1ª p. sing.	1 (100%)	-	-	1 (33.3%)
2ª p. sing.	-	1 (100%)	1 (100%)	2 (66.7%)
TOTAL	1	1	1	3 (100%)

No domínio da correferencialidade, verificam-se igualmente indícios de alteração. No século XVII, o padrão observado é o de mesmo sujeito na matriz e na completiva. Já nos séculos XVIII e XX, predominam sujeitos diferentes, o que poderia indicar reorganização da relação entre a oração matriz e a completiva.

Tabela 60 – Correferencialidade dos sujeitos na CMod-3

Período	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XX	TOTAL
Correferenc.				
Mesmo sujeito	1 (100%)	-	-	1 (33.3%)
Suj. diferentes	-	1 (100%)	1 (100%)	2 (66.7%)
TOTAL	1	1	1	3 (100%)

Os recursos formais-discursivos ocorrem nas construções em foco apenas de maneira residual: há uma única ocorrência de construção paralela com CMod-2 no século XVIII, sem continuidade nos demais séculos. Trata-se de um recurso que, nos dados, se mostra não convencionalizado e, por isso, sem relevância estrutural para o padrão de CMod-2.

Em termos de distribuição textual, a CMod-3 alterna entre cartas (séculos XVII e XX) e peça (século XVIII), sem que se configure um padrão consolidado, embora também aqui se aplique a ressalva quanto ao baixo número de ocorrências registradas. Os dados são apresentados na tabela abaixo.

Tabela 61 – Gênero discursivo na CMod-3

Período	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XX	TOTAL
Gên. disc.				
Carta	1 (100%)	-	-	2 (66.7%)
Peça	-	1 (100%)	1 (100%)	1 (33.3%)
TOTAL	1	1	1	3 (100%)

A variedade linguística associada à CMod-3 distribui-se de modo pouco expressivo entre os períodos, conforme indicado na Tabela 62, e parece acompanhar a própria distribuição dos textos que compõem o *corpus* em cada século, sem que se observem sinais de especialização da construção. Nos séculos XVII e XX, as ocorrências concentram-se em textos do português europeu, enquanto, no século XVIII, registra-se um único caso no português brasileiro, entendido, aqui, como uma ocorrência isolada. Dado o número bastante reduzido de dados, a distribuição desse fator não nos permite fazer generalizações quanto à associação da construção a uma variedade específica, refletindo, somente, a amostragem do *corpus* para cada período.

Tabela 62 – Variedade do português na CMod-3

Período	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XX	TOTAL
Variedade pt				
Europeia	1 (100%)	-	-	2 (66.7%)
Brasileira	-	1 (100%)	1 (100%)	1 (33.3%)
TOTAL	1	1	1	3 (100%)

Restrita a poucos casos no *corpus* da pesquisa, a CMod-3 mostra configuração relativamente estável, o que a torna **pouco esquemática**. Também analisando semanticamente, percebe-se que a **composicionalidade** também é **baixa**, já que o verbo não expressa conhecimento, atuando como estratégia de avaliação modal.

CMod-4

[eu *saber* 1ª p. sing. Pres. Ind. que-Or.] ↔ [o falante avalia um conteúdo proposicional como certo e o introduz como um fechamento/conclusão do tópico em andamento]

Nos *corpora* desta pesquisa, a CMod-4 é documentada apenas no século XVII, em uma única ocorrência, mostrada anteriormente e retomada abaixo, localizada em uma carta pessoal representativa do português europeu. Essa ocorrência única confere à construção estatuto especial dentro do conjunto das construções modais, em geral mais numerosas.

(108) Beijai as mãos à senhora Ene pela mercê que me quis fazer, se aqui val a boa atenção. Lá vos dirá isto Ene , que es buldero. Ora, indo ao Paço, não deixeis de saber o que montam essas esperanças; que eu tenho por cifras que, não sendo por si nada, dão valor a quanto se lhes chega. Não sou ingrato, certo, e reconheço quanta ventura é receber alento ali mesmo donde os mais perdem o da vida. O tempo vai de sua vontade; e há quatro dias que aqui estamos encantados, que seria a causa de lá não verdes recado meu. De certo cuidava que meu compadre se nos bolvia gigote, retalhado em outra redoma, como segundo Marquês de Vilhena, e me deixara por cá êste rico tesouro. Essa foi a razão, não a preguiça, de parecer vagaroso. Já de ontem tenho lançado minha tenção. Ela vai a copiar a Ene. Bem creio que mais de quatro hão de dizer de mi mais das três mil leis; mas mais de três mil leis direi eu, porque os condeno e que os condenam. Julguei como o entendi. E se mal, peor julgou quem me julgou digno de fazer êste juizo. Mas *eu sei que, em vendo o papel, direis que vai tudo como Deus manda*. Ou Ene esteja, ou se haja ido, sempre vos encaminharei a vós os autos. A mi me encaminhe Deus com eles e vos guarde como desejo. De aqui, em 5 de Fevereiro, 1648. (Cartas, *Corpus* Tycho Brahe, séc XVII)

Conforme se pode observar, trata-se de um dado isolado em que a construção com *saber* escopa um Movimento (uma vez que sua função é organizar o discurso e concluir o tópico em curso) que exhibe marcas de segunda pessoa do plural e do presente do Indicativo. A CMod-4 em si tem marca de primeira pessoa do singular e também do presente do Indicativo.

Diferentemente de outras construções modais em que o não preenchimento do sujeito é mais recorrente, nessa construção, o sujeito aparece preenchido, o que sugere outra excepcionalidade de comportamento dessa construção específica. Os sujeitos da construção e do Movimento são não correferenciais, traço próprio das construções que escopam Movimentos, conforme visto até aqui.

Em relação ao tipo textual e à variedade do português, a ocorrência aparece em uma carta representativa do português europeu, o que delimita ainda mais o perfil dessa construção.

Em síntese, a CMod-4 constitui uma construção extremamente restrita, representada por um único dado, no qual alguns dos fatores de análise se comportam de modo diferente das outras construções desse grupo, reforçando seu caráter excepcional.

Com ocorrência única no século XVII, a CMod-4 não se expandiu nem se consolidou, exibindo **esquematicidade mínima**. Sua **composicionalidade** também é **baixa**, visto que o significado de certeza e a indicação de encerramento tópico distanciam-se do significado básico das construções com *saber*, isto é, o de transmissão de um conhecimento.

Com base nos resultados apresentados nesta seção, os graus de esquematicidade e composicionalidade das formas de construções modais podem ser sintetizados conforme mostra o quadro a seguir.

Construção Modal	Esquematicidade	Composicionalidade
CMod-1	-	-
CMod-2	-	-
CMod-3	-	-
CMod-4	-	-

5.2.3 CONSTRUÇÃO EVIDENCIAL REPORTATIVA

CRep

[*saber* 1ª p. sing., pl., 3ª p. sing, 3ª pessoa + se, Pret. Perf. Ind, Pres Ind . que-Or.] ↔ [O falante transmite um conteúdo cuja fonte é externa e/ou cuja factualidade é atribuída a terceiros]

A CRep apresenta, desde os primeiros registros, um percurso de especialização gradual de unidade funcional, como mostramos na tabela a seguir.

Tabela 63 – Unidade funcional na CRep

Período Unid. Func.	Séc. XVI	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	TOTAL
C. Comunicado.	1 (100%)	3 (60%)	5 (100%)	17 (100%)	10 (100%)	36 (94.7%)
Proposição	-	2 (40%)	-	-	-	2 (5.3%)
TOTAL	1	5	5	17	10	38 (100%)

Conforme os dados na tabela, no tocante ao tipo de unidade semântico-funcional da completiva, a única ocorrência do século XVI, transcrita abaixo, é de um Conteúdo comunicado, na medida em que a construção introduz uma informação cujo falante não teve acesso direto.

(109) Mostrando grande desejo e prometendo viver conforme o que lhes aconselhamos, costumamos batizar marido e mulher de uma só vez, logo depois casando-os, com as admoestações sobre o que o verdadeiro matrimônio reclama. Parece que eles se mostram muito contentes, prestando-nos muita obediência em tudo quanto lhes ordenamos.

Entre muitas coisas, referirei uma que bastante me maravilhou. Foi o seguinte: ensinando, um dia, o padre João de Aspilcueta os meninos a ler e a fazer o sinal da cruz, os ditos meninos tinham pedras de várias cores nos lábios — que é costume manter furados e muito estimam. Como as pedras impediam que fizessem o sinal da cruz, veio a mãe de um deles e, imediatamente, retirou a pedra dos lábios do filho, atirando-a ao telhado. De repente, os outros fizeram o mesmo. Isso aconteceu logo quando começamos a ensinar.

Outra vez, o mesmo padre descobriu, em uma aldeia, que estavam cozinhando o filho de um inimigo para o comerem. Após repreendê-los, *soubemos mais tarde que enterraram o corpo e não o quiseram comer.*

Outros casos semelhantes ocorreram, mas seria longo enumerá-los todos. A maior parte deles aconteceu com o referido padre, que anda sempre pelas aldeias, onde dorme e come, para ter mais facilidade em pregar à noite, pois é nessa hora que estão todos reunidos na aldeia e mais disponíveis. Já sabe a língua deles, que, ao que parece, se conforma muito com a biscainha, permitindo que se entendam facilmente. (Cartas, Manuel da Nóbrega, séc XVI)

No século XVII, a construção apresenta variação quanto ao tipo de complemento, alternando entre Conteúdo Comunicado e proposição, como ilustram as ocorrências em (110) e (111). Em (110), *soube que el-rei pretende desposar-vos* veicula uma informação atribuída a fonte externa, enquanto, em (111), *já se sabe que é demasiada fanfarrice* expressa um conhecimento (proposição) de caráter geral e compartilhado.

(110) Isto posto de parte, antes que doutro caso mais me aparte, aqui começo agora, como se aqui, senhora, Tróia fora. *Soube que el-rei pretende desposar-vos com o duque que agora é de Benavente*. Este enigma pretendo declarar-vos, porque o amor que vos tenho não consente que outro, Beatriz formosa, senão eu, vos receba por esposa. (Peça *Contra si faz quem mal cuida*, Dom Leonardo Saraiva, séc XVII)

(111) Pois é certo que, para se regerem e se dirigirem a bons fins e termos úteis, Deus lhes deu entendimento, o qual negou às alimárias, a quem deu menos, porque delas não quis receber tanto. Mas, com tudo, *já se sabe que é demasiada fanfarrice o ditoso não querer, alguma hora, ser mofino, persuadido de que as boas andanças são morgado que há de permanecer em sua família para sempre, sem que se possa perder ou alhear*. Por isso se diz vulgarmente que tudo tem sua hora. (Peça *Auto e colóquio do nascimento do menino Jesus*, Francisco Lopes, séc XVII)

Já a partir do século XVIII, contudo, consolida-se de maneira categórica a ocorrência nos Conteúdos Comunicados, único tipo de unidade semântico-funcional escopado pelas CRep nos períodos posteriores. Esse percurso indica, assim, fixação da construção associada a Conteúdos Comunicados.

A pessoa gramatical segue trajetória semelhante, conforme os dados na tabela XX. Nos séculos XVII e XVIII, observam-se ainda realizações com 3ª pessoa + se, mas, a partir do século XIX, a construção associa-se quase exclusivamente à 1ª. pessoa do singular, configuração que se mantém quase exclusiva no século XX. Outras possibilidades, como a 1ª. pessoa do plural ou a 3ª. pessoa do singular, aparecem de forma marginal e não chegam a se estabilizar nas CRep.

Tabela 64 – Pessoa gramatical na CRep

Período P. gram.	Séc. XVI	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	TOTAL
1 ^a . p. sing.	-	3 (60%)	2 (40%)	17 (100%)	9 (90%)	31 (83.8%)
1 ^a .p. pl.	-	-	1 (20%)	-	-	1 (2.7%)
3 ^a . p. sing.	-	-	-	-	1 (10%)	1 (2.7%)
3 ^a pessoa + se	-	2 (40%)	2 (40%)	-	-	4 (10.8%)
TOTAL	-	5	5	17	10	38 (100%)

No tocante ao preenchimento do sujeito, o padrão da CRep mostra-se altamente estável ao longo dos séculos. Conforme os dados da tabela 65, as ocorrências com sujeito não preenchido predominam de forma consistente em todos os períodos, concentrando 86,8% do total. Embora ocorram sujeitos preenchidos nos séculos XVII, XVIII e XX, tais casos são pontuais e não alteram a configuração preferencial da construção. Assim sendo, esse comportamento aponta para um elevado grau de fixação da CRep quanto ao não preenchimento do sujeito, cuja recorrência ao longo da diacronia investigada sugere a consolidação desse fator como traço mais forte do padrão construcional.

Tabela 65 – Preenchimento do sujeito na CRep

Período Preench. Suj.	Séc. XVI	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	TOTAL
Não preenchido	1 (100%)	4 (80%)	4 (80%)	17 (100%)	7 (70%)	33 (86.8%)
Preenchido	-	1 (20%)	1 (20%)	-	3 (30%)	5 (13.2%)
TOTAL	1	5	5	17	10	38 (100%)

A pessoa gramatical na oração completiva, por outro lado, evidencia especificação progressiva. Enquanto nos séculos XVI e XVII há distribuição entre 1^a. e 3^a pessoas do singular, além de ocorrências na terceira do plural, com o avançar dos períodos a 3^a pessoa do singular ganha proeminência, tornando-se predominante no século XIX (70,6%) e no século XX (60%). Essa trajetória sugere que a construção se

estabiliza, sobretudo em contextos nos quais é complementada por orações com marcas de terceira pessoa do singular.

Tabela 66 – Pessoa gramatical escopada na CRep

Período	Séc. XVI	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	TOTAL
P. gram.						
1ª p. sing.	-	1 (20%)	2 (66.7%)	4 (23.5%)	-	7 (19.4%)
1ª p. pl.	-	-	-	-	1 (10%)	1 (2.8%)
2ª p. sing.	-	-	-	-	2 (20%)	2 (5.6%)
3ª p. sing.	1 (100%)	2 (40%)	1 (33.3%)	12 (70.6%)	6 (60%)	22 (61.1%)
3ª p. pl.	-	2 (40%)	-	1 (5.9%)	1 (10%)	4 (11.1%)
TOTAL	1	5	3	17		38 (100%)

O tempo e modo verbal reforçam o caráter rígido da construção. Em todos os períodos, a grande maioria das ocorrências está no presente do Indicativo, havendo apenas registros residuais do pretérito perfeito (séculos XVII e XIX) e do futuro do subjuntivo (século XX), sem relevância quantitativa, como apresentamos na tabela 67.

Tabela 67 – Tempo-modo verbal na CRep

Período	Séc. XVI	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	TOTAL
Tempo-modo						
Ind. Presente	1 (100%)	4 (80%)	5 (100%)	16 (94.1%)	9 (90%)	35 (92.1%)
Ind. Pret. Perfeito	-	1 (20%)	-	1 (5.9%)	-	2 (5.3%)
Subj. Futuro	-	-	-	-	1 (10%)	1 (2.6%)
TOTAL	1	5	5	17	10	38 (100%)

Quanto à correferencialidade dos sujeitos no complexo construcional, os dados não revelam tendência à fixação absoluta. A partir do século XVII, alternam-se contextos com mesmo sujeito e sujeitos diferentes, com leve predominância para estes últimos, sobretudo nos séculos XIX e XX, o que indica que o fator, portanto, conserva-

se flexível na construção, em contraste com a maior rigidez observada em relação aos demais fatores estruturais. A tabela 68 contém os resultados mencionados.

Tabela 68 – Correferencialidade dos sujeitos na CRep

Período	Séc. XVI	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	TOTAL
Correferenc.						
Mesmo suj.	-	2 (40%)	3 (60%)	8 (47.1%)	4 (40%)	17 (44.7%)
Sujeitos dif.	1 (100%)	3 (60%)	2 (40%)	9 (52.9%)	6 (60%)	21 (55.3%)
TOTAL	1	5	5	17	10	38 (100%)

Os recursos formais-discursivos também não constituem um padrão junto à CRep, ao passo que encontramos somente uma única ocorrência da forma *também* nas orações reportativas, mostrada abaixo.

(97) Pois isso não interessa; o que seria bom para ti e para nós é que tu mudes sempre para melhor, e assim até o tempo parece que se passa mais depressa. [N] *também* soube pelo meu cunhado [N] da [L] que esteve contigo quando chegaste a Luanda. Pois ele disse-me que a zona onde tu estás não é das mais perigosas. Pois Deus queira que assim o seja. (*Corpus Tycho Brahe*, Carta)

A força ilocucionária, por outro lado, mostra-se estável em toda a trajetória, já que todas as ocorrências se realizam em sentenças declarativas afirmativas.

A análise do tipo textual em que as construções aparecem revela maior frequência da CRep em cartas, desde o século XVI, de forma coerente com sua função reportativa, introdutora de fatos e relatos, próprios das cartas, conforme a tabela seguinte.

Tabela 69 – Gênero discursivo na CRep

Período	Séc. XVI	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	TOTAL
Gên. disc.						
Carta	1 (100%)	4 (80%)	5 (100%)	16 (94.1%)	9 (90%)	35 (92.1%)
Peça	-	1 (20%)	-	1 (5.9%)	1 (10%)	3 (7.9%)
TOTAL	1	5	5	17	10	38 (100%)

Por fim, em relação ao registro nas variedades europeia e brasileira do português, até o século XVIII, a construção aparece exclusivamente em textos do português europeu, conforme os dados da Tabela 70.

Tabela 70 – Variedade do português na CRep

Período Variedade	Séc. XVI	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	TOTAL
Europeia	1 (100%)	5 (100%)	5 (100%)	7 (41.2%)	3 (30%)	21 (55.3%)
Brasileira	-	-	-	10 (58.8%)	7 (70%)	17 (44.7%)
TOTAL	1	5	5	17	10	38 (100%)

No século XIX, aparecem ocorrências em textos brasileiros, em distribuição equilibrada com ocorrências em textos europeus, e, finalmente, no século XX, ocorrências em textos da variedade brasileira são em maior número do que as que aparecem em textos da variedade europeia, revelando-se, assim, uma tendência de surgimento recente e de consolidação inicial da CRep no português brasileiro.

A partir da análise dos fatores, constata-se que a CRep percorre um caminho de especificação progressiva, reduzindo suas combinações e tornando-se **menos esquemática**. Sua **composicionalidade** situa-se em **nível relativo**, pois em alguns contextos preserva a leitura de conhecimento, mas tende a se consolidar como construção evidencial.

5.2.4 CONSTRUÇÃO DE MARCADOR DISCURSIVO

CMD

[[*(eu) sei que* - Mov.] ↔ [organização de tópicos discursivos]

A CMD constitui uma construção recente, restrita ao século XX, e seu funcionamento revela um perfil de forte fixação estrutural. A unidade funcional escopada pela construção é sempre um Movimento, de modo condizente com sua função de organização de informações tópicas.

A análise dos demais fatores estruturais também confirma esse caráter estável: a pessoa gramatical é invariavelmente a 1ª. do singular, sempre no presente do indicativo, e a força ilocucionária se limita a enunciados declarativos afirmativos. Além disso, todos os registros provêm do português brasileiro, aspecto que aponta para o caráter inovador da forma no sistema gramatical do português brasileiro.

No que diz respeito ao preenchimento do sujeito, observamos predomínio de sujeitos preenchidos (66,7%), frente à ocorrência de sujeito não preenchido (33,3%). Assim, embora o total de ocorrência desse tipo seja baixo, pode-se considerar uma tendência à maior frequência e convencionalização da CMD sob a forma *sei que...*, com a posição de sujeito não preenchida.

Tabela 71– Preenchimento do sujeito na CMD

Preenchimento de Sujeito	Frequência
Não preenchido	2 (66,7%)
Preenchido	1 (33,3%)
TOTAL	3 (100%)

A pessoa gramatical marcada no Movimento escopado pela construção distribui-se entre a 1ª pessoa do singular (66,7%) e a 3ª pessoa do plural (33,3%). Consideramos que o comportamento observado nesse fator decorre da natureza do Movimento enquanto unidade interacional autônoma, sendo pouco dependente da construção de marcador discursivo (CMD), o que favorece maior variedade de pessoa e reforça a independência sintático-semântica entre as duas orações.

Tabela 72 – Pessoa gramatical escopada pela CMD

Pessoa Gramatical no Movimento	Frequência
1ª p. sing.	2 (66,7%)
3ª p. pl.	1 (33,3%)
TOTAL	3 (100%)

Quanto à correferencialidade dos sujeitos, como indicado na tabela 73, há predomínio de formas correferenciais, ainda que a construção apresente maior independência sintático-semântica entre a CMD e o Movimento, se comparada à dependência existente entre construções em que *saber* atua como predicado matriz complementado por oração.

Tabela 73 – Correferencialidade dos sujeitos na CMD

Referencialidade do sujeito	Frequência
Mesmo sujeito	2 (66,7%)
Sujeitos diferentes	1 (33,3%)
TOTAL	3 (100%)

Quanto à distribuição textual, por fim, a CMD ocorre majoritariamente em peças (66,7%), muito provavelmente em razão da natureza dialógica desse gênero.

Tabela 74 – Gênero discursivo na CMD

Distribuição textual	Frequência
Peça	2 (66,7%)
Carta	1 (33,3%)
TOTAL	3 (100%)

Nota-se que, com propriedades morfossintáticas fortemente fixadas, a CMD exibe comportamento bastante invariável em todas as ocorrências coletadas, caracterizando-se, portanto, por **baixa esquematicidade**. Sua **composicionalidade** também é **mínima**, representando o caso extremo de abstratização semântica das construções com *saber*, com função exclusiva de organização discursiva, indicando o encerramento de um (sub)tópico em desenvolvimento na interação. exclusivamente

Na próxima seção, a partir das análises e resultados apresentados até aqui, discutiremos como as mudanças descritas para cada tipo de construção em estudo podem ser caracterizadas enquanto processos de mudança construcional e de construcionalização, discussão com que encerramos este capítulo de análise.

5.3 MUDANÇAS CONSTRUCIONAIS E CONSTRUCIONALIZAÇÃO DAS FORMAS EM ESTUDO

Neste capítulo retomamos as noções de mudança construcional e de construcionalização conforme delineadas por Traugott e Trousdale (2021). Para os autores, a mudança construcional corresponde a modificações em propriedades de uma construção já existente, que podem envolver apenas seus aspectos morfossintáticos, ou somente aspectos relacionados ao seu significado/função (semânticos, pragmáticos, ou

relativos a sua distribuição nos contextos de uso). A construcionalização, por sua vez, implica a emergência de um novo pareamento forma-significado na rede linguística, com base em processos de neoanálise e fixação de padrões, resultando em uma unidade que adquire autonomia no sistema gramatical da língua.

Baseados nessas concepções propostas por Traugott e Trousdale, entendemos que todas as construções analisadas neste estudo passaram, ao longo dos períodos do português investigados, por mudanças construcionais, e que a CMD, ainda, tenha passado pelo processo de construcionalização decorrente de mudanças construcionais anteriores.

Primeiramente, as construções cognitivas com *saber* apresentam, ao longo da diacronia, uma variação entre construções mais esquemáticas e composicionais e outras mais delimitadas em termos formais e vinculadas à funções de organização discursiva.

A CCoG-1 conserva, em todos os períodos analisados, o valor semântico de cognição que a caracteriza, mas evidencia a presença de determinados traços morfossintáticos que indicam estabilização formal sem alteração do pareamento de forma-significado do padrão construcional. A partir do século XIX, amplia-se de modo mais consistente a incidência da primeira pessoa do singular na construção com *saber*, atingindo 62,9% no século XX, enquanto a terceira pessoa do singular, na oração completiva, alcança 50,9%, assim como a não correferencialidade de sujeitos, já predominante desde o século XVI, quando atinge 89,7%, e o presente do Indicativo, responsável por 79,5% das ocorrências.

Na CCoG-2, observa-se um padrão estrutural já configurado desde os primeiros registros no *corpus* utilizado. Ainda que documentada desde o século XVI, a construção amplia sua produtividade no século XX, com 33 ocorrências. A primeira pessoa do singular, na oração matriz, mantém-se acima de 90% em todos os períodos, o sujeito tende a não se realizar em mais de 80% dos casos e o presente do Indicativo supera 90%, o que revela certa regularidade da construção. A modificação mais perceptível incide sobre a pessoa gramatical da completiva, com crescimento da segunda pessoa do singular no século XX, o que aponta para ampliação pontual do *slot* da pessoa gramatical, porém sem alteração do valor semântico de desconhecimento que caracteriza o padrão.

Com relação à CCoG-3, seu aparecimento nos dados da pesquisa indica nova reorganização das construções cognitivas, dado que o subesquema se associa à função discursiva de organização do discurso, com 81,8% das ocorrências incidindo sobre

Movimentos, e não somente proposições como na maior parte das construções cognitivas. A oração matriz concentra a segunda pessoa do singular, com 76% das ocorrências, o sujeito permanece majoritariamente não expresso (92%), e o presente do Indicativo responde por 56% dos casos. O conjunto desses fatores resulta em uma configuração formal mais restrita na qual o sentido de conhecimento se articula à introdução de tópicos no texto.

A CCog-4 revela, na análise, a consolidação progressiva de traços já presentes desde o século XVI. Nos séculos XIX e XX, a construção ganha maior produtividade, alcançando 16 ocorrências no último período, enquanto a proposição se estabelece como unidade escopada quase categoricamente, com 95,7% dos casos. A segunda pessoa do singular atinge 71,1% na oração matriz e o presente do Indicativo, somado ao imperativo afirmativo, perfaz 95,7% das ocorrências, além da predominância de sujeitos distintos entre orações matriz e completiva, com 91,3%.

A CCog-5 segue trajetória distinta, com surgimento no século XVII, expansão no XVIII, porém perda de produtividade a partir do século XIX. Desde seu surgimento nos dados, a incidência exclusiva sobre Movimentos marca o afastamento do subesquema da configuração proposicional típica das CCog-1, CCog-2 e CCog-4. A segunda pessoa do singular alcança 77,8%, e a distribuição entre presente do Indicativo, com 44,4%, e imperativo, com 55,6%, evidencia a associação da construção com estratégias de focalização discursiva.

Conjuntamente, as CCogs evidenciam subesquemas que partem de estruturas altamente esquemáticas e semanticamente transparentes, representadas pelas CCog-1 e CCog-2, mas vinculam-se à organização discursiva nas CCog-3, CCog-4 e CCog-5, nas quais o significado de conhecimento se articula às funções tópicas e de focalização.

As construções modais, por sua vez, apresentam um quadro mais homogêneo em comparação às cognitivas, no qual há maior fixação dos fatores de análise. Na CMod-1, desde o início da diacronia analisada, mantêm-se, exclusivamente, a unidade funcional de proposição, o uso constante do presente do Indicativo, a primeira pessoa na oração matriz, bem como enunciados declarativos afirmativos. Ao longo dos séculos, esses traços permanecem estáveis, registrando-se apenas aumento do preenchimento do sujeito no século XX, sem alteração da configuração do subesquema.

A CMod-2 apresenta delimitação ainda mais rígida: primeira pessoa do singular tanto na oração matriz quanto na encaixada, maior correferencialidade dos sujeitos, restrição ao presente do Indicativo e enunciados declarativos negativos. Ainda que haja

aumento de produtividade, não há diversificação formal relevante, o que confirma a alta fixação do padrão.

Na CMod-3, a escassez e a descontinuidade dos dados limitam a identificação de tendências mais amplas. Ainda assim, as três ocorrências mantêm a primeira pessoa gramatical e o tempo e o modo no presente do Indicativo, variando apenas a relação de correferência entre as orações.

Por último, a CMod-4 restringe-se a um único registro isolado no século XVII, sem se expandir ou se consolidar, e com baixas esquematicidade e composicionalidade.

Em todas as modais, a construção com *saber* tem sua composicionalidade reduzida e deixa de codificar um conhecimento para expressar uma avaliação epistêmica, de certeza em CMod-1 e CMod-3 e de incerteza em CMod-2. Contudo, ainda não há alterações no pareamento forma-função das construções modais, elas seguem sendo casos de mudança construcional.

Já a CRep apresenta aumento de produtividade e maior especialização funcional. De presença pontual no século XVI, com uma ocorrência, ela passa a cinco registros nos séculos XVII e XVIII, alcança 17 no século XIX, correspondentes a 44,7% do total, e mantém 10 no século XX. Nesse percurso, a construção se consolida com função de atribuição externa da fonte da informação, afastando-se da expressão de conhecimento próprio do falante como as orações cognitivas. A unidade funcional escopada estabiliza-se como Conteúdo Comunicado em 94,7% dos casos, a primeira pessoa do singular concentra-se na oração matriz a partir do século XIX, o sujeito tende a não ser marcado na construção e a terceira pessoa do singular predomina na oração completiva, com 70,6% no século XIX e 60% no século XX. Para mais, o presente do Indicativo, responsável por 92,1% das ocorrências, assim como os fatores mencionados acima, confirma a alta fixação do subesquema reportativo, também caracterizado como uma mudança construcional.

Sendo assim, as construções aqui investigadas que envolvem-se em mudanças construcionais podem ser divididas em dois grupos. Em um primeiro, encontram-se as construções cognitivas e a reportativa, que ainda preservam algum traço das construções com *saber* descritivas de conhecimento (ou de fonte de conhecimento), e que podem acumular aos seus significados funções discursivas (organização tópica, focalização) não previstas, com contextos morfossintáticos altamente específicos (baixa esquematicidade). Além disso, não há evidências de que essas construções tenham sido reanalisadas, até o século XX, como parte de outra família de construções, ainda que,

futuramente, as mudanças já iniciadas possam levar a reconfigurações na rede de construções.

No segundo grupo, encontram-se as construções modais de certeza e incerteza, em especial a CMod-1 e a CMod-2. Nesse caso, observa-se mudança semântica das construções, que se afastam completamente da expressão de conhecimento, para veicular exclusivamente (in)certeza subjetiva sobre a verdade de um fato. Embora a esquematicidade aqui também seja baixa, a produtividade geral também indica que se está diante de estágios mais avançados de mudanças construcionais, caracterizados por reanálise funcional e deslocamentos das construções em direção a outros nós na rede construcional, como o das orações matrizes indicativas de modalidade em português, instanciadas por *eu acho que...*, *eu considero que*, *...eu penso que...*, etc. Pode-se considerar, desse modo, que as construções estejam a caminho da construcionalização, com total reconfiguração de forma-função.

Em contraste com as demais configurações, a CMD constitui o único caso de construcionalização identificado, pois envolve modificação simultânea de forma e função. A configuração mais abstrata do esquema [*x saber que* or] teria passado por reanálise e se estabilizaria no subesquema [(*eu*) *sei que*], armazenado como unidade relativamente fixa por meio de *chunking*. Nesse processo, a composicionalidade se reduz, uma vez que o significado deixa de resultar de modo transparente da combinação entre a construção com *saber* e a oração completiva e passa a ser interpretado como marcador de organização tópica voltado ao encerramento de (sub)tópico na interação.

A esquematicidade permanece baixa, pois o padrão se cristaliza na primeira pessoa do singular, no presente do Indicativo e em sentenças declarativas afirmativas, com variação morfossintática limitada. Além disso, tal especificidade não impede o reconhecimento da construcionalização, conforme argumentam Traugott e Trousdale (2021), uma vez que novos pareamentos forma-função podem emergir inicialmente em configurações ainda pouco abstratas e fortemente delimitadas formalmente. Consideramos que a escolha de *saber* como base desse novo pareamento relaciona-se à sua natureza factual, frequentemente associada a conteúdos apresentados como verdadeiros, o que favorece a reinterpretação de (*eu*) *sei que* como operador de fechamento tópico, ancorando o encerramento do segmento textual em informação tomada como dada no curso da interação.

Com base nos parâmetros de produtividade, esquematicidade e composicionalidade das construções com *saber* investigadas neste estudo, propomos, a

seguir, a rede de relações de herança entre as construções, tomando como referência os resultados gerais da pesquisa. Para fundamentar essa proposta, retomamos a concepção de rede construcional apresentada pela Gramática de Construções, que descreve o conhecimento linguístico como estruturado em um sistema dinâmico de nós e elos interligados.

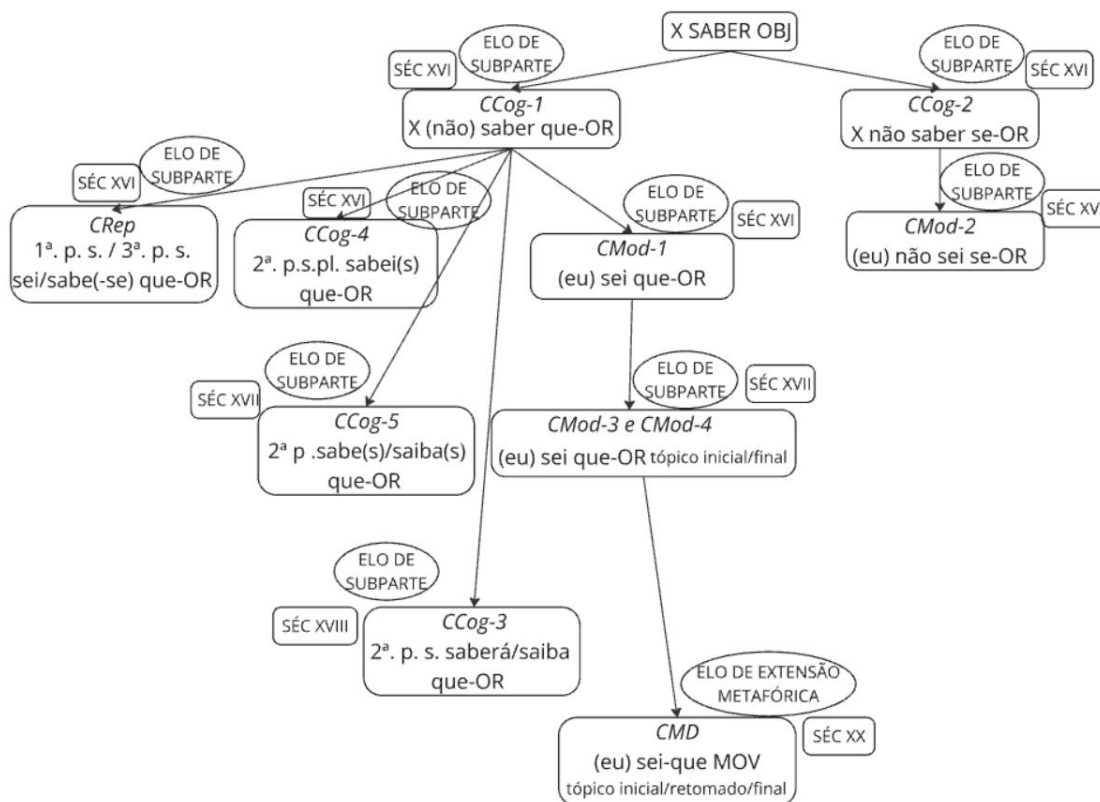
Conforme exposto no capítulo de fundamentação teórica da pesquisa, a Gramática de Construções concebe o conhecimento linguístico como estruturado em uma rede cognitiva composta por unidades interconectadas, que se reorganizam diante de novos contextos de uso (GOLDBERG, 2021). Essa rede, formada por nós e elos, representa as relações dinâmicas entre construções e evidencia como novos padrões podem emergir e se integrar ao sistema linguístico de forma adaptativa.

As conexões entre os nós nas redes podem ser estabelecidas por diferentes tipos de elos. Os elos de herança asseguram a transmissão de propriedades formais e semânticas de construções mais gerais para construções mais específicas. Os elos de subparte vinculam construções complexas a construções menos complexas, que herdaram apenas propriedades específicas da construção mais geral. Os elos de instância relacionam construções a usos particulares e contextualmente situados; os elos de extensão metafórica conectam sentidos de naturezas distintas por meio de mapeamentos conceptuais, permitindo que construções sejam reinterpretadas a partir de domínios distintos; e os elos de polissemia articulam diferentes sentidos de uma mesma construção, preservando relações internas entre significados em evolução (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021).

Além disso, Goldberg (1995) afirma que o inventário de construções não pode ser compreendido como um conjunto aleatório ou desprovido de estrutura. Pelo contrário, observa-se que as construções se organizam em rede, sendo articuladas por relações de herança que fundamentam muitas de suas propriedades particulares. Tais relações permitem captar generalizações mais amplas, irregularidades e exceções, evidenciando a complexidade do sistema linguístico.

A seguir, propomos como as construções com *saber* investigadas nesta pesquisa se configuram diacronicamente ao longo do português Moderno e do português Contemporâneo.

Figura 5: Rede de esquemas e subesquemas de *saber* na diacronia



Fonte: autoria própria

A disposição dos esquemas e subesquemas na rede baseia-se nos resultados da investigação diacrônica realizada nesta pesquisa. No período moderno, que abrange os séculos XVI e XVII, identificam-se as primeiras mesoconstruções com o verbo *saber* conforme os dados analisados, isto é, aquelas que inauguram o percurso funcional da construção com *saber* no recorte temporal estabelecido.

No século XVI, registram-se as mesoconstruções CCog-1, CCog-4, CCog-2 e CRep, além das modalizadoras de (in)certeza CMod-1 e CMod-2. Trata-se de um estágio de maior composicionalidade, em que o pareamento entre forma e significado permanece diretamente vinculado ao valor de *saber* como expressão de conhecimento. A CCog-1 expressa conhecimento factual; a CCog-4 introduz informação assumida como dada; a CMod-1 marca avaliação de certeza epistêmica na primeira pessoa; a CMod-2 e a CCog-2, na forma *não sei se*, expressam desconhecimento ou incerteza, podendo desencadear movimento discursivo; a CRep veicula conteúdo de fonte externa (soube que). Predomina, nesse momento, maior transparência semântico-funcional, com usos centrados no domínio cognitivo, ainda que já se observem deslocamentos em direção à organização discursiva.

No plano hierárquico, CCog-1 e CCog-2 ocupam posição mais alta na rede por apresentarem maior grau de esquematicidade e maior variabilidade no preenchimento de seus *slots*. Os subesquemas delas derivados são semi-esquemáticos, pois combinam uma parte fixa — pessoa gramatical, forma verbal ou complementizador *que* — e uma parte abstrata, correspondente à oração encaixada ou, nos casos discursivos, ao Movimento. Todas as construções que emergem a partir de CCog-1 e CCog-2 estabelecem-se por elos de subparte, que, conforme já definido, vinculam construções mais específicas a construções mais gerais, das quais herdam propriedades formais e funcionais, ao mesmo tempo em que introduzem restrições adicionais (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021). Nesses casos, a expansão da rede decorre do surgimento de padrões construcionais parcialmente vinculados às construções anteriores (CCog-1 ou CCog-2), por meio de elos de subparte, ou seja, as construções mais recentes preservam traços das construções mais antigas, embora passem a operar de forma independente.

No século XVII, a rede se expande com o surgimento de CMod-3, CMod-4¹⁵ e CCog-5. A CCog-5 desempenha função de focalização de informação dirigida ao interlocutor, por meio de formas como *saiba que*, que projetam ênfase sobre o conteúdo subsequente. Além disso, a construção cognitiva também se vincula à CCog-1 por elo de subparte, preservando a configuração formal de *saber+que* da CCog-1, ainda que com maior restrição formal e especialização de função.

As CMod-3 e CMod-4, por sua vez, emergem por elos de subparte a partir de CMod-1, preservando a configuração formal *primeira pessoa + presente do indicativo + que + oração*. Elas mantêm, portanto, a base estrutural da mesoconstrução modal mais abrangente, porém passam a assumir especialização funcional na interação. Ambos os subesquemas preservam a avaliação do falante sobre uma proposição, diferenciando-se quanto à posição discursiva em que operam: CMod-3 atua na introdução de tópico, marcando a abertura de um segmento com certeza epistêmica; CMod-4 atua na finalização ou no enquadramento de tópico, frequentemente preparando justificativas ou encerrando movimentos argumentativos. A CMod-3 e a CMod-4 diferenciam-se,

¹⁵ Optamos por unir a CMod-3 e a CMod-4 na representação dos esquemas pelo fato de que ambas apresentam natureza modal e, em um nível mais abstrato, desempenham a mesma função de organização do discurso. Entendemos que a diferença funcional relativa ao fato de CMod-3 voltar-se à introdução de tópico, ao passo que CMod-4, ao encerramento, não chega a determinar a existência de duas construções distintas, somente variações de um mesmo padrão funcional mais amplo, relacionado à organização da informação e à expressão de certeza. Além disso, o número reduzido de ocorrências não nos permite sustentar, com segurança, uma distinção formal robusta entre elas.

apenas, quanto à posição do tópico sobre o qual incidem, razão pela qual são representadas conjuntamente na rede.

No século XVIII, registra-se a mesoconstrução CCog-3, também derivada de CCog-1 por elo de subparte. Embora mantenha valor de conhecimento, a CCog-3 passa a operar diretamente na introdução de tópico, ampliando o escopo funcional da construção e intensificando o deslocamento de significado da construção, do eixo cognitivo para o eixo interacional. Sua derivação por elo de subparte se explica pela conservação formal da CCog-1 ao mesmo tempo em que se especializa discursivamente para introduzir um tópico, tornando-se uma construção independente da mais antiga.

Por fim, no século XX, emerge o subesquema de CMD, que constitui o único caso de construcionalização identificado nesta pesquisa. Diferentemente das demais construções que se vinculam aos esquemas mais gerais por elos de subparte, a CMD estabelece-se por elo de extensão metafórica. Como já mencionado, os elos de extensão metafórica conectam sentidos de naturezas distintas por meio de mapeamentos conceptuais, permitindo que uma construção seja reinterpretada a partir de um domínio diferente daquele em que se originou. Conforme argumenta Goldberg (1995, p. 72), as construções podem ser parcialmente motivadas e “influenciar umas às outras mesmo quando não interagem literalmente”, o que permite reconhecer padrões formalmente semelhantes, ainda que com reconfigurações específicas.

Consideramos que a CMD resulta, portanto, de um processo de extensão metafórica a partir das construções CMod-3 e CMod-4. Embora essas construções ainda se relacionem à expressão de modalidade epistêmica, elas desempenham função de organização tópica, ao articularem certeza epistêmica à introdução ou à finalização de segmentos discursivos. Além disso, conforme já mencionado, apresentam forte incidência da primeira pessoa do singular, preservando configuração formal próxima àquela que se estabiliza na CMD. O elo metafórico entre essas construções pode ser explicado pela transferência de um valor inicialmente associado à avaliação epistêmica para o domínio da organização textual. Nas construções modais, o conteúdo escopado é apresentado como informação assegurada pelo falante junto à factualidade associada às construções com *saber*. Ao ser projetado para o plano discursivo, o traço de factualidade passa a sustentar a introdução, retomada ou finalização de segmentos tópicos, visto que o tópico tende a se constituir como informação estável na interação. Contudo, em contraste com os demais subesquemas, observa-se que a CMD apresenta reconfiguração do pareamento forma-função: a marca de certeza epistêmica deixa de

constituir o núcleo semântico da construção e passa a funcionar como traço residual, ao passo que a função de organização tópica se torna central. A construção deixa, assim, de operar prioritariamente no domínio da avaliação do conhecimento e passa a integrar o domínio da organização discursiva. No subesquema da CMD, *(eu) sei-que Movimento tópico inicial/retomado/final*, o complementizador *que* passa a integrar formalmente a construção, razão pela qual se encontra ligado por hífen a *sei* na representação, evidenciando o processo de *chunking* e de maior fixação formal do par. Configura-se, desse modo, a emergência de um novo pareamento forma-significado no interior da rede construcional dos esquemas e subesquemas de *saber* estudados.

6. CONCLUSÃO

O objetivo principal desta pesquisa foi investigar, sob uma perspectiva diacrônica, as construções completivas com o verbo *saber* do português. Adotamos como referencial teórico para as análises a abordagem da mudança construcional e construcionalização proposta principalmente por Traugott e Trousdale (2021). Com base em dados do português representativos dos séculos XVI a XX, buscamos identificar em que medida as construções em estudo se envolvem em mudanças construcionais e em processos de construcionalização, bem como propor uma rede hierárquica de esquemas e subesquemas das construções identificadas com o verbo *saber*, organizada a partir das propriedades formais e funcionais observadas na análise diacrônica.

Identificamos com a pesquisa quatro grupos distintos de construções: construções indicativas de conhecimento (cognitivas), de modalidade, de evidencialidade reportativa e de marcador discursivo.

A análise diacrônica revelou que cada grupo percorre trajetórias próprias de estabilidade e mudança e que se distribuem hierarquicamente na rede proposta, partindo do esquema mais abstrato [*x saber obj*] para os subesquemas intermediários da CCog-1 e da CCog-2 e, a partir deles, para subesquemas menos esquemáticos, com graus distintos de composicionalidade.

As construções cognitivas, em geral, mantêm, em todos os períodos analisados, um elevado grau de composicionalidade, preservando o vínculo com o seu valor básico de transmissão de conhecimento.

Em termos de estabilidade, a CCog-1 mantém elevado grau de esquematicidade ao longo de toda a diacronia investigada. As demais construções cognitivas (CCog-2 a CCog-5), por sua vez, passam por reconfigurações que as vinculam à organização discursiva, assumindo funções de organização tópica e de focalização de informações. Ademais, a CCog-1 e a CCog-2 conservam maiores abstração formal e composicionalidade, enquanto a CCog-3, a CCog-4 e a CCog-5 apresentam maior fixação morfossintática e redução da composicionalidade, associando o significado de conhecimento à progressão temática e à atenção do interlocutor.

No interior da rede, CCog-1 permanece como subesquema mais esquemático, caracterizado por maior abstração formal e ampla variabilidade no preenchimento de seus *slots*, ao passo que CCog-2, embora também conserve elevado grau de

composicionalidade, apresenta redução relativa da esquematicidade em razão da fixação da negação e do encaixamento com oração introduzida por *se*. Quanto às demais construções cognitivas, enquanto CCog-1 e CCog-2 preservam maior grau de esquematicidade e abstração formal, CCog-3, CCog-4 e CCog-5 apresentam menor grau de esquematicidade, associado à fixação morfossintática e à especialização funcional que articula o significado de conhecimento à progressão temática e à atenção do interlocutor. Esse comportamento confirma a hierarquia proposta na rede dos subesquemas com *saber*, ao passo que a redução da esquematicidade acompanha a especialização funcional dos subesquemas.

No conjunto das construções modais, a CMod-1 e a CMod-2 afastam-se progressivamente do valor cognitivo associado às construções com *saber* e se aproximam do domínio das orações matriz epistêmicas do português. Podemos notar tal deslocamento a partir da consolidação de traços formais recorrentes ao longo da diacronia: concentração da primeira pessoa do singular na oração matriz e estabilização no presente do Indicativo e da modalidade declarativa (afirmativa ou negativa). Na rede sugerida, a CMod-1 configura um subesquema derivado da CCog-1 e possibilita a origem das CMod-3 e CMod-4, que articulam certeza epistêmica à organização tópica, preservando, entretanto, a configuração formal da oração matriz.

Também nos subesquemas modais, *saber* deixa de funcionar como descrição de um conhecimento e passa a codificar a avaliação do falante quanto à verdade da proposição, aproximando-se, funcionalmente, de construções de caráter avaliativo como *(eu) acho que...*, *(eu) penso que...*, etc.. Ainda assim, não se trata de construcionalização, somente de mudança construcional, pois não se verifica a emergência de um novo pareamento forma-função, isto é, o esquema formal da construção mantém-se estável ao longo dos períodos analisados, conservando a configuração [1ª pessoa + *saber* + que + oração completiva], com as fronteiras entre matriz e completivas preservadas, ainda que seu valor semântico se desloque do domínio cognitivo para o domínio de avaliação epistêmica.

No que se refere à CRep, verificamos a consolidação de seu valor como estratégia de atribuição externa da informação. Ao longo da diacronia, observamos que a construção passa a incidir majoritariamente sobre um Conteúdo Comunicado e a operar em contextos nos quais o falante não atua como origem do conteúdo, mas como um transmissor. Na rede dos esquemas e subesquemas, a CRep mantém vínculo estrutural com a CCog-1, embora apresente menor grau de esquematicidade em razão da

especialização funcional no domínio evidencial. Assim, entendemos que a mudança construcional observada é de natureza semântica e funcional, acompanhada de maior fixação do padrão e sem a emergência de novo pareamento forma-função.

A CMD, por sua vez, constitui o único caso de construcionalização efetiva identificado nesta pesquisa. Nela, verifica-se a reanálise do esquema [*x saber que-or*] e a fixação do padrão [(*eu*) *sei que*] como um *chunking*, acompanhadas de redução da composicionalidade e da convencionalização do valor de marcador de organização tópica. Na rede proposta, a CMD ocupa o ponto de menor grau de esquematicidade, resultante da fixação da primeira pessoa do singular, da estabilização da forma verbal no presente do indicativo, da integração do complementizador à construção e da restrição quanto à unidade escopada exclusivamente ao Movimento.

Além disso, na CMD, *saber* deixa de remeter a um conhecimento sobre o mundo sociofísico e passa a ativar informações consideradas partilhadas no plano textual-discursivo. A CMD instaura, assim, um novo pareamento forma-função e ocupa posição de nó inovador na rede, ainda em consolidação, mas com potencial para se esquematizar no padrão [VCog que]MD, atraindo outras construções com verbos de cognição, tais como *imagino que*, *lembro que*, *vejo que* e *entendo que*, etc., que possam vir a ser reinterpretadas como marcadores de organização tópica.

A variação observada quanto à correlação entre esquematicidade e composicionalidade na CMD confirma que os processos de mudança não seguem trajetórias uniformes. Ao analisar a CMD, verificamos a diminuição tanto da composicionalidade, quanto da esquematicidade, em razão da fixação formal e da restrição funcional do padrão. Ainda que o percurso da construção não corresponda ao padrão descrito por Traugott e Trousdale (2021), caracterizado pelo aumento de esquematicidade, ele acaba por revelar como processos de construcionalização podem envolver simultaneamente especialização estrutural e reconfiguração funcional, sem que isso implique, necessariamente, em aumento de esquematicidade da construção, especialmente em se tratando de padrões em estágio incipiente de mudança, como os dados revelam ser o caso da CMD.

Os resultados aqui obtidos ratificam, portanto, que as mudanças se desenvolvem de modo gradual, multifatorial e não homogêneo e que a mudança da construção matriz de oração completiva com o núcleo *saber* articula continuidade e inovação, expandindo a rede de construções do português.

Os achados desta pesquisa também abrem caminho para investigações futuras que possam examinar as construções com *saber* de forma separada, a fim de observar com maior precisão suas especificidades e seus percursos particulares de mudança. Além disso, pode-se ampliar a análise para construções semelhantes formadas com outros predicados matrizes, tanto do domínio da cognição, como *ver* e *perceber*, quanto de outros domínios semânticos, como os verbos de elocução, o que pode contribuir para uma compreensão mais ampla dos processos de mudança e das relações de herança entre construções completivas no português.

REFERÊNCIAS

- AULETE, Caldas. *Aulete Digital–Dicionário contemporâneo da língua portuguesa: Dicionário Caldas Aulete, vs. on line*, v. 3, 2018. Disponível em <http://www.aulete.com.br>. Acesso em: junho de 2020.
- BARÐDAL, J.; GILDEA, S. *Diachronic Construction Grammar: Epistemological context, basic assumptions and historical implications*. In: *Diachronic construction grammar*. John Benjamins, 2015. p. 1-50.
- BECHARA, Evanildo (1991). As fases da língua portuguesa escrita. Actes du XVIII Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes (ed. Dieter Kremer). Tübingen: Max Niemeyer Verlag. Vol. III, 68-75.
- BERTASSO, F. C. *Construções subordinadas com o verbo “saber” no português falado: uma abordagem cognitivo-funcional*. 2021.
- BRAGA, M. L. *Anais da Associação Brasileira de Linguística*, Florianópolis, 1999a. (CDROM da ABRALIN).
- BRAGA, M. L. *As orações encaixadas no dialeto carioca*. Relatório Científico apresentado ao CNPQ, 1999b. Mimeo.
- BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge University Press, 2010.
- CARVALHO, C. *Cláusulas encaixadas em verbos causativos e perceptivos: uma análise funcionalista*, 2004. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP.
- CASSEB-GALVÃO, V. C. *O ‘achar’ no português do Brasil: um caso de gramaticalização*, 1999. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP.
- CEZÁRIO, M. M. *Graus de integração de cláusulas com verbos cognitivos e volitivos*, 2001. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ.
- COSTA, S. P. T.S. *A construção de estrutura argumental com verbos de cognição no português brasileiro*. 2017. Tese – Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- CROFT, W. *Radical construction grammar: Syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- CROFT, W. *Logical and typological arguments for Radical Construction Grammar. Construction Grammars: Cognitive Grounding and Theoretical Extensions*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2005.

CROFT, W. Construction Grammar. In: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (ed.). *The Oxford handbook of Cognitive Linguistics*. New York: Oxford University Press, 2007. p. 464-508.

CUNHA-LACERDA, P. F. A. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. *Revista Linguística*, v. 12, p. 83-101, 2016.

CUNHA LACERDA, P. F. A. da; FURTADO DA CUNHA, M. A. Gramática de construções: princípios básicos e contribuições. In: OLIVEIRA, M. R.; CEZÁRIO, M. M. C. (Org.). *Funcionalismo linguístico: diálogos e vertentes*. 1. ed. Niterói: Eduff, 2017. p. 1746.

DIK, S. C. *The theory of Functional Grammar II*. New York: Mouton, 1997.

GONÇALVES, S. C. L. Gramaticalização, modalidade epistêmica e evidencialidade: um estudo de caso no português do Brasil. 2003. 250 p. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP.

DAVIES, M.; FERREIRA, M. *Corpus do Português* (45 milhões de palavras, sécs. XIV-XX). v. 11, n. 05, 2006. <http://www.corpusdoportugues.org>. Acessado em jul 2024.

GARCIA, A. G.; GONÇALVES, S. C. L. (Eu só) sei que é um marcador discursivo: funções textual-interativas de construção com o verbo “saber”. *Linguística*, v. 37, n. 2, p. 139-158, 2021

GOLDBERG, A. E. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. Constructions: A new theoretical approach to language. *Trends in cognitive sciences*, v. 7, n. 5, p. 219-224, 2003.

GOLDBERG, A. E. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: OUP, 2006.

GONÇALVES, S. C.; SOUSA, G. C.; CASSEB-GALVÃO, V. C. As construções subordinadas substantivas. In: NEVES, M. H. (Org.). *Gramática do Português culto falado no Brasil*. Classes de palavras e processos de construção. Campinas: Editora da Unicamp, 2008. p. 1021-1088.

GRADY, J. E. *Foundations of meaning: primary metaphors and primary scenes*. 1997. 299f. Tese (Doutorado em Linguística) - Graduate Division, University of California, Berkeley, 1997.

HENGEVELD, K; MACKENZIE, J. L. *Functional Discourse Grammar: A typologically based theory of language structure*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

JUBRAN, C. C. A. S. Revisitando a noção de tópico discursivo. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 48, n. 1, p. 33-42, 2006.

KAPP-BARBOZA, A. M. M. *Usos do verbo saber e a expressão da evidencialidade no português brasileiro*. 2017. 165 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2017.

KIPARSKY, P.; KIPARSKY, C. 1970. *Fact*. In M. Bierwisch and K. Heidolph (eds.) *Progress in Linguistics*. The Hague: Mouton.

LANGACKER, R. W. *Syntactic reanalysis*. In: *Mechanisms of syntactic change*. University of Texas Press, 1977. p. 57-140.

LANGACKER, R. W. *Foundations of Cognitive Grammar*. Vol 1: Theoretical Prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LEHMANN, C. Towards a typology of clause linkage. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. A. (eds.). *Clause combining in grammar and discourse*, v. 18, p. 181-225, 1988.

LYONS, J. Towards a national theory of the ‘parts of speech’. *Journal of linguistics* 2, n. 2. 1966. p. 209-236.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: EDUNESP, 2000.

NEVES, M. H. M. Construções encaixadas: considerações básicas. In: NEVES, M. H. M. *A gramática: história, teoria e análise, ensino*. São Paulo: Editora UNESP, 2002. p.151-162.

OLIVEIRA, M. R.; SAMBRANA, V. R. M. Neonálise e analogização na formação de Marcadores discursivos do português. *Estudos da Língua(gem), Vitória da Conquista*, v. 18, n. 1, p. 25-44, jan.-abr. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.22481/el.v18i1.6126>. Acesso em: 20 abril 2025.

PANTHER, K.; THORNBURG, L. L. 2007. Metonymy. In: Geeraerts D.; CUYCKENS, H. (eds.). *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, pp. 236–263. doi: <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199738632.013.0010>.

PINHEIRO, C. L. O tópico discursivo como categoria analítica textual-interativa. *Cadernos de estudos linguísticos*, v. 48, n. 1, p. 43-52, 2006.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, E.; SMITH, E. *Goldvarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows*. Toronto: University of Toronto/Department of Linguistics, 2005.

SMIRNOVA, E. When secondary grammaticalization starts: A look from the constructional perspective. *Language Sciences*, v. 47, p. 215-228, 2015.

SOMMERER, L. The influence of constructions in grammaticalization: Revisiting category emergence and the development of the definite article in English. In: *Diachronic construction grammar*. John Benjamins, 2015. p. 107-138.

SOUSA, G. C. *Gramaticalização das construções com orações completivas: o caso do complemento oracional introduzido por se*. 2007. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara/SP, 2007.

SOUSA, G. C. Gramática e gramaticalização de construções completivas. In: NEVES, M. H. M. (Org.). *As interfaces da gramática* (série Trilhas Linguísticas, no. 18). 1ed. Araraquara/SP: Cultura Acadêmica, 2010. p. 231-244.

SOUSA, G. C. História de uma completiva: origem e desenvolvimento do complemento oracional introduzido por “se” do português. *Alfa*, Araraquara, v. 56, n. 1, p. 81-107, 2012.

SOUSA, G. C. Percurso diacrônico de completivas introduzidas por “como” no português. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 42, n.1, p. 366-375, 2013. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1112/678>. Acesso em: 21 jun. 2020.

SOUSA, G. C. Motivações semânticas e pragmáticas na mudança gramatical. *Caligrama: Revista de Estudos Românicos*, v. 20, p. 53-72, 2015.

THOMPSON, S. A. “Object complements” and conversation towards a realistic account. *Studies in Language. International Journal sponsored by the Foundation “Foundations of Language”*, v. 26, n. 1, p. 125-163, 2002.

TRAUGOTT, E. C. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: Suggestions from the development of degree modifiers in English. In: ECKARDT, R.; JÄGER G.; VEENSTRA, T. (Eds.). *Variation, Selection, Development - Probing the Evolutionary Model of Language Change*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008. p. 219-250.

TRAUGOTT, E. C. Toward a coherent account of grammatical constructionalization. In: SMIRNOVA, E.; BARDDAL, J.; GILDEA, S.; SOMMERER, L. (Ed.). *Historical Construction Grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2012.

TRAUGOTT, E. C. Toward a constructional framework for research on language change. *Cognitive Linguistic Studies*, v. 1, p. 3-21, 2014.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. Construcionalização e mudanças construcionais. Trad. Taísa Peres de Oliveira e Maria Angélica Furtado da Cunha. Rio de Janeiro: Vozes, 2021 [2013].

TROUSDALE, G.. Constructions in grammaticalization and lexicalization: Evidence from the history of a composite predicate construction in English. In Trousdale and Gisborne (eds) *Constructional approaches to English Grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2008, p.33–67.

VENDRAME, V. A evidencialidade em construções complexas. *Estudos linguísticos (São Paulo)*, v. 34, n. s/n, p. 177-182, 2005.

VENDRAME, V. Da evidencialidade. *Pesquisas em gramática funcional: descrição do português*, p. 225, 2009.